

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Administração

Wilquer Silvano de Souza Ferreira

PARTIDOS POLÍTICOS COMO ORGANIZAÇÕES E REDES SOCIAIS:
O Caso do PCdoB em Belo Horizonte, Contagem e Betim

Belo Horizonte

2016

Wilquer Silvano de Souza Ferreira

PARTIDOS POLÍTICOS COMO ORGANIZAÇÕES E REDES SOCIAIS:

O Caso do PCdoB em Belo Horizonte, Contagem e Betim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Dra. Gláucia Maria Vasconcellos
Vale

Área de Concentração: Estratégia e Marketing

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F383p Ferreira, Wilquer Silvano de Souza
Partidos políticos como organizações e redes sociais: o caso do PCdoB em Belo Horizonte, Contagem e Betim / Wilquer Silvano de Souza Ferreira. Belo Horizonte, 2016.
155 f. : il.

Orientadora: Gláucia Maria Vasconcellos Vale
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Administração.

1. Partido Comunista do Brasil (1961-). 2. Partidos políticos – Minas Gerais. 3. Filiação partidária. 4. Redes sociais. 5. Análise de redes (Planejamento). I. Vale, Gláucia Maria Vasconcellos. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 329.15(815.1)

Wilquer Silvano de Souza Ferreira

PARTIDOS POLÍTICOS COMO ORGANIZAÇÕES E REDES SOCIAIS:

O Caso do PCdoB em Belo Horizonte, Contagem e Betim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gláucia Maria Vasconcellos Vale
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Prof. Dr. José Antônio Gomes de Pinho
(Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dr. Sérgio Fernando Loureiro Rezende
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Prof. Dr. Silvio Salej Higgins
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Belo Horizonte, 02 de março de 2016.

DEDICATÓRIA

*À minha irmã, Milca, que mesmo não estando
mais entre nós, me acompanhou nesse desafio;
Aos meus pais pelo apoio e confiança.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos, primeiramente à Deus, pela vida e capacidade; em especial à Gláucia Maria Vasconcellos Vale, minha orientadora, que me conduziu em toda jornada deste estudo. Meus agradecimentos, também, ao Silvio Salej Higgins, pelo apoio contínuo na análise de redes; ao grupo GIARS da UFMG, pela receptividade e colaboração para enriquecimento do trabalho; ao José Antônio Gomes de Pinho da UFBA, pelas sugestões e críticas sobre o referencial teórico desta pesquisa durante o ENANPAD 2015; ao Sérgio Fernando Loureiro Rezende, pelo apoio com material de pesquisa e pelas sugestões e críticas ao longo do percurso; ao vereador Tiago Santana, presidente do PCdoB em Betim, pelo apoio e auxílio; ao Wadson Ribeiro presidente do PCdoB em Minas Gerais, por abrir as portas do partido; a todos os membros do partido que colaboraram com a realização da pesquisa; ao João Bosco Diniz Torres e Winter Alves Correa, da Fiat Chrysler, pelo constante apoio e estímulo; à minha irmã, Milca de Souza Ferreira, que apesar de não estar mais entre nós, muito me ajudou com sugestões e críticas sobre o trabalho, aos meus pais pela constante dedicação, apoio e suporte; à todos meus amigos pelo apoio e aos queridos colegas e professores do PPGA da PUC Minas.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma nova abordagem para o estudo de algumas dimensões relevantes dos partidos políticos, através do esforço em conciliar dois campos de conhecimento, Partidos Políticos e Teorias Organizacionais, que apesar de grandes convergências, os mesmos encontram-se, atualmente, praticamente divorciados. O ponto de partida é o lado invisível dos partidos, ou seja, sua estrutura informal dotada de conexões entre os membros, que atualmente, é pouco analisada em estudos de partidos políticos brasileiros. A partir daí, o estudo dos partidos foi ampliado com resgate e associação da literatura sobre partidos políticos, teoria das organizações, redes sociais e laços, que permitiram a elaboração de um quadro teórico para análise dos partidos, baseado no tripé: I) análise da conformação das redes; II) análise das cliques, ou facções; e III) análise dos recursos transacionados. Foi realizada uma pesquisa de campo no partido político PCdoB, nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim, em Minas Gerais, Brasil. Como metodologia foi utilizada a análise de redes sociais – ARS, através da qual foram feitas as análises da rede do partido e das redes de ego de dois atores, selecionados com base nas medidas estruturais de centralidade e coesão. Os resultados obtidos demonstraram conformidade com os elementos teóricos enfatizados, dentre os quais, destacam-se: a relação entre redes informais e resultado eleitoral; o papel dos atores externos; a influência de amigos e parentes nas atividades partidárias; a importância do fator geográfico na configuração das cliques ou facções; a análise dos diversos recursos compartilhados pelos membros; e a análise comparativa entre as redes de ego dos dois atores selecionados, sendo o mais central e o menos central na rede do partido.

Palavras-chave: Partidos Políticos, Redes, Laços Sociais, Cliques e Facções.

ABSTRACT

This dissertation presents a new approach to the study of some relevant dimensions of political parties, through the effort to reconcile two fields of knowledge, political parties and Organizational Theories, which despite great similarities, they are currently almost divorced. The starting point is the invisible side of the parties, in other words, its informal structure with connections between members, which is currently little analyzed in the Brazilian political parties researches. From there, the study of parties was expanded with rescue and association of the literature about political parties, organizational theory, social networks and ties, which allowed the development of a theoretical model to analyze the parties, based on three pillars: I) networks design analysis; II) analysis of clicks or factions; and III) analysis of the transacted resources. A field survey on the political party PCdoB was developed in the cities of Belo Horizonte, Contagem and Betim - Minas Gerais, Brazil. The Social Network Analysis was used as methodology, which possibilited to study the the full network of the party and reach the ego network of two actors, selected based on structural measures of the full network centrality and cohesion. The results showed compliance with the emphasized theoretical elements, among which are: the relation between informal networks and electoral performance; the role of external actors; the influence of friends and relatives in party activities; the importance of the geographical factor in the configuration of the cliques or factions; the analysis of the several resources shared by the members; and a comparative analysis of ego networks of the two selected players, the most central and less central in the party network.

Keywords: Political parties, Networks, Social Ties, Clicks and Factions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro Teórico para Análise de Partidos.....	39
Figura 2 - Votos Obtidos na Última Campanha	50
Figura 3- Relação de Membros e suas Interconexões	52
Figura 4 - Relacionamentos do ator B	53
Figura 5 – Conexões Fortes entre Membros.....	58
Figura 6 - Conexões Fortes da Rede Completa	58
Figura 7 – Rede de Apoio a Solidariedade	61
Figura 8 – Rede de Aliança Política	65
Figura 9 – Rede de Dicas Sobre Campanha	68
Figura 10 – Rede Financeiro	71
Figura 11– Rede Apoio à Pleitos Pessoais	74
Figura 12 – Rede Mobilização de Militantes	77
Figura 13 – Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas	80
Figura 14 – Rede Informação sobre o Partido	83
Figura 15 – Rede Informação sobre Ambiente Político.....	86
Figura 16 – Rede Informação sobre Correligionários	89
Figura 17 – Egonet de F conforme categorias de análise	94
Figura 18 – Rede Política de F	95
Figura 19 - Rede Pessoal de F	95
Figura 20 - Rede Familiar de F.....	96
Figura 21 – Rede Sindicatos de F.....	97
Figura 22 – Rede Associações e Grupos de F	97
Figura 23 – Egonet A conforme categorias de análise	98
Figura 24 – Rede Política de A.....	99
Figura 25 - Rede Pessoal de A	100
Figura 26 – Rede Familiar de A	100
Figura 27 – Rede Sindicato de A.....	101
Figura 28 – Rede Associações e Grupos de A	102
Figura 29 – Recursos Rede Política de F.....	104
Figura 30 - Recursos Rede Pessoal de F.....	105
Figura 31 - Recursos Rede Familiar de F	106
Figura 32 - Recursos Rede Sindicato de F	107
Figura 33 - Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse.....	108
Figura 34 - Recursos Rede Política de A.....	110
Figura 35 - Recursos Rede Pessoal de A	111
Figura 36 - Recursos Rede Familiar de A	112
Figura 37 - Recursos Rede Sindicato de A.....	113
Figura 38 - Recursos Rede Associações e Grupos de A	114
Figura 39 - Ego rede do ator F e ator A.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Indicadores de Redes Utilizados	45
Quadro 2 – Síntese dos Relacionamentos de Recursos das Ego Networks	116
Quadro 3 – Evidências Empíricas por Concepção Teórica.....	118
Quadro 4 – Relação Centralidade x Resultado Eleitoral.....	119

.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resgate Sintético das Perspectivas Teóricas	38
Tabela 2 – Centralidade de grau na rede do PCDOB	52
Tabela 3 – Centralidade de Proximidade na Rede PCdoB	54
Tabela 4 – Centralidade de Intermediação na Rede PCdoB.....	54
Tabela 5 - Reciprocidade na Rede do PCdoB	55
Tabela 6 - Presença de Cliques na Rede.....	55
Tabela 7 - Presença de Cliques na Rede por Localidade.....	56
Tabela 8 - Presença de n-cliques na Rede	57
Tabela 9 – Presença de Cliques com Laços fortes	59
Tabela 10 - Presença de n-cliques na Rede Forte.....	59
Tabela 11 - Presença de n-cliques na Rede Forte por Localidade.....	59
Tabela 12 – Recursos Mapeados	60
Tabela 13 – Centralidade de Grau no Apoio à Solidariedade	62
Tabela 14 – Centralidade de Proximidade no Apoio à Solidariedade.....	63
Tabela 15 – Centralidade de Intermediação no Apoio à Solidariedade	63
Tabela 16 – Presença de Cliques na Rede Apoio à Solidariedade	64
Tabela 17 – Presença de n-cliques na Rede Apoio à Solidariedade.....	64
Tabela 18 – Centralidade de Grau na Rede Aliança Política	66
Tabela 19 – Centralidade de Proximidade na Aliança Política	66
Tabela 20 - Centralidade de Intermediação na Aliança Política	67
Tabela 21– Presença de cliques na Rede Aliança Política	67
Tabela 22 - Presença de n-cliques na Rede Aliança Política.....	67
Tabela 23 – Centralidade de Grau em Dicas Sobre Campanha.....	69
Tabela 24 – Centralidade de Proximidade em Dicas Sobre Campanha	69
Tabela 25 – Centralidade de Intermediação em Dicas Sobre Campanha.....	70
Tabela 26 – Presença de Cliques na Rede Dicas sobre Campanha	70
Tabela 27 – Presença de n-cliques na Rede Dicas sobre Campanha.....	70
Tabela 28 – Centralidade de Grau Financeiro	72
Tabela 29 – Centralidade de Proximidade Financeiro.....	72
Tabela 30 – Centralidade de Intermediação Financeiro	73
Tabela 31 – Presença de n-cliques na Rede Financeiro.....	73
Tabela 32 – Centralidade de Grau no Apoio à Pleitos Pessoais.....	75
Tabela 33 – Centralidade de Proximidade no Apoio à Pleitos Pessoais	75
Tabela 34 – Centralidade de Intermediação no Apoio à Pleitos Pessoais.....	76
Tabela 35 – Presença de Cliques na Rede Apoio à Pleitos Pessoais.....	76
Tabela 36 – Presença de n-cliques na Rede Apoio à Pleitos Pessoais	76
Tabela 37– Centralidade de Grau na Mobilização de Militantes	78
Tabela 38 – Centralidade de Proximidade na Mobilização de Militantes.....	78
Tabela 39 – Centralidade de Intermediação na Mobilização de Militantes	79
Tabela 40 – Presença de Cliques na Rede Mobilização de Militantes	79
Tabela 41– Presença de n-cliques na Rede Mobilização de Militantes.....	79
Tabela 42 – Centralidade de Grau na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas.....	81

Tabela 43 – Centralidade de Proximidade na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas	81
Tabela 44 – Centralidade de Intermediação na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas.....	82
Tabela 45 – Presença de Cliques na Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas...	82
Tabela 46 – Presença de n-cliques na Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas	83
Tabela 47 – Centralidade de Grau na Informação sobre Partido.....	84
Tabela 48 – Centralidade de Proximidade na Informação sobre Partido	84
Tabela 49 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Partido	85
Tabela 50 – Presença de Cliques na Rede Informação sobre Partido	85
Tabela 51– Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Partido	85
Tabela 52 – Centralidade de Grau na Informação sobre Ambiente Político	87
Tabela 53– Centralidade de Proximidade na Informação sobre Ambiente Político	87
Tabela 54 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Ambiente Político	88
Tabela 55– Presença de Cliques na Rede Informação sobre Ambiente Político.....	88
Tabela 56 – Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Ambiente Político	88
Tabela 57 – Centralidade de Grau na Informação sobre Correligionários	90
Tabela 58 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Correligionários	91
Tabela 59 – Presença de Cliques na Rede Informação sobre Correligionários.....	91
Tabela 60 – Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Correligionários	91
Tabela 61 - Principais Evidências sobre a Rede de Recursos na Agremiação Política.....	92
Tabela 62 - Síntese das Análises das <i>Ego Networks</i>	103
Tabela 63 – Fluxo de Recursos da Rede Política de F	105
Tabela 64 – Fluxo de Recursos Rede Pessoal de F	106
Tabela 65 – Fluxo de Recursos Rede Familiar de F.....	107
Tabela 66 – Fluxo de Recursos Rede Sindicatos de F.....	108
Tabela 67 – Fluxo de Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse de F.....	109
Tabela 68 – Proporção de Atores Rede Associação e Grupos de Interesse de F	109
Tabela 69 – Fluxo de Recursos na Rede Política de A.....	110
Tabela 70 – Fluxo de Recursos na Rede Pessoal de A	111
Tabela 71– Fluxo de Recursos Familiar de A	112
Tabela 72 – Fluxo de Recursos Sindicatos de A	113
Tabela 73 – Fluxo de Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse de A.....	114
Tabela 74 - Proporção Atores Rede Associação e Grupos de Interesse de A	115
Tabela 75 - Percentual de Indivíduos de mesma Localidade	121
Tabela 76 - Relação de Conexões entre Atores	123
Tabela 77 – Resumo da Rede de Recursos.....	124
Tabela 78 – Comparativo de Recursos das Ego Redes dos Atores F e A	125

LISTA DE MATRIZES

Matriz 1 - Relação de Membros e Suas Interconexões	51
Matriz 2- Conexões Fortes Entre Membros.....	57
Matriz 3 – Apoio a Solidariedade.....	61
Matriz 4 – Aliança Política.....	64
Matriz 5 – Dicas sobre Campanha.....	68
Matriz 6 – Financeiro	71
Matriz 7 – Apoio à Pleitos Pessoais no Contexto Político	74
Matriz 8 – Mobilização de Militantes.....	77
Matriz 9 – Orientação sobre Economia e Políticas Públicas.....	80
Matriz 10 – Informação sobre o Partido.....	83
Matriz 11 – Informação sobre Ambiente Político	86
Matriz 12 – Informação sobre Correligionários	89

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARS - Análise de Redes Sociais

EnANPAD - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em
Administração

EUA – Estados Unidos da América

PCDOB - Partido Comunista do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	O Problema de Pesquisa	14
1.2	Justificativa.....	17
1.3	Objetivos	20
1.3.1	<i>Objetivo Geral</i>	20
1.3.2	<i>Objetivos Específicos</i>	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	Objeto de Análise: Partidos Políticos e Teoria das Organizações	20
2.2	Partidos Políticos e Redes.....	25
2.3	Redes Sociais e Laços.....	32
2.3.1	<i>Quadro Teórico</i>	37
3	METODOLOGIA	39
3.1	Referencial Metodológico	39
3.1.1	<i>Indicadores de Redes</i>	42
3.2	Estratégia e Métodos de Pesquisa.....	46
3.3	Unidade Empírica de Análise.....	47
3.4	Estratégia de Coleta de Dados	47
3.5	Estratégia de Análise de Dados.....	48
4	ANÁLISE DA REDE DO PCDOB	50
4.1	Full Network do PCdoB	51
4.1.1	<i>Mapeamento dos Recursos da Rede</i>	60
4.2	<i>Ego Network</i> do PCdoB	93
4.2.1	<i>Egonet de F – Jô Moraes</i>	93
4.2.2	<i>Egonet de A – Tiago Santana</i>	98
4.2.3	<i>Mapeamento de Recursos das Ego Networks</i>	104
5	CONCLUSÃO	117
5.1	Conformação das Redes	119
5.2	Presença de Cliques ou Facções.....	120
5.3	<i>Ego Network</i>	122
5.4	Mapeamento dos Recursos.....	123
5.5	Limitações e Sugestões de Pesquisas Futuras.....	125
	Referências	127
6	APÊNDICE - Questionário de Pesquisa	140

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Problema de Pesquisa

Partidos políticos são organizações fundamentais para o funcionamento das democracias modernas e vêm sendo intensamente analisados, no contexto da ciência política. Embora dotados de peculiares e especificidades, apresentam, ao mesmo tempo, alguns dos mesmos traços gerais e necessidades presentes em outros tipos de organizações, tradicionalmente enfocadas pelos analistas organizacionais. Em que pese sua importância, não tem sido foco de interesse dos analistas organizacionais. Na literatura sobre teoria das organizações, raramente é possível encontrar referências às teorias políticas, sejam contemporâneas ou clássicas. “Da mesma forma, pesquisadores de teoria política raramente enxergam algo relevante nos trabalhos dos pesquisadores da teoria das organizações” (Kaufman, 1964, p. 5).

Concomitantemente, Janda (1990) argumenta que pesquisadores da teoria das organizações podem contribuir para a análise das organizações partidárias, introduzindo distinções conceituais e argumentos teóricos de uma literatura mais ampla.

Kaufman (1964) argumenta que estados, governos, partidos políticos e grupos de interesse são organizações como qualquer outra, embora possuam atributos únicos. Ao mesmo tempo, cada organização é normalmente interpretada como um sistema político, com todos os problemas de liderança, formação política, sucessão, estratégia, rivalidade, resistência, revolução, e a influência que isso implica.

Se as organizações são temas abrangentes de investigação, política é um tema muito mais abrangente. O que leva os teóricos organizacionais evitarem as instituições políticas na procura de dados, e teóricos políticos a concentrarem seus esforços em instituições imediatamente associadas com os governos públicos (Kaufman, 1964). Entretanto, contribuições conceituais de escritos sobre organizações, indicam como o estudo das organizações partidárias podem se beneficiar da literatura sobre teoria organizacional (Janda, 1990).

Apesar da existência de monografias e artigos sobre a organização de alguns partidos, como o PT e o PSDB, e alguns estudos comparativos, ainda há muito a descobrir sobre como as agremiações políticas surgidas no Brasil no atual período democrático selecionam lideranças e candidatos, administram suas finanças, tomam decisões, se relacionam com movimentos sociais e outras organizações da sociedade civil e envolvem militantes em suas atividades

(Amaral, 2013). Diante desse quadro, Amaral (2013) enfatiza a necessidade de trabalhos que minorem as lacunas existentes na literatura, e em resenha feita no final dos anos 1990, Lima Jr (1999) teria testado a baixa produção acadêmica sobre a organização dos partidos políticos brasileiros.

Escrevendo mais de uma década depois, Nicolau (2010) fez constatação semelhante, ao argumentar que, pouco se sabe como se estruturaram os partidos políticos brasileiros que se organizaram desde o final do regime militar (1964-1985). Entretanto, como apontado nos referidos trabalhos de Janda (1990), Deschower, (1986) e Kaufman (1964), esta não é uma área trivial, o que nos leva a salientar que muitas podem ser as contribuições dos analistas organizacionais ao estudo dos partidos políticos.

Os estudos sobre partidos políticos tradicionalmente inseridos no contexto das teorias organizacionais, vêm se diversificando, cabendo num amplo aspecto de interesses e um deles recorre à abordagem de redes. Masket (2014) argumenta que um ramo relativamente novo de abordagem teórica vê partidos políticos (partidos políticos americanos, em particular) como redes. Ou seja, eles não são organizações hierárquicas com papéis e líderes claramente definidos; em vez disso, consistem de associações de candidatos, cargos, doadores, ativistas, consultores e outros que conspiram para interferir nas eleições e influenciar a direção do governo.

Alguns estudiosos de partidos políticos geralmente têm se referido a esta área como “redes - *network*”, entretanto pesquisadores tem utilizado o termo “redes de partido – *party network*” (Schwartz, 1990), “matriz de partidos – *party matrix*” (Monroe, 2001) e partido expandido – *expanded party* (Bernstein, 1999) para se referir a todo o partido, isto é, tanto a organização formal, quanto a informal - as “redes” por detrás da organização (Masket, 2014).

Schlesinger (1985) analisa que a teoria organizacional dos partidos, ao focalizar os objetivos dos partidos, rejeita a distinção entre as estruturas e procedimentos formais e informais (redes do partido). Segundo Bernstein (2005), Schwartz (1990), ao analisar o partido republicano de Illinois, promoveu o pontapé inicial dos estudos em redes de partidos ao afirmar que "um partido político é uma organização", com componentes formais e informais. Em seu estudo, Schwartz utiliza metodologias para análise de rede social, e descobre que nem todas os aspectos da estrutura formal do partido são centrais para o grupo, mas que as partes informais do partido (redes) são muito importantes para o grupo. Neste sentido, Noel (2012) analisa que apesar das ferramentas necessárias para estudar os partidos serem as mesmas usadas para estudar outras organizações, algumas forças envolvidas no desenvolvimento e manutenção de um partido político, provavelmente não serão as mesmas envolvidas na manutenção de uma

cafeteria. Por esta razão, o referido autor sugere que os pesquisadores interessados em importar métodos de análise de redes, desenvolvam suas próprias teorias sobre os microprocessos que geram as redes, em vez de adotar teorias desenvolvidas para outros tipos de fenômenos sociais.

A adoção da análise de redes como recurso metodológico possibilita identificar, a partir das ações e as relações entre os atores políticos, a dinâmica organizacional dos espaços em que eles atuam. Tal relação pressupõe uma reciprocidade entre os atores envolvidos, seja pela identidade ideológica, pela afetividade, ou pela relação de troca ou confiança – favores, recursos materiais ou de outra natureza (Kerbauy & Assumpção, 2011).

Segundo Granovetter (1973) as relações sociais envolvem laços fortes e laços fracos; e a força de um laço é derivada da combinação, da quantidade de tempo, da intensidade emocional, da confiança mútua e dos serviços recíprocos existentes no laço. Além disso, Fazito e Soares (2010) acrescentam que, nas redes, existem regiões que comportam grande concentração de laços fortes e, conseqüentemente, suportam sobreposição de tríades, e, noutras regiões reticulares, a distribuição dos laços não se mostra de forma homogênea e muito menos independente, nelas ocorre a predominância de laços fracos ou simplesmente a inexistência de laços. Com efeito, a rede não é consequência, apenas, das relações que de fato existem entre os atores; ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores, do que Burt (1992) chama de “buracos estruturais”. O “desenho” do tecido social apresenta-se, desse modo, como algo semelhante a um queijo suíço. Para os analistas que salientam o “fechamento da rede”, o capital social guarda relação direta e proporcional com a quantidade de *cliques* (ou núcleos de tríades sobrepostas) e com a intensidade dos laços fortes (Engle, 1999).

Diante do contexto da importância da compreensão dos laços sociais em relacionamentos, onde a presença de cliques ou facções, podem estar presentes, o presente trabalho objetiva analisar a natureza das redes de interação entre atores de uma agremiação política e destes com os demais partidos relacionados e outros segmentos sociais. Propõe-se o seguinte problema de pesquisa: Como ocorrem as interações entre os atores de uma agremiação política e desses com outros partidos políticos e grupos de interesse?

1.2 Justificativa

Bryce (1921) argumenta que os partidos são inevitáveis para que um país seja livre; no início dos anos 1940, Schattschneider (1942, p. 1) resumiu sucintamente a sua importância, afirmando que "a democracia moderna é impensável, salvo em termos de partidos políticos". Várias décadas depois, foram utilizadas palavras semelhantes por outros estudiosos para ilustrar o papel central desempenhado pelos partidos. Como descrito por Stokes (1999, p. 245), os partidos são "fundamentais para a democracia, como uma parte inevitável da democracia".

Gunther, Montero e Linz (2003) argumentam que apesar de muitos estudiosos considerarem as pesquisas sobre partidos políticos irrelevantes para o desenvolvimento de uma teoria mais universalista da política, os partidos políticos no início do século XXI são confrontados com uma série de novos desafios, muitos dos quais não foram previstos nem abordados na literatura existente sobre partidos.

Diante desse quadro, Amaral (2013) enfatiza a necessidade de pesquisas que combinem abordagem empírica com uma análise refinada envolvendo os principais partidos do país. Um importante passo seria dado com um duplo esforço investigativo: (a) mapear o desenvolvimento organizativo dos principais partidos políticos do País; (b) descobrir quem são os filiados aos partidos políticos no Brasil, o que pensam, como participam das atividades partidárias e a quais redes de associação pertencem (Amaral, 2013).

No Brasil, existem grandes lacunas no estudo das organizações dos partidos políticos. Segundo Amaral (2013), Lima Jr (1999), em resenha realizada no final da década de 1990, teria atestado a baixa produção acadêmica sobre a organização dos partidos políticos. Mais de uma década depois, Nicolau (2010) fez constatação semelhante, ao observar que pouco se sabe sobre a estrutura dos partidos políticos, criados após o final do regime militar. Para o autor, a literatura vigente, formada, sobretudo, por dissertações de mestrado e teses de doutorado, contemplaria as duas grandes linhas. A primeira abordaria mais diretamente o Partido dos Trabalhadores. A segunda trataria dos demais grandes partidos. No primeiro caso, destacam-se os trabalhos de Meneguello (1989), Keck (1991), Ribeiro (2010) e Amaral (2011). No segundo, os trabalhos de Kinzo (1988), Mainwaring (2001), Ferreira (2002) e Roma (2002). Recentemente Melo (2015), analisou o sistema partidário brasileiro, com base nas eleições de 2014, e apontou a existência de um paradoxo, já que embora o PT e PSDB tenham controlado as eleições presidenciais nos últimos vinte anos, sua força em nível de competição eleitoral não cresceu em outras instâncias. Além disso, como observado por Amaral e Pinho (2015, p. 2), existira, no país, "grande fragmentação do poder entre as legendas políticas nos poderes executivo e

legislativo”. Para Amaral (2013), apesar de boas monografias e artigos sobre a organização de alguns partidos, como o PT e o PSDB, e alguns estudos comparativos, persistem várias lacunas na área.

Noel (2012) argumenta que existe um número crescente de pesquisadores que utilizam a análise de redes sociais (ARS) no estudo de partidos políticos. Entretanto, percebe-se que existem poucos estudos realizados no Brasil, e em pesquisas recentes realizadas em alguns dos principais periódicos, tanto da área de administração, quanto da sociologia e ciências políticas, incluindo: Revista de Administração Contemporânea (RAC) e *Brazilian Administration Review* (BAR), da Anpad, a Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP), o portal *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a revista *Organizações & Sociedade* (O&S), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Revista Brasileira de Ciências Sociais e *Brazilian Political Science Review*, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), a Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI), a Revista de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo (USP), a Revista de Sociologia e Política, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), não foram encontrados estudos empíricos que tratam a análise de rede sociais em partidos políticos. Entretanto, em pesquisas no site Google Acadêmico, foi encontrado um estudo de caso sobre a aplicação da ARS em partido político brasileiro, no caso, o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), publicado pela Revista Política & Sociedade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outro estudo sobre a adoção e uso do Twitter pelo congresso brasileiro, publicado nos anais de congresso do Enampad 2015. Neste contexto, o presente insere-se nessa lacuna, ao procurar mapear a rede social do Partido Comunista do Brasil – PCdoB, identificando a natureza dos recursos e possível presença de cliques, ou facções.

Fundado em 1922, o Partido Comunista do Brasil é o partido mais antigo do Brasil, foi perseguido pelo regime militar, dirigiu a Guerrilha do Araguaia em 1972 a 1975 e ao fim da ditadura alcançou a legalidade. O partido é formado por um comitê central com 125 membros, uma comissão política nacional, com 23 membros, eleitos em 2013, um secretariado com 3 membros, outras instâncias compostas por um grupo de trabalho eleitoral permanente com 7 membros, uma comissão de controle com 3 membros, coordenações nacionais com 10 membros e uma comissão permanente de festejos partidários com 4 membros (Partido Comunista do Brasil, 2015).

O PCdoB possui secretarias e comissões auxiliares que ajudam a direção do partido na elaboração, aplicação e controle das tarefas definidas pelo Comitê Central em cada frente, bem

como do ponto de vista técnico e gerencial. As secretarias são compostas pelas seguintes instâncias: presidência, comunicação, finanças, formação, juventude, movimentos sindicais, mulher, organização, planejamento, relações internacionais, sindical, questão da mídia, meio ambiente e questão amazônica e indígena (Partido Comunista do Brasil, 2015). Esta pesquisa apresenta foco de análise nas divisões do partido nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim, tomando como base os relacionamentos desenvolvidos pelos políticos eleitos e seus relacionamentos com outros políticos, atores e grupos sociais.

Ao analisar os relacionamentos dos atores associados ao PCdoB, este trabalho contribui para o enriquecimento da literatura sobre a análise de redes sociais de partidos políticos brasileiros. As conclusões da pesquisa também permitem identificar como os atores políticos, se organizam e interagem a nível informal, formando cliques ou facções e acionam seu estoque de capital relacional no desempenho de suas atividades e quais recursos fluem nessas redes.

Como salientado por Casey B. K. Dominguez: "Nós não sabemos como conceituar e identificar facções, ou a forma de olhar para os seus efeitos sobre sua estrutura, força e comportamento" (2005b, p. 178). Bernstein (2005) considera que o conflito entre facções é central nos partidos políticos, e os pesquisadores terão de desenvolver uma estrutura sofisticada para entendê-los se eles esperam desenvolver uma imagem clara de partidos.

A ausência de contribuições substanciais advindas de estudiosos da administração surpreende, sobretudo por dois motivos. Em primeiro lugar, como já salientado por Janda (1990), Deschouwer, (1986) e Kaufman (1964), pela presença de sintonias entre o campo de estudos dos partidos políticos e o campo de estudo das organizações. Em segundo lugar, pela importância estratégica do tema. O estudo dos partidos políticos não é trivial. Trata-se de uma área de grande interesse estratégico, capaz de gerar subsídios importantes, inclusive para a consolidação da ainda frágil democracia brasileira. Contribuições dos analistas organizacionais poderiam, certamente, enriquecer o campo e ampliar as perspectivas na área.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar como os membros de uma agremiação política se organizam, relacionam-se entre si e com outros segmentos sociais para acesso à recursos de interesse.

1.3.2 Objetivos Específicos

Mapear relacionamentos que os atores do partido mantem entre si e a natureza dos recursos aí inseridos.

Examinar os relacionamentos que esses atores desenvolvem com outros partidos e grupos de interesse e o tipo de recursos aí inseridos.

Verificar a presença de cliques ou facções políticas aí presentes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Objeto de Análise: Partidos Políticos e Teoria das Organizações

A literatura sobre partidos políticos é extremamente ampla, e optou-se, aqui, apenas por uma análise mais geral de alguns dos temas de maior interesse do presente trabalho. Para Bawn et al. (2012, p. 571) "estudiosos contemporâneos vislumbram partidos como um time de políticos cujo objetivo maior seria conquistar cargos eleitorais". Contrapõe a essa, sua própria visão. Para o autor (2012, p. 571) os partidos deveriam ser considerados "uma coligação de grupos de interesses e ativistas que almejam capturar e usar governos para atingir seus objetivos". Estes, iriam desde auto interesse material até idealismo mais elevado. Um partido político poderia ser definido como a união de várias pessoas que se opõem a outras, tendo em vista interesses e opiniões contrárias, representando o elemento natural em qualquer sistema político.

Segundo Luna (2015, p. 2), "os partidos políticos são a unidade central da organização política geral do estado, mas não existem no vácuo. Burocracias, empresas privadas, sociedade civil e lideranças tradicionais, interagem com os partidos na governança do Estado". Para Baracho (1979), uma completa análise dos partidos políticos, deveria levar em consideração as ideologias, infraestrutura social, estrutura, organização, participação, estratégia, suas relações

e dependência recíproca. Tais temas estariam inseridos em vários campos do conhecimento. Verdu (1971) argumenta que os partidos políticos constituem preocupações da Sociologia, da Ciência Política e do Direito Constitucional, sendo que cada uma dessas disciplinas os estudam em aspectos por elas considerados capitais. Neste contexto, Baracho (1979) salienta que existe uma dificuldade para fixação de um conceito unívoco sobre os partidos políticos, devido a fatores como proliferação de diferentes análises sobre partidos políticos; relativização histórica do conceito de partido; disputas entre contraditores e defensores dos partidos; dificuldades em se diferenciar os partidos de outras forças políticas.

Os estudos sobre partidos políticos variaram conforme a época, local e a natureza dos pesquisadores. Durante a primeira metade do século XIX, tinha-se em mente as ideologias, e não os homens que as encarnavam. A partir dos trabalhos de Marx e Lenine, a ênfase transitou para a infraestrutura social, considerando-se os partidos como modos de expressão das classes na vida política (Baracho, 1979). Weber (1970), no seu estudo clássico da política como vocação, observou que, na formação do estado moderno, surgiu a figura do político profissional. Para Michels (1915) os partidos políticos são paradoxais: apesar de suas origens democráticas, eles desenvolveram burocracias especializadas e se tornaram organizações oligárquicas. Entre 1920 e 1940, Ostrogorski (1910) e Robert Michels (1982), dedicaram mais atenção às estruturas dos partidos. Mais recentemente, começou-se a estudar a imagem que um membro possui de seu partido, o significado da sua adesão formal e a natureza dos laços que o prendem ao partido. Trabalhos recentes acerca do processo decisório sublinham, sobretudo, aquilo que os partidos fazem, mais do que aquilo que são, preocupando-se mais, eventualmente, com a estratégia dos partidos do que com a sua organização (Baracho, 1979). Um dos temas relevantes diz respeito à institucionalização dos partidos. No caso brasileiro, Mainwaring e Scully (1994) argumentam que a frágil estrutura partidária brasileira, mesmo em comparação com outros países da América Latina, estaria entre os últimos em termos de seus índices de institucionalização.

Para Baracho (1979), a análise da institucionalização de qualquer sistema partidário não deve restringir-se apenas às suas características formais. Representando bases eleitorais diferenciadas, os quadros partidários devem acompanhar o dinamismo social, para que possam responder às aspirações da sociedade contemporânea. Salienta o autor que os desafios desse processo são grandes, sobretudo no contexto de democracias de massa. Tal tema vem sendo tratado de diferentes maneiras, por distintos pesquisadores. Michels (1982), em seu estudo clássico sobre partidos políticos, já se referia à “Lei de Ferro das Oligarquias”. Ou seja, a proposição que o desenvolvimento dos partidos políticos não seria compatível com a manutenção de estruturas democráticas e de controle das lideranças por parte dos filiados. Nesse

contexto, as massas poderiam, apenas, substituir antigas elites por novas elites. Analisando os partidos de massa, Kirchheimer (1966) observa que esses estariam caminhando para um modelo de partido “*catch all*”. Segundo o autor, as principais características desse modelo de partido seriam: a) papel central exercido pelos profissionais; b) eleitoralismo, laços organizativos verticais fracos; c) predominância dos representantes públicos; d) financiamento por meio de grupos de interesse e fundos públicos; e) ênfase em questões de amplo apelo eleitoral. O modelo de partido “*catch all*”, também tem sido notado por Mainwaring e Liñan (1998), cujos resultados teriam revelado que os três grandes partidos catch-all brasileiros apresentaram grande variação interna nos níveis de lealdade, fidelidade e coesão.

Os partidos apresentam grande diversidade entre si. Duverger (1980) tentou sistematizar tal diversidade por meio da elaboração de uma tipologia e a criação de uma teoria geral dos partidos políticos. Seus estudos contribuíram para a compreensão de que tanto as origens, quanto a ideologia do partido, devem ser usadas como variáveis explicativas no tratamento da organização, no desenvolvimento e no comportamento dos partidos. Ao tentar modelar o que seria uma Teoria Geral dos Partidos, Duverger (1958) destaca os seguintes elementos de análise: origem; estrutura; natureza dos membros; direção; sistema político; quantidade de partidos; alianças; regimes políticos.

Observa-se, na literatura, não apenas a presença de várias tipologias, procurando captar e sistematizar a complexidade do tema como, também, a pluralidade de investigações. A natureza das preocupações e as linhas de investigação parecem variar entre diferentes regiões. No caso brasileiro, Fleischer (1966) observa que a maioria das pesquisas evitam realizar uma análise mais abrangente, associada a uma Teoria Geral dos Partidos, preferindo, ao invés disso, focar temas mais específicos, a exemplo das bases socioeconômicas do recrutamento partidário em certos períodos e a transição para o bipartidarismo no legislativo, de 1966 a 1979. No contexto americano, Baracho (1979) salienta que, embora os estudos sobre os partidos sejam numerosos, baseados em dados e observações minuciosas, faltam-lhes os levantamentos em torno da evolução das estruturas dos partidos, seu número, relações recíprocas, ou seu papel no Estado. Samuels e Shugart (2010), ao analisar como desenhos institucionais diferentes exercem influência sobre a organização dos partidos, observam que a predominância da literatura europeia na área fez com que uma variável institucional importante – o sistema de governo – tenha ficado ausente, embora os autores não descartem a importância de variáveis sociais, culturais e econômicas ausentes. Assim procedendo, abrem novas possibilidades de pesquisas, especialmente no âmbito da política comparada.

Nota-se, na essência de várias das abordagens e análises, a preocupação com as temáticas de institucionalização, estruturação, cartelização, relações de poder, mudanças, adaptações, todas elas, de uma maneira ou outra, teoricamente de interesse dos analistas organizacionais.

Para Kaufman (1964), embora a teoria das organizações e a teoria dos partidos políticos possuem diferentes tradições, métodos, objetivos e argumentos, existe uma convergência, essencialmente no pilar de suas explicações a respeito das temáticas da racionalidade e do condicionamento humano. A proposição sobre racionalidade diz respeito à maneira como indivíduos racionais calculam as vantagens sobre os custos de transações com outros. No que tange ao condicionamento humano, pesquisadores de ambos os campos, acordam que os indivíduos obedecem a certos comandos através de reflexos condicionados por determinadas fontes. Para o autor, os pesquisadores políticos, comparados aos teóricos organizacionais, se preocupam há mais tempo, em incorporar elementos não-rationais do comportamento humano. Isso se dá pelo fato dos indivíduos políticos possuírem menos alternativas para atuação, sendo que a aderência ou permanência em um sistema político não é, totalmente, um produto de escolha racional. Observa o autor que alguns teóricos organizacionais se surpreenderiam ao descobrir quantos filósofos políticos, em tempos antigos e medievais, estavam cientes das normas sociais e de lealdade grupais que um governante não se atreveria a violar para não perder sua legitimidade, temas esses abordados no contexto das teorias organizacionais. Em termos gerais, os teóricos políticos e teóricos organizacionais têm abordado, de maneira muito semelhante, as relações de poder e obediência entre indivíduos. Da mesma maneira, ao focar as estruturas de coordenação de atividades, tanto pesquisadores políticos como organizacionais discutem métodos para promover a coordenação e acabam, todos eles, na mesma posição.

Kaufman (1964) também argumenta que ambas as disciplinas convergem para a proposição da sobreposição dos objetivos da maioria sobre os individuais e, também, a noção que as organizações e seus membros compartilham interesses comuns. Teóricos políticos analisam interesses individuais e grupais em relação ao interesse do público geral. No mesmo sentido, teóricos organizacionais discutem objetivos individuais e dos subgrupos da organização em termos das metas organizacionais. Muitos pesquisadores políticos têm argumentado que o interesse público é reflexo dos interesses pessoais de seus agentes. Da mesma forma, no campo da teoria organizacional, a organização é retratada como um tipo de mercado em que cada homem persegue seus próprios objetivos, oferecendo uma contribuição em troca dos incentivos fornecidos pela organização. Portanto, em relação aos interesses

individuais e organizacionais, tanto a teoria política, como a organizacional tem apresentado argumentos e interesses convergentes.

Existe uma série de constatações na literatura sobre partidos que são similares às presentes no âmbito de análise dos pesquisadores organizacionais. Uma delas refere-se à estrutura dos partidos e pode ser vista nas análises pioneiras de Michels (1982). Para o autor, os partidos políticos originários de movimentos populares, tendem a desenvolver, ao longo do tempo, uma estrutura burocrática centralizada e a oligárquica. Tal estrutura seria resultante da incapacidade de auto direção das massas, aliada às exigências técnico-administrativas da própria máquina de gestão do partido. Passam a existir dirigentes muito mais preocupados com a manutenção de suas posições internas e com a sobrevivência da organização do que com os objetivos políticos que inspiraram a sua criação. Como consequência, decorre uma autonomização da liderança em relação às bases partidárias e uma flexibilização dos princípios ideológicos e programáticos da agremiação, de forma que “a estrutura dos partidos é influenciada pelas estratégias políticas das elites na busca e manutenção do poder” (Engelmann, 2010, p. 157). “Quanto mais centralizados, maior será a sua equipe, a sua coesão interna, e a importância dos líderes do partido, que irão intervir mais nas negociações” (Nunes, 2012, p. 88).

Subjacente às questões ligadas à estrutura dos partidos, Noel (2012) aponta a natureza informal da organização partidária, abrindo um leque para o entendimento dos partidos segundo os relacionamentos que os atores internos e externos desenvolvem entre si. Nesse ambiente, a coordenação se daria em larga escala, já que alguns apoiam certos candidatos, enquanto outros preferem outros candidatos ou metas.

Concomitante a temática das estruturas informais, situa-se, a temática das cliques ou facções políticas. Key (1949) define facção como qualquer combinação, clique, ou agrupamento de eleitores e líderes políticos que se unem particularmente para apoiar um candidato. Ao contrário de Key, Polsby (1983) não limita o conceito de facções à candidatos e eleições, ele define facção como um grupo que age por intermédio de um partido político na busca de um interesse comum. Polsby (1983) concorda que os grupos de interesse são "entidades fundamentais em qualquer sistema político complexo". Para Polsby, dispositivos constitucionais majoritários empurram grupos de interesses americanos em partidos políticos, pressionando os partidos a fornecer incentivos para que estes grupos ingressem em coligações, definidas pelo autor como "alianças entre grupos organizados com a finalidade de alcançar objetivos comuns para a partes constituintes" (Polsby, 1983, p. 65).

Segundo Bernstein (2005) os partidos podem fazer isso de duas maneiras. Em primeiro lugar, eles fornecem regras estáveis que impedem que as facções alcancem seus objetivos sem cooperação, e, em segundo lugar, eles constroem organizações fortes. A primeira dessas condições faz sentido e, em alguns aspectos, a história da política para indicação de candidatos a partir de 1968 é uma demonstração de sua importância (ver, por exemplo Cohen et al., 2001; Bimes e Dominguez, 2004; Bernstein, 2004). Bernstein (2005) salienta que a segunda condição, organizações fortes do partido, que é interessante. Onde as organizações partidárias são fortes, a construção de coalizões floresce. Onde elas são fracas, a política de rivalidade entre facções prevalece, em seguida, a organização do partido é, em certo sentido, um baluarte contra o partidarismo. Entretanto, as facções não são, por definição de Polsby (1983), algo externo aos partidos - facções novamente são grupos por intermédio de um partido político na prossecução de um interesse comum - indivíduos dentro dos partidos podem ter uma natureza dupla. Ou seja, eles podem ser leais ao seu partido e ao mesmo tempo defender o interesse de facções (Bernstein, 2005).

Bernstein (2005) argumenta que a literatura emergente sobre redes de partidos, é uma excelente plataforma de lançamento de estudos empíricos de facções e partidos. O conflito entre facções é um tema recorrente e talvez, até mesmo um fato central da vida para os partidos políticos. Sérios estudos empíricos têm de lidar com as fontes e as consequências desse conflito (por exemplo Ware, 2005; Polsby, 2005). No entanto, o Bernstein (2005) alerta que muito pouco tem sido feito para compreender a natureza de tal conflito intrapartidário, ou suas implicações mais amplas. O presente trabalho ao recorrer à Análise de Redes Sociais – ARS, oferece uma contribuição para esse tipo de análise.

2.2 Partidos Políticos e Redes

O estudo das redes de partidos é um subconjunto de análise de redes sociais dentro da ciência política. A análise de redes sociais tem uma história venerável no campo da matemática e tem sido adotada pelas ciências sociais ao longo das últimas décadas, mas apenas ganhou real notoriedade dentro da ciência política a partir do final da década de 1990. Em geral, a análise de redes sociais examina as relações entre atores individuais, contando com links (ou "bordas") entre os indivíduos (ou "nós") para revelar padrões de comportamento que apesar de escondidos, são de suma importância. Tal ferramenta de investigação é ideal para o estudo dos partidos políticos, dado suas estruturas multifacetadas e comportamentos ocasionalmente secretos (Masket, 2014).

Masket (2014) salienta que vários pesquisadores concebem os partidos políticos como redes, porém sem utilizar especificamente técnicas de análise de redes sociais em suas análises. Para o referido autor, a literatura existente permite ver partidos como coleções de atores que trabalham em direção à objetivos comuns. Bernstein (2005) oferece uma avaliação útil dos estudos existentes a partir de meados dos anos 2000. Schlesinger (1985) argumenta que uma nova forma de partido político está emergindo onde os laços estão mais fortes entre os candidatos e titulares de cargos políticos. Monroe (2001) encontra evidências de um novo tipo de partido político em um estudo de funcionários políticos na Califórnia. Cohen et al. (2008) argumentam que as redes informais de elites políticas conspiram o resultado das primárias presidenciais - uma descoberta ecoou no nível de congresso nos estudos de Dominguez (2005) e também a nível legislativo por Masket (2009). Bawn et al. (2012) ampliam estes resultados, oferecendo um modelo de partidos mais geral, como coleções de intensas demandas políticas cujas preferências não necessariamente estão alinhadas com as dos eleitores. Entretanto, alguns estudiosos, alertam para os riscos de ver tudo como uma rede. Noel (2012) enfatiza que estudiosos devem questionar se algo é conceitualmente uma rede antes de analisá-la como tal. Fowler et al. (2011), por sua vez, descrevem algumas das dificuldades de lidar com a causalidade e homofilia em redes de pesquisa, ambos os quais podem comprometer resultados.

A abordagem de pesquisa de redes sociais é susceptível de ser mais útil e precisa na compreensão do que seja os partidos e como eles funcionam. A abordagem de rede permite ver, por exemplo, como doadores fornecem vantagens para um número pequeno de candidatos na disputa para indicação do partido, como legisladores sinalizam seu apoio para as contas e constroem coalizões, quais grupos de interesse estão ligados aos partidos políticos, e assim por diante. Estas análises fornecem descrições úteis de partidos, mas vão além disso; inovações recentes em estudos de rede permitem testes empíricos de argumentos causais. A aplicação de técnicas de redes sociais tem provado ser uma ferramenta incrivelmente poderosa e reveladora no estudo dos partidos, um dos temas mais inescrutáveis (Masket, 2014).

A análise de redes sociais (ARS) floresceu em diversas disciplinas, entretanto teve maior impacto na sociologia, utilizando métodos de rede para entendimento do comportamento e no contexto de interações sociais. Sociologia e Ciência Política são disciplinas correlatas, e muitas das teorias que explicam o comportamento entre esses fenômenos sociais pode também explicar fenômenos políticos (Noel, 2012). O argumento de Noel, pode ser reforçado ao considerar “o conceito de política como a forma de atividade ou de práxis humana estreitamente ligada ao poder” (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1986, p. 954-955), que por sua vez, em sua conotação weberiana, "significa a probabilidade de impor a própria vontade, dentro de uma relação social,

mesmo contra toda resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade" (Weber, 1979, p. 43). Desta forma, é possível inferir que as relações desenvolvidas por atores políticos, também estão enraizadas em estruturas sociais e são por elas influenciadas.

Bernstein (2005) argumenta que os trabalhos sobre redes de partidos originaram dos estudos acadêmicos sobre a força dos partidos políticos que dominaram a academia e complementarmente à expansão da cultura política nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto, os estudos desse período focaram em aspectos formais dos partidos, desprezando o papel informal dessa organização, ou seja, as redes de partidos.

Em sua obra *The Party Network*, Schwartz's (1990), analisa o partido republicano de Illinois, realizando várias entrevistas e observações de atores políticos. Schwartz começa com uma afirmação que promove o pontapé inicial dos estudos em redes de partidos: a de que "um partido político é uma organização"(p. 3) com componentes formais e informais. Com base nesse estudo, Bernstein (2005) argumenta que as ferramentas necessárias para estudar os partidos são as mesmas usadas para estudar outras organizações. De acordo com Bernstein (2005), Schwartz's utiliza teorias de escolha racional, entre outras abordagens, para entender o partido em eleitorado, idealizando que o ambiente do partido pode impor restrições ou incentivos para o partido. Schwartz's (1990) também utiliza as metodologias para análise de rede social, para descobrir que nem todas os aspectos da estrutura formal do partido eram centrais para o grupo, mas que as partes informais do partido eram muito importantes para o grupo. Schwartz (1990) relata que, a estrutura oficial do partido não é necessariamente central, nem especialmente poderosa dentro da rede. O autor também conclui que enquanto o dinheiro tende a ser utilizado para ligar os elementos da rede, a ideologia tende a separa-los.

Pesquisas posteriores começaram a classificar as redes de partidos em várias categorias, com os autores geralmente especializados em um ou mais grupos de atores dentro da rede: profissionais de campanha - incluindo consultores e equipe de campanha; militantes do partido - muitos dos quais se oferecem para ajudar na organização da campanha do candidato, organizações formais do partido, os auxiliares pagos pelos funcionários públicos, os doadores de partidos, seus candidatos e grupos ligados aos partidos. Naturalmente, um dos pontos principais da ideia de "rede" é que há uma interação considerável entre esses grupos (entre estes e as organizações formais do partido) (Bernstein, 2005).

Monroe (2001), em seu trabalho "*The Party Matrix*", utiliza evidências na cidade de Los Angeles. O foco de Monroe está na equipe de funcionários eleitos; ele identifica cerca de noventa funcionários eleitos que empregam mais de mil e quinhentos auxiliares pessoais na folha de pagamento do governo, e ele descobre que essas pessoas executam tarefas do partido,

como o recrutamento de candidatos e a mobilização do eleitorado. Bernstein (2005) argumenta que esse é um contraste marcante em relação à estudos anteriores de funcionários do congresso, que geralmente olham para o aumento da capacidade pessoal como um meio para que os funcionários eleitos garantam a sua reeleição (pessoal) e, portanto, como uma contribuição para as políticas centrada no candidato.

Bernstein (2005) analisa que assim como Schwartz, Monroe mostra que um dos pontos fortes da investigação de redes de partidos é que ela é capaz de revelar o modo que os partidos vinculam diferentes escritórios e diferentes níveis do governo.

Masket (2002, 2004) analisa as redes do partido da Califórnia. Masket afirma que as organizações informais de partido são locais, e não nacionais. O referido pesquisador molda seu estudo como um teste explícito de partidos contra a política centrada nos candidatos, alegando que, quando as organizações formais e informais de partido são fortes, o modelo centrado no candidato tem pouca relevância, porque os partidos interpõem-se entre cargos e os eleitores e na maioria das vezes dominam completamente o relacionamento. Neste sentido, eleições são tipos de "situações de mercado" e o contexto de "mercado" determina quem vai manter o poder no partido. Os militantes estão divididos em categorias de escolha racional que envolvem familiares, atores que buscam ganhos materiais através das políticas públicas; ativistas que estão ideologicamente motivados para eleger aqueles que compartilham suas preferências políticas; e corretores, que são atores políticos experientes, ocupantes de cargos geralmente experientes, lobistas, ou consultores de campanha, que ajudam a manter conexões da organização.

Apesar de Masket (2002, 2004) tomar as redes do partido, quase que por suposição, como entidades locais, Bernstein (2005) argumenta que existem vários outros estudos que examinam partidos nacionais e as redes de partido associados.

Doherty (2003) argumenta que sob certas condições, candidatos racionais cooperaram com os outros para formar partidos fortes de múltiplos núcleos. Segundo Bernstein (2005), os estudos de Doherty (2003, 2005) ao examinar as conexões entre atores, fornecem uma descrição rica da rede do partido, definida como a estrutura de ligação entre todos os candidatos em tempo especificado e lugar. A metodologia permite-lhe identificar a densidade e clusterização em redes de partido, a distância entre as campanhas, e da centralidade de algumas campanhas dentro da rede.

Bernstein (2005) focou nas organizações de campanha do candidato, incluindo o pessoal, voluntários, organização formal, etc. Dentro dessas organizações, seu estudo revelou planos de carreira de ativistas e profissionais de campanha, mostrando que uma minoria

permanece fiel à apenas um dos políticos ao longo do tempo, mas a maioria move livremente de um candidato para outro, ou entre candidatos e organizações formais do partido. O autor demonstra que nas eleições da câmara dos EUA, os candidatos em corridas competitivas - que são adversários de qualidade e aqueles em áreas de partidos com forte tradição - possuem muito mais chances de pertencer a redes de partidos, e aqueles que estão envolvidos nas organizações informais do partido são mais propensos a atrair recursos de organizações formais do partido (Bernstein, 1999; Bernstein & Raymond, 1999). Bernstein (2005) argumenta que amigos e membros da família dos candidatos, são muitas vezes (e particularmente em corridas competitivas) ligados ao seu partido, ao invés de simplesmente adeptos de alguém próximo que passou a concorrer a um cargo.

A crescente literatura começou a conceituar os partidos políticos como redes de atores. Esta abordagem estabelece um papel central para os agentes informais, e pondera aspectos formais do partido e do governo na medida em que eles participam da rede. Segundo esta abordagem, um partido é uma equipe organizada que concorre para adquirir posição (Noel, 2012).

Esta abordagem tem sido tanto teórica e empírica. Alguns trabalhos se adaptam a rede como uma alavanca teórica (por exemplo, Schwartz, 1990; Bernstein, 1999; Monroe, 2001; Dominguez, 2005; Cohen et al., 2008; Masket, 2009). Porém, muitos trabalhos dessa corrente não utiliza os métodos de análise de redes e ignoram as características estruturais da rede, a exemplo de Marty Cohen, David Karol, Hans Noel e John Zaller, os quais argumentam que o partido escolhe o seu candidato através de uma coordenação informal facilitada por uma rede de contatos (Noel, 2012).

Noel (2012) argumenta que outros trabalhos utilizaram análise formal de redes sociais em partidos políticos (por exemplo, Skinner, 2005; Doherty, 2005; Heaney & Rojas, 2007; Koger, Masket & Noel, 2009, 2010), mas muitas vezes esses trabalhos são forçados a considerar as relações que estão, teoricamente, a um passo de distância dos principais microprocessos que geram a rede. Por exemplo, Koger, Masket e Noel (2010) usam a corretagem de nomes dos doadores para fazer ligações entre as várias organizações partidárias informais e grupos de interesse, entretanto, teoricamente, sugere-se que a cooperação é muito mais central para as missões destas organizações do que as suas estratégias de captação de recursos.

Estudos recentes sobre partidos políticos têm enfatizado a natureza informal da organização. Isso abre o entendimento para uma série de outras considerações, incluindo a papel dos atores externos (por exemplo, Bawn et al., 2012; Bawn & Noel, 2007; Masket, 2009). Noel (2012) analisa que embora estudos recentes expandem o escopo de quem está no partido, isso

não muda a principal tarefa que os partidos precisam realizar, partidos ainda são coalizões (por exemplo, Schattschneider, 1942; Aldrich, 1995; Noel, 2012).

Jogos de coordenação podem gerar equilíbrios de sucesso para os seus jogadores, especialmente quando há pontos focais. É possível, até provável, que a ideologia sirva como ponto focal (Noel, 2006; Masket, 2009). Se a ideologia explica a ação comum, então a rede não é tão importante e todos podem receber a transmissão da mensagem ideológica de líderes de opinião, independentemente das suas conexões pessoais. Mas talvez a ideologia não seja suficiente para pôr cada ator dentro da linha. Partindo dessa premissa, estudiosos supõem que as redes ajudam na difusão informal de estratégias (Ringe & Victo, 2012; Koger, Masket & Noel, 2009). As redes também podem revelar facções dentro do partido (Koger, Masket & Noel, 2010). Se a parte não segue uma estrutura hierárquica, em seguida, a estrutura das ligações dentro das redes pode revelar como o partido está realmente organizado. Isto é, quem está conectado a quem e como (Noel, 2012).

Dominguez (2005) expandiu seu estudo das organizações partidárias informais e financiamento de campanha, usando análise de rede social para examinar a sobreposição de doadores entre os vários comitês de partido formais. O trabalho de Dominguez abrange a câmara, o senado e as eleições presidenciais dos EUA, examinando a interseção de redes do partido e organizações formais do partido.

Segundo Bernstein (2003) as redes de partido, ao controlar recursos importantes, poderiam desempenhar um papel importante nas nomeações presidenciais. A chave são endossos por políticos conhecidos e outros líderes do partido, que atuam como um jogo de sinalização que possibilita que os líderes encontrem um candidato amplamente aceitável. Estes endossos também servem para trazer os recursos escassos para campanhas, incluindo dinheiro, profissionais de campanha, ativistas, coordenação dos líderes do partido, que dará ao beneficiário deste suporte, uma poderosa vantagem nas primárias vencedoras, e, portanto, na conquista de delegados e nomeações. E desta forma, o autor alega que os partidos influenciam fortemente as nomeações, encerram a era do caos e restauram a ordem dos candidatos. Com o subcampo de estudos de rede de partido, apareceram uma série de estudos menores para complementar as principais conclusões. “A força particular deste estudo é que ele conecta partidos formais com os grupos de interesse de partidos aliados e os meios de comunicação de massa; enfatizando o modo de como estas fontes de informação estão ligadas aos partidos políticos” (Bernstein, 2003, p 20).

Richard Skinner (2004, 2005) acrescenta o foco em grupos de interesse, um tema que tem recebido pouca atenção de alguns autores. Skinner utiliza entrevistas de elite ao descobrir

que muitos grupos de interesse, têm sobreposição de filiação e liderança com campanhas de candidatos e organizações formais de partidos, e que eles tendem a pensar em si mesmos como pertencentes à seus partidos. Kolodny e Dulio (2003) enfatizam o grau de cooperação que existe entre organizações formais do partido - especialmente comissionados - e consultores políticos.

A ideia fundamental de uma parte da literatura de rede é que os partidos políticos – especialmente os partidos americanos – não se restringem às organizações formais do partido. Em vez disso, grupos de ativistas, profissionais de campanha, e outros atores tem surgido, as vezes como filiados à determinados partidos. Entretanto, em outros, são associados apenas à determinadas campanhas de candidatos, ramos legislativo ou executivo do governo, grupos de interesse ligados, ou mesmo, sem nenhuma ligação formal ao partido (Bernstein, 2005).

Noel (2012) analisa que a diferença básica na análise de redes sociais políticas, é que, ao invés de surgir naturalmente, as redes políticas são intencionais. O que afasta uma série de processos que são conhecidos como condutores da formação de redes, a saber: 1) *Preferential attachment* - refere-se à tendência entre as redes em que muitos laços atraem mais laços 2) *Homophily* – outro fator determinante dos laços, que se refere a tendência dos atores se conectarem a indivíduos semelhante a eles. 3) *Triadic Closure* – envolve a tendência, em que dois nós conectados, ambos conectados há um terceiro nó, tendem a ambos estarem, bem conectados. Essas tendências, provavelmente, também existem em redes políticas, que são, naturalmente compostas por pessoas que têm naturezas sociais. Mas há outros incentivos políticos que também podem estar em jogo, e que pode até dominar essas tendências sociais.

Do ponto de vista de um partido político, a necessidade de construir, gerenciar e manter uma coalizão envolve uma série de incentivos em desacordo com os acima: 1) *A winning coalition* – considerando que o objetivo principal de um partido é ganhar, através de uma eleição ou votos em uma legislatura, na maioria dos cenários o partido deverá ser constituído de uma coalizão de cinquenta por cento dos votos, mais um. Algumas circunstâncias podem exigir coalizões um pouco maiores, mas se os atores se prenderem apenas aos que são semelhantes a eles (homofilia) ou aos que lhes foram introduzidos (fechamento triádica) não será suficiente para alcançar o percentual de cinquenta por cento, devendo, portanto, continuar a construir a coalizão. 2) *A Minimal Winning Coalition* – uma coalizão vencedora de grandes dimensões pode ser um problema, uma vez que os membros podem apresentar pontos de vista muito divergentes, e o corte de alguns membros pode ocasionar a perda de outros, desta forma o líder de partido deve evitar relações com grupos cujos votos não são necessários. 3) *A united front* – os presidentes dos partidos devem procurar manter grupos com objetivos diferentes unidos,

procurando atender a necessidade de todos os grupos, desta forma os atores devem trabalhar com pessoas que eles não concordam, para cimentar a coalizão (Noel, 2012).

2.3 Redes Sociais e Laços

A tríade na concepção simmeliana é uma constelação de três elementos que ajuda na compreensão do universo social, apresentando uma dupla função de “aliar e separar”, capaz de formar coalizões e alianças plurais e variadas ao modificar as relações entre os dois outros atores (Simmel, 1950b). Mark Granovetter (1973), ao analisar a força dos laços sociais, afirmou que a *tríade simmeliana* é, por definição, constituída de laços fortes. Em razão dessa “intuição”, referente a forma e a força das relações sobre os comportamentos individuais, Simmel (1950a) sugere que, para a cooperação, para o desenvolvimento da solidariedade e para a coesão social é fundamental que a tríade se feche sobre si mesma.

Burt (1992) utiliza a expressão “buracos estruturais” para designar a heterogeneidade da constituição e distribuição das relações fortes e fracas no tecido social. Esse autor sustenta que um buraco estrutural é uma relação não redundante entre dois contatos, e estão associados ao desempenho competitivo dos atores numa rede de relações e posições estruturais objetivas, desta forma o capital social consiste em propriedade estrutural e cria “vantagem competitiva” individual.

Fazito e Soares (2010) analisam que a ideia de “buraco estrutural” se vincula ao entendimento de capital social como a posição estrutural ocupada por um ator na rede e as vantagens auferidas pela manipulação das relações de exclusividade aí concentradas. De modo que, se as análises sobre o fechamento da rede tendem a focalizar os laços internos dos grupos e a chamada densidade das relações de rede, compreende-se que o capital social envolve recursos que são manipulados internamente pelos grupos ou cliques; a densidade das relações externas aos grupos e a maneira pela qual os atores se orientam com base nelas, constitui o foco das análises que se ancoram no conceito de buracos estruturais. Neste sentido, Noel (2012) ao analisar a rede de partidos políticos, identifica vários grupos, ou cliques associados aos partidos, nos quais os atores informais apresentam grande relevância para a rede. Em seu estudo, alguns atores apresentaram características semelhantes, constituindo *homophily*, na qual alguns estavam ligados pela mesma ideologia.

Simmel (1983) concebe a sociedade como uma intrincada rede de múltiplas relações entre indivíduos que estão em constante interação uns com os outros. Na visão de Simmel (1983) a cooperação e a colaboração, estão associadas ao conceito de interação; isso porque

apenas quando os indivíduos produzem ações que influenciam uns aos outros acontece a interação. Neste sentido, a importância da interação reside no fato de que é por meio dela que ocorre a formação de círculos sociais - interligações entre indivíduos de grupos distintos e dentro de um mesmo grupo.

Granovetter (1973) focaliza a interação em pequena escala, baseada na força dos laços interpessoais, para demonstrar como a análise de redes permite relacionar laços aos macrofenômenos. Em seu argumento, o autor destaca que a noção intuitiva dos laços interpessoais conduz a pensar que a força destes laços se encontra na combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, intensidade e reciprocidade de serviços que caracteriza um vínculo. Cada um destes fatores é independente, embora o conjunto seja, altamente intracorrelacionado. A presença de uma escala na intensidade e qualidade destes laços define se tais laços são fortes, fracos ou inexistentes.

Granovetter (1973) apresenta ênfase em laços fracos, constituídos por contatos eventuais e esporádicos, possibilitam a discussão das relações entre os grupos e a análise de segmentos da estrutura social que não são facilmente definidas em termos de grupos primários. Nesse sentido, pessoas com poucos laços “fracos” podem, por exemplo, serem privadas de informações advindas de partes distantes do sistema social, limitando-se a informação de indivíduos próximos.

Para Granovetter (1973), os laços serão fortes quanto maior o tempo de relacionamento entre os atores e se determinados atores não possuem relações com outros, os laços fortes entre atores comuns provavelmente desenvolverão interações com atores que não possuem relações com os mesmos e gerarão novos laços. Este autor pontua que laços fortes também estão relacionados à similaridade dos participantes em vários aspectos, uma vez que provavelmente atores serão similares aos atores comuns que possuem na rede. Dessa maneira, enquanto vínculos fortes sugerem redes coesas e interconectadas, vínculos fracos sugerem contatos e relacionamentos eventuais e mais superficiais, que se estabelecem em diferentes redes.

Granovetter (1985) introduz o conceito de “distância social” ao analisar que a eliminação de um vínculo fraco pode ser mais danosa para as probabilidades de transmissão do que a eliminação de um vínculo forte. A “distância social” é definida como número de linhas em um caminho mais curto entre dois indivíduos, isto é, intermediários necessários (pontes) capazes de permitir a conexão entre dois indivíduos. Neste sentido, o autor alega que quanto menos contatos indiretos alguém possuir, mais encapsulado estará em termos de conhecimentos do mundo, além de seu círculo de amigos.

Ao revisar seu trabalho de 1973, sobre a importância dos laços fracos, Granovetter (1985) aprofunda a importância dos laços fracos nas redes sociais e salienta que os laços fracos são essenciais para a disseminação da inovação, uma vez que tais redes são compostas por indivíduos com formação e experiências diversificadas. Segundo o autor, laços fracos constituem as pontes pelas quais a inovação atravessa as fronteiras dos grupos sociais; a tomada de decisão, no entanto, é mais influenciada pelos laços fortes da rede em cada grupo. Os indivíduos com poucos laços fracos são privados de informações de partes distantes do sistema social e se limitam às notícias e opiniões de seus amigos mais próximos. Esta privação não só irá isolá-los das ideias e novidades mais recentes, como pode colocá-los em posição de desvantagem (Granovetter, 1985).

Granovetter (1973) observa que os laços fortes existentes entre amigos próximos, quase sempre agregam pouco valor quando o indivíduo está buscando recursos. Nesse sentido, os laços fortes – da família, dos amigos, dos pequenos círculos – pela homogeneidade que contêm, conduzem com frequência, a obtenção das mesmas informações e recursos. Partindo da rede egocêntrica do indivíduo, questiona este autor se os laços a serem considerados como parte desta rede se resumiriam aos contatos diretos ou se seria o caso de considerar os indiretos.

Granovetter (1985) analisa que a difusão cultural entre grupos diferentes só é possível, pelo fato das ideias partirem de outros grupos e penetrarem através dos meios de ligação dos laços fracos. Este comportamento representa um aparente paradoxo, que neste caso, é a homogeneização. O autor enfatiza a capacidade dos laços fracos para chegar em grupos com ideias e informações diferentes da própria. Neste sentido a capacidade de inovação das unidades centrais está presa por interesses intelectuais adquiridos (ou perspectivas) em seguida, novas ideias devem emanar das margens da rede. Por outro lado, Granovetter (1985) analisa que laços fortes não são irrelevantes, uma vez que a velocidade do fluxo, credibilidade e, sobretudo, a influência é maior através de laços fortes. Nesta perspectiva Granovetter sugere que, enquanto os laços fracos fornecem as pontes que cruzam as fronteiras de inovações dos grupos sociais; a tomada de decisão, entretanto, é influenciada, principalmente, pelos laços fortes de cada grupo.

Granovetter (1985) utiliza a ênfase de Friedkin em laços fracos para retratar a importância dos laços fracos na organização social, já que uma vez que as relações íntimas tendem a ser limitadas a pequenos e fechados círculos sociais e fragmentam a sociedade em pequenos grupos, apenas os laços fracos oferecem a integração necessária, já que tais laços se estendem para além dos círculos íntimos. Em um ambiente maior, a de comunidades inteiras, Breiger e Pattison (1978) utilizam os métodos de *blockmodeling* para argumentar que os laços fracos desempenham papel de ponte.

Coleman (1988) define capital social como “o agregado de recursos atuais ou potenciais vinculados à presença de uma rede estável de relações de reconhecimento mútuo, mais ou menos institucionalizada, ou, em outras palavras, a associação a um grupo, resultante de uma união de agentes que compartilham ativos comuns e ligados por laços de natureza utilitária” (p. 101). Nesse sentido capital social se apresenta como recurso através do qual o ator pode utilizar para atingir seus objetivos, sendo criado por uma rede densamente interconectada e fechada.

Lin et al. (2001) analisa que as redes de relações podem se tornar mais susceptíveis de permitir o acesso e utilização de pontes para chegar a carências existentes e aumentar as chances de ganhar recursos, ou retornos instrumentais. Por outro lado, uma rede mais densa com mais intimidade e relações recíprocas entre os membros pode aumentar a probabilidade de mobilizar os outros com interesses e recursos compartilhados para defender e proteger os recursos, ou retornos expressivos existentes.

Putnam (1996) analisa que os laços de confiança tanto podem ser diretos quanto indiretos e variam em qualidade e densidade. Em muitos casos, os membros têm que confiar na confiabilidade dos outros para cumprir com suas obrigações, pois pouco sabem a respeito deles. Burt (2001) apresenta duas estruturas que tem sido consideradas como importantes para criação do capital social. A perspectiva predominante considera que o capital social é criado por uma rede de elementos conectados por laços fracos. Por outro lado, o autor apresenta o conceito de “buraco estrutural” na qual o capital social é instituído através de uma rede na qual as pessoas podem intermediar conexões entre segmentos desconectados.

Burt (2001) concebe buracos estruturais como capital social fundamentado na participação, controle e difusão de informação. O capital social baseia-se em conceitos de rede, que estão ligados a temas como a força dos laços fracos, a centralidade de intermediação, os benefícios de ter parceiros de troca exclusivos e a autonomia estrutural criado por redes complexas. Neste contexto, as ligações mais fracas entre os grupos são buracos na estrutura social do mercado, estes buracos, chamados por Burt de buracos estruturais, criam uma vantagem competitiva para um indivíduo cujas relações abrangem tais buracos. Buracos estruturais são, portanto, uma oportunidade para que uma parte possa intermediar o fluxo de informações entre as pessoas e controlar os projetos que reúnem pessoas de lados opostos do buraco. Os buracos separam informações novas e não redundantes. A redundância é indicada por dois fatores: coesão e equivalência, que mostram que as informações são semelhantes e não oferecem benefícios.

Redes densas e fechadas também são fontes de capital social. Em redes de laços fortes, as informações diretas melhoram a comunicação (pois economizam tempo e menor número de

intermediários) e as partes componentes de um grupo fechado possuem menos restrições para confiarem uns nos outros, pois diferentemente do mercado, existem sanções sociais e expectativas de cooperação mútua entre as partes. O autor analisa que redes mais restritas abrangem menos buracos estruturais, o que significa menor capital social. Se as redes que se estendem por buracos estruturais são a fonte de capital social, o desempenho deve ter uma associação negativa com a restrição de rede (Burt, 2001).

Segundo Burt (2001) estudos podem mostrar evidências exclusivas de capital social a partir do fechamento de rede ou buracos estruturais. Em um ambiente rico em diversas perspectivas, habilidades e recursos, o desempenho do grupo depende de pessoas que superaram suas diferenças para operar como um grupo. Ou seja, tanto laços fortes como laços fracos são necessários para o bom desempenho das organizações. Com todas as equipes coesas, aqueles com numerosos contatos não redundantes têm a vantagem de acesso a uma maior diversidade de perspectivas, habilidades e recursos. O desempenho relativo de grupos coesos irá variar de acordo com o grau em que o grupo é constituído por pessoas com redes ricas em buracos estruturais, e não pelo fechamento de redes. Em suma, os buracos estruturais e fechamento de rede podem ser reunidos de uma forma produtiva.

Vale (2006) define capital relacional como o conjunto de recursos enraizados (*embedded*) em redes sociais, de usufruto de um ator – individual ou coletivo – e derivado de seus relacionamentos, conexões e laços. Tais recursos possibilitam informações, permitem acesso a bens valiosos e geram oportunidades, ajudando-o na obtenção de resultados pretendidos. Neste sentido relações e interações passadas influenciam a natureza das relações futuras que por sua vez, são afetadas por variáveis de natureza institucional, social e cultural.

Segundo Fazito e Soares (2010) a “teoria” dos buracos estruturais de Burt (1992) consolidou-se com base na confluência de três grandes avanços teórico-metodológicos da análise de redes sociais nos últimos 30 anos: 1) a pesquisa sobre a força dos laços sociais de Granovetter; 2) as medidas estruturais de centralidade de Freeman; e 3) a teoria das “redes de troca” (*exchange networks*); (Engle, 1999; Adler & Kwon, 1999; Lin, 2001). Embora Granovetter (1973) tenha contribuído para a formalização da tríade simmeliana, e sua intenção tenha sido a de desenvolver uma teoria do enraizamento (*embeddedness*) estrutural da ação econômica (Granovetter, 1985), o estudo que ele dedica a força dos laços fracos põe ênfase no papel particular das tríades abertas e da produção de laços fracos numa rede social. A formação das tríades é um fenômeno local, pois depende da elevada concentração de laços fortes em espaço social restrito (Granovetter, 1973).

Neste sentido Granovetter (1973) descreve redes pessoais egocentradas como mecanismos privilegiados para fechamento das tríades e formação de *cliques*: se A e C têm em B um grande amigo, então cedo ou tarde é provável que A e C venham a se conhecer e se tornem amigos. A ausência de um terceiro laço forte na tríade é, então, momentânea. De início, todos os laços fracos [o laço que une dois atores entre si (A e B), por intermédio de um terceiro membro (C), é, por definição, um laço fraco] existentes numa rede que funcionam como “pontes” (o laço fraco que permite a existência de uma tríade aberta é chamado de “ponte” – *bridge*) que conectam núcleos de tríades distantes umas das outras por meio da relação entre dois atores. Depois de estabelecido o contato, os laços fracos tendem a se tornar fortes, a aproximar e a unir tríades diferentes. A “força dos laços fracos” está na capacidade deles de difundir novas ideias, informações e recursos entre grupos estruturalmente diferentes e até divergentes: os recursos que aí são trocados comportam menor grau de redundância.

Existe uma tendência estrutural de que o laço dessa tríade se fortaleça e aumente o capital social do grupo; desta forma, de acordo com Scott Engle (1999), as análises sobre o capital social à luz do “fechamento da rede” e da presença de laços simmelianos, apontam principalmente para: 1) a emergência das normas e da confiança; 2) a redução do poder individual de barganha (*tertius gaudens*), e aumento do capital social da coletividade em detrimento dos indivíduos; 3) a redução dos desequilíbrios e conflitos internos pelo aumento da cooperação; e 4) elevação da coesão interna, da solidariedade e do controle estrutural (normativo) (Fazito & Soares, 2010).

2.3.1 *Quadro Teórico*

Os dois pontos ressaltados, a saber: partidos políticos como organizações e laços sociais, retratam a essência das reflexões para a utilização da análise de redes sociais ARS no estudo de uma agremiação política. Apresenta-se a seguir a Tabela 1, resgata algumas das proposições teóricas para redes de partidos e laços sociais, de interesse do presente trabalho.

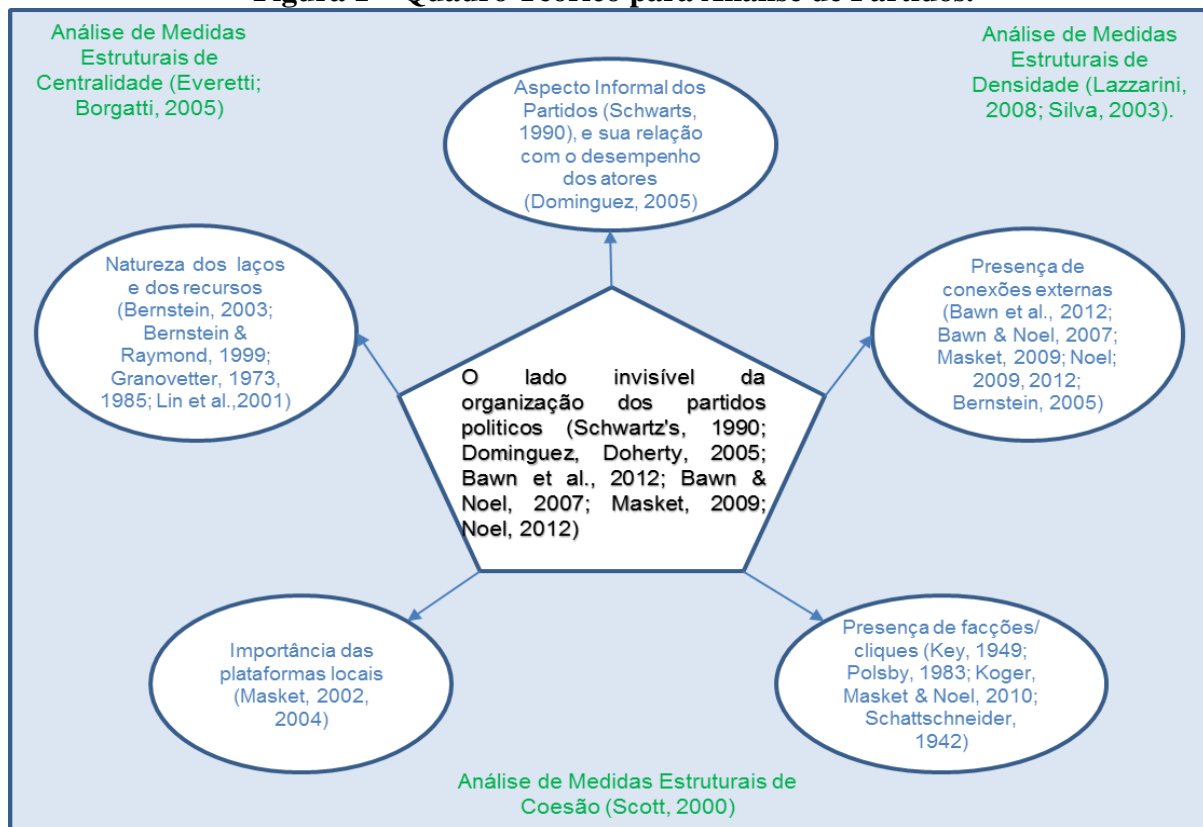
Tabela 1 - Resgate Sintético das Perspectivas Teóricas

Níveis de Análise	Alguns elementos básicos	Autor	
Partidos	- São organizações com componentes formais e informais - As partes informais do partido são muito importantes para o grupo. - A estrutura oficial do partido não é necessariamente central, nem especialmente poderosa dentro da rede.	Schwartz's, 1990	
	- As redes informais de elites políticas influenciam o resultado das eleições. - Analisa a interseção de redes do partido e organizações formais do partido.	Dominguez, 2005	
	- Enfatiza a natureza informal da organização, incluindo a papel dos atores externos.	Bawn et al., 2012; Bawn & Noel, 2007; Masket, 2009	
	- Redes de partido são locais, e não nacionais.	Masket, 2002,2004	
	- Partidos políticos como redes de atores, atribuindo papel central para os agentes informais. - Ao invés de surgir naturalmente, as redes políticas são intencionais, levando a possibilidade de existencia de particularidades políticas que podem dominar as tendências sociais usuais. - A cooperação é muito mais central para as missões destas organizações do que as suas estratégias de captação de recursos. - A estrutura das ligações dentro das redes pode revelar como o partido está realmente organizado. - Caracterizada por uma rede de atores (internos e externos), formando coalizões.	Noel, 2009, 2012	
	- Candidatos podem cooperar com outros para formar partidos fortes de múltiplos núcleos. Doherty (2003) - Rede do partido como "estrutura de ligação entre todos os candidatos em tempo especificado e lugar".	Doherty, 2003, 2004, 2005	
	- As redes de partido ao controlar recursos importantes podem desempenhar um papel importante nas nomeações presidenciais. - Amigos e membros da família dos candidatos, são muitas vezes ligados ao seu partido. - Os atores políticos podem ser leais ao seu partido e ao mesmo tempo defender o interesse de facções. - Onde as organizações partidárias são fortes, a construção de coalizões floresce. - A literatura emergente sobre redes de partidos, é uma excelente plataforma de lançamento de estudos empíricos de facções e partidos.	Bernstein, 2003, 2005	
	- Facções são combinações, cliques, ou agrupamento de eleitores e líderes políticos que se unem particularmente para apoiar um candidato.	Key, 1949	
	- Facções são grupos que agem por intermédio de um partido político na busca de um interesses comuns	Polsby, 1983	
	- As redes ajudam na difusão informal de estratégias e também podem revelar facções dentro do partido.	Koger, Masket & Noel, 2010	
	- Partidos como coalizões.	Schattschneider, 1942; Aldrich, 1995; Noel, 2012	
	Laços	- Laços fracos são mais prováveis de ligar membros de diferentes e pequenos grupos do que laços fortes, - Laços fortes tendem a se concentrar em grupos particulares, ou cliques.	Granovetter, 1973
		- Laços fracos proporcionam aos indivíduos, acesso a informações e recursos além daqueles disponíveis em seu próprio círculo social; - Laços fortes têm normalmente maior motivação e disponibilidade para serem utilizados	Granovetter, 1985
- Uma rede mais densa pode aumentar a probabilidade de mobilizar outros com interesses e recursos compartilhados para defender e proteger os recursos, ou retornos expressivos existentes.		Lin et al.,2001	

Fonte: Elaboração Própria

Considerando os elementos de cada construto teórico apresentado, percebem-se conexões entre as concepções de laços sociais em redes de relacionamento, no contexto dos partidos políticos, onde é possível encontrar a presença de cliques ou facções. Tais conexões podem ser descritas conforme Figura 1 – Quadro Teórico para Análise de Partidos.

Figura 1 – Quadro Teórico para Análise de Partidos.



Fonte: Elaboração Própria

Analisando os aspectos necessários para a compreensão teórica presente neste trabalho, é possível utilizar a estrutura teórica da FIG. 1, tendo em vista a melhoria de controle sobre as análises, a qualidade das inferências e o norteamento das conclusões de pesquisa.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa apresenta aspectos relevantes para a investigação feita, argumentando pela escolha da pesquisa quantitativa, no partido político PCdoB, utilizando como ferramenta a análise de redes sociais (ARS).

3.1 Referencial Metodológico

A análise de Redes Sociais (ARS) estuda padrões de relacionamentos entre pessoas, organizações, estados, etc; e mapeia redes de relacionamento com base no fluxo de informação (Barnes, 1997). Cross, Parker e Borgatti (2000) consideram a ARS como uma ferramenta importante para análise dos relacionamentos que fomentam o compartilhamento da informação e do conhecimento, sendo um instrumento que permite a identificação de indicadores de

padrões de relacionamentos que aprimoram a cooperação, respalda a gestão organizacional, identifica os atores mais influentes na rede, e está se tornando, cada vez mais, um recurso estratégico na estruturação e criação de ligações importantes. “A análise de redes sociais não constitui uma teoria e nem tampouco um conjunto de técnicas estatísticas complexas, mas sim uma estratégia analítica” (Marques & Bichir, 2003, p. 14).

Wassermann e Faust (1994) argumentam que as aplicações dos conceitos relacionados à ARS podem ser categorizadas por: a) medidas estruturais (como as medidas de centralidade, densidade, transitividade e coesão); b) papéis e posições (como a análise de equivalência estrutural, regular, análise de *clusters e de blockmodels*); e c) análise estatística dos relacionamentos (utilizadas com o objetivo de testar proposições teóricas acerca das propriedades relacionais).

As relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo. O conteúdo é caracterizado pela natureza dos laços (amizade, poder, parentesco, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva, etc). A forma da relação envolve dois aspectos básicos: a) a intensidade ou força do laço entre dois autores; e b) a frequência e o grau de reciprocidade com que este laço se manifesta, desta forma conceitualmente duas relações de conteúdo distinto podem apresentar formas similares (Knoke & Kuklinski, 1982).

Segundo Gomes et al. (2003), um indivíduo é central em uma rede quando pode comunicar-se diretamente com muitos outros, quando está próximo de muitos atores, ou quando há muitos atores que o utilizam como intermediário em suas comunicações. Atores que possuem mais ligações que outros indivíduos podem estar em posição mais vantajosa, isto porque, por terem muitas ligações eles possuem formas alternativas para satisfazer necessidades e aproveitar os recursos da rede e, assim, possuem menor dependência em relação a outros atores (Hanneman, 2001).

Grande parte dos estudos presentes na literatura aplica o conceito de Granovetter (1973, 1982, 1985), baseado na centralidade de proximidade, para diferenciar ligações fortes e fracas. Entretanto, Marsden e Campbell (1984) utilizam, outros atributos além da proximidade, tais como a duração (intensidade do contato) e a frequência (de raramente até mais de uma vez na semana). Os autores concluíram que pode haver dois aspectos distintos de ligações fortes: o tempo gasto e a profundidade dos relacionamentos, porém a medida de proximidade ou intensidade é considerado o indicador mais apropriado para a análise de ligações fortes. Entretanto, as ligações fracas são responsáveis pela baixa densidade em uma rede – em que muitas das possibilidades de relacionamento estão ausentes (Granovetter, 1982).

Ego é um indivíduo focal que junto com seus contatos diretos e indiretos – denominados *alters*, compõem uma rede egocêntrica (Granovetter, 1982; Hanneman, 2001; Garton; Haythornthwaite; Wellman, 1997). A rede egocêntrica não está em contradição com a abordagem de ligações fortes e fracas, pelo contrário, emprega a proximidade de seus membros como um recurso a mais para estudá-los (Lee, 2002). No mesmo sentido, Granovetter (1982) analisa a relação entre ego e *alter*. Segundo o sociólogo, o ego está vinculado a muitos atores na rede e esses são denominados *alters*. Os *alters* complementam o ego; podemos considerá-los, no âmbito das redes, como a fonte de informação do ego; quanto mais bem relacionados forem os *alters* melhor informado será o ego.

As ligações podem ocorrer através de contato face a face, reuniões, telefonema, e-mail, chat, documentos, e outros meios de comunicação (Garton; Haythornthwaite; Wellman, 1997). Desta forma, o enfoque da ARS também pode ser utilizado para verificar que tipos de grupos mantêm ligações via mídias múltiplas. Tendo em vista a sintonia das ligações fortes e fracas, as redes egocêntricas são configuradas com base em um indivíduo focal – ego – considerando-se suas ligações fortes com seus *alters* – contatos diretos.

Segundo Zancan (2008) percebe-se que a maioria dos estudos utilizam a clássica divisão existente no campo, ou seja, a análise de redes como um todo (*full network design*) e a análise de redes egocêntricas (*egocentric design*). Segundo Marsden (2005) a análise dos dados de uma rede completa possui ego-redes com cada um dos relacionamentos mensurados (Marsden, 2005). No que se refere a definição das fronteiras, os teóricos que estudam o tema têm encontrado dificuldades, principalmente quando o foco de análise está em toda a rede. Nesse sentido, percebe-se que os estudos analisados atribuem três formas genéricas de limites a uma rede, que são: a) características dos atores ou critérios formais de relacionamento; b) eventos baseados na participação de atores em classes de atividades, e; c) perspectiva relacional baseada na conectividade social. Tanto análises que estudam a rede como um todo, como aqueles que analisam redes egocêntricas, fazem uso de métodos de *survey*.

A análise de uma rede completa parte de uma relação de nomes antes da coleta de dados, perguntando a todos os respondentes com quem eles mantêm relacionamentos diretos. Os dados nesse tipo de análise possuem várias formas, tais como, julgamentos binários sobre quantos relacionamentos diretos cada ator possui e o grau de força da relação. Numa análise egocêntrica os atores da rede não são conhecidos antes da coleta começar. Nesse sentido, Burt (1984) define dois tipos de técnicas como as mais utilizadas nesses tipos de análises: a) geradores de nomes (que identifica as ligações do ator focal) e; b) interpretações de nomes (que identifica informações dos atores enumerados pelo ator focal e de seus relacionamentos). Hirsch (1980)

definiu um outro instrumento gerador de nomes para análises egocêntricas chamado de lista de Rede Social (*Social Network List*), que pedia aos respondentes para enumerarem as 20 pessoas mais importantes e aquelas que eles tinham visto com frequência nas últimas seis semanas (Zancan, 2008).

Tendo em vista os aspectos relacionais e estruturais da rede de atores da agremiação política, esta pesquisa prevê a utilização da ARS para identificação de *cliques* e possíveis buracos estruturais existentes na rede do partido, para tanto serão utilizados de índices de intensidade, frequência e densidade para distinguir as ligações entre os atores, e de indicadores de centralidade, destacando quais atores são mais centrais na agremiação política, distinguindo suas funções e importância na rede. Para tanto, serão utilizadas três medidas de centralidade: a) Centralidade de Grau (*degree centrality*); b) Centralidade de Intermediação (*betweenness centrality*); c) Centralidade de Proximidade (*closeness centrality*).

3.1.1 Indicadores de Redes

Tendo em vista os aspectos relacionais e estruturais da rede de atores da agremiação política, esta pesquisa utiliza da ARS para mapeamento dos relacionamentos e identificação de *cliques* na rede do partido, para tanto foram utilizados índices de intensidade, frequência e densidade para distinguir as ligações entre os atores, e de indicadores de centralidade, destacando quais atores são mais centrais na agremiação política, distinguindo suas funções e importância na rede. Para tanto, foram considerados os seguintes indicadores para a análise: o tamanho, a densidade, a centralidade e a coesão da rede.

3.1.1.1 Tamanho

Segundo Cartens (2005), o tamanho de uma rede é caracterizado pelo número total de ligações existentes entre os atores de determinado grupo de análise ou pelo tamanho potencial de ligações. Através desse indicador, é possível verificar a presença de uma rede de relacionamento ou a existência de alguma fragmentação. Na perspectiva das matrizes, o tamanho da rede é medido pelo número de linhas e colunas presentes em uma matriz. Dessa maneira, uma matriz de i linhas e j colunas tem uma ordem de $i \times j$ (Carstens, 2005). De acordo com Silva (2003), o tamanho é critério estrutural mais importante de uma rede, uma vez que todas as demais análises se baseiam nele.

3.1.1.2 Densidade

Lazzarini, 2008, descreve que a densidade de uma rede é obtida pela razão entre o número de laços (relações) existentes pelo número máximo de laços possíveis. Quanto maior a ligação entre os atores, maior será a densidade da rede. Desta forma, uma rede é considerada densa quando vários atores se conectam entre si. Através desse indicador é possível analisar e mensurar o potencial de comunicação de um grupo. Quanto maior for a densidade, maior a possibilidade de ocorrer o fluxo máximo de informação (Lazzarini, 2008; Silva, 2003).

Para se obter o número máximo de laços possíveis, Lazzarini (2008) sugere a seguinte fórmula: $N(N-1)/2$ em que N é o número total de atores e 2, a indicação somente da presença de laços não-direcionais. Considerando a existência de laços direcionais, a densidade da rede é calculada dividindo-se o número total de atores pelo número total de atores menos um. Logo, o número máximo de laços possíveis será multiplicado por dois e a densidade, reduzida (Lazzarini, 2008).

3.1.1.3 Centralidade

A centralidade é definida por Carstens (2005), pela identificação do nível de acessibilidade que um determinado integrante da rede se encontra para os demais. Essa análise pode ser realizada por meio da mensuração da quantidade de ligações que um ator possui dentro do grupo e do número de caminhos que passam por eles para integração entre dois outros atores desconectados. Quanto mais central na rede o ator estiver, maior sua capacidade de acessar, direta ou indiretamente, outros atores (Lazzarini, 2008). Baseado nas pesquisas de Wassermann e Faust (1999), Carstens (2005) apresenta diferentes possibilidades para a mensuração da centralidade através dos indicadores de centralidade de grau, de proximidade e de intermediação.

A centralidade de grau é o recurso que identifica o número de contatos diretos que um ator mantém em uma rede. Desta forma, se um ator recebe muita informação – ligações direcionadas a ele – diz-se que ele é proeminente ou tem prestígio na rede, isto é, muitos outros atores buscam compartilhar informações com ele e isso pode indicar sua importância. Os atores que procuram outros – os que têm alto grau de saída de ligações – normalmente são atores influentes (Hanneman, 2001).

Dependendo da direção dos fluxos de relacionamentos, é possível dividir a centralidade de grau em dois tipos: centralidade de grau de saída, determinada pelo número de

relacionamentos que o ator estabelece, e a centralidade de grau de entrada, determinada pelo número de relacionamentos que o ator recebe. No primeiro caso, é possível medir a expansividade dos atores, enquanto que, na centralidade de entrada, medem-se o prestígio e a popularidade (Oliveira, 2010).

A centralidade de intermediação, segundo Hanneman (2001), considera um ator como meio para alcançar outros atores, visto que ele está posicionado nos caminhos geodésicos entre outros pares de atores na rede. Marteleto (2001) afirma que um indivíduo pode ter poucos contatos diretos na rede e estar conectado basicamente por ligações fracas, porém pode exercer um papel importante intermediando informações. “O papel do mediador traz em si a marca do poder de controlar as informações que circulam na rede e o trajeto que elas podem percorrer” (Marteleto, 2001, p.79).

Hanneman (2001) analisa que o enfoque da centralidade de proximidade, ressalta a distância de um ator em relação a outros, na rede, este enfoque está baseado na distância geodésica de cada ator com todos os demais, considerando-se as distâncias tanto diretas quanto indiretas. Isto é, quanto mais próximo um ator estiver de outros atores da rede, mais central ele estará. A centralidade de proximidade representa independência, significando a possibilidade de comunicação com muitos atores em uma rede, com um número mínimo de intermediários (Gomes et al., 2003).

A centralidade de proximidade pode ser analisada a partir do número mínimo de ligações que determinado ator deve percorrer para acessar qualquer outro membro da rede. Esse indicador é calculado através do somatório das distâncias geodésicas, que significa o caminho mais curto que um ator deve seguir para se conectar aos demais (Alejandro & Norman, 2005).

A centralidade de intermediação avalia os atores que possuem o papel de intermediar o relacionamento entre outros atores ou grupos de atores desconectados. Alejandro e Norman (2005) destacam ainda que, para um ator possuir um grau de intermediação, é necessária a presença de, pelo menos, um grau de entrada e um grau de saída e estar no caminho geodésico entre dois atores.

3.1.1.4 Coesão

Segundo Silva (2003), a coesão está relacionada à existência de subgrupos dentro de uma rede. Tais subgrupos caracterizam-se pela suposição da existência de um grau de afinidade entre os seus membros para que os laços possam ser estabelecidos. Uma rede é considerada coesa quando a quantidade de subgrupos for pequena ou inexistente. Para Lazzarini (2008), são

diversos os contextos sociais com a presença de subgrupos que têm alta interação entre si, mas que não se relacionam intensamente com outros atores.

Segundo Wasserman e Faust (1999), referenciados por Silva (2003), uma das possíveis formas de analisar a coesão de um subgrupo é através da reciprocidade dos relacionamentos e da acessibilidade de um ator. A primeira abordagem indica a presença de grupos isolados e fortemente conectados denominados “cliques”. A segunda abordagem é uma ampliação do conceito da reciprocidade e considera também os atores não-conectados diretamente entre si, mas que possuem determinada distância geodésica escolhida como parâmetro de análise. Essa abordagem é também conhecida como n-clique, em que n representa o valor de corte da distância geodésica máxima. De acordo com Silva (2003), quanto menos cliques e n-cliques uma rede possuir, maior será sua coesão.

O Quadro 1 sintetiza a relação de indicadores utilizados para análise dos dados da rede do partido político.

Quadro 1- Indicadores de Redes Utilizados

Categorias Conceituais		Indicadores	Descrição	Autores
Macroestruturais		Tamanho	Representado pelo número total de ligações existente entre os atores de determinado grupo de análise ou pelo tamanho potencial de ligações.	Carstens (2005).
		Densidade	Calculada dividindo o número de laços (relações) existentes pelo número máximo de laços possíveis	Lazzarini (2008); Silva (2003)
Medidas Microestruturais	Coesão dos Subgrupos	Reciprocidade/ Mutualidade de laços	Definida como até que ponto todas as escolhas dos atores em um subgrupo são mútuas, formando cliques entre atores. Clique pode ser entendido como um sub-grafo completo de três ou mais nós, nos quais todos os pontos estão diretamente conectados.	Silva (2003); Wasserman e Faust (1999); Lazzarini (2008).
		Proximidade e alcance entre membros dos subgrupos	Definida levando em consideração os intermediários do processo social, formalizando o conceito de n-clique (n-clique significa um subgrupo em que a maior distância geodésica entre dois nós é igual ou menor a n, no qual n é o caminho máximo em que membros de um clique podem estar conectados).	
Centralidade		Grau	Mensurada pelo número de laços que um ator possui com outros atores da rede.	Borgatti & Freeman (2002); Hanneman (2001); Alejandro e Norman (2005); Gómes et al. (2003).
		Proximidade	Baseada na proximidade ou distância de um ator em relação aos outros atores em uma rede.	
		Intermediação	Refere-se às ligações intermediárias que conectam outros atores que não estão conectados diretamente.	

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Estratégia e Métodos de Pesquisa

No estudo dos relacionamentos desenvolvidos entre membros do partido PCdoB, o método de pesquisa utilizado foi o quantitativo, de corte transversal, sendo o nível de análise o nível interpessoal e interorganizacional enfocando os relacionamentos desenvolvidos entre os membros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e destes com outros partidos ou grupos de interesse nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim, em Minas Gerais.

No que tange à abordagem metodológica, foi utilizada a análise de redes sociais (ARS), operacionalizada com o uso do método *survey* para coleta de dados, sendo que o mesmo apresenta como principal característica o interesse em produzir descrições quantitativas de uma população (Freitas, Cunha & Mascarola, 1997), podendo ser realizadas em desenho sociométrico, possibilitando um exame abrangente de toda uma rede de amizades, identificando possíveis fatores que governam a formação das relações (Barbie, 1999). A pesquisa *survey* pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário (Pinsonneault & Kraemer, 1993).

Quanto ao seu propósito a pesquisa *survey* abordada neste trabalho é descritiva (Pinsonneault & Kraemer, 1993), tendo como objetivo a identificação de situações, eventos, atitudes ou opiniões da população de membros da agremiação política e a descrição da distribuição dos laços sociais a partir de suas distribuições.

Em relação ao número de momentos ou pontos no tempo em que os dados são coletados, esta pesquisa é de corte-transversal (*cross-sectional*) (Sampieri et al., 1991), na qual a coleta de dados ocorreu em um só momento, visando descrever e analisar o estado de uma ou várias variáveis no período de julho a agosto de 2015.

O instrumento de coleta de dados escolhido para a realização da *survey* nesta pesquisa, foi o questionário, tendo como estratégia de aplicação a entrevista pessoal, aplicados nos membros do partido PCdoB nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim. A utilização desse instrumento se justifica porque fornece boas condições para obtenção de uma taxa de resposta aceitável para o estudo e permite o uso de observação enquanto as perguntas são realizadas (Barbie, 1999).

3.3 Unidade Empírica de Análise

A pesquisa focalizou as questões relacionadas à representação da rede, atendendo as recomendações de (Hansen & Smith, 2010), no que tange aos métodos de análise de redes sociais, não se limitando à identificação da natureza dos laços presentes entre atores políticos, já que também busca identificar a formação de cliques e os recursos presentes nas redes.

A ARS proporcionou o conhecimento da topologia da rede, bem como a identificação dos atores chave, presença de cliques, ou grupos e os recursos transacionados nas redes. O objeto empírico desta pesquisa é a população dos membros eleitos do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim, escolhidos pelo critério de acessibilidade aos dados de pesquisa. Para coleta de dados, os atores do partido responderam questionários que avaliaram os conteúdos transacionados na rede, a intensidade da relação (força dos laços), centralidade, densidade e coesão. Também foi realizado levantamento de dados secundários através de artigos de jornais e portais disponíveis na internet.

Após o mapeamento da rede/população dos membros eleitos do partido nas três cidades, foram selecionados dois indivíduos para análise de suas redes egocêntricas, configuradas com base em um indivíduo focal - *ego* – considerando suas ligações com seus *alters*. Tais indivíduos foram selecionados com base nos resultados dos indicadores de centralidade, densidade e intensidade da relação apresentados no mapeamento da rede do partido, o que caracteriza um processo de amostragem caracterizado por (Henry apud Bickman & Rog, 1997) como não-probabilística por casos críticos (*critical cases*), na qual os participantes são escolhidos em virtude de representarem casos essenciais ou chave para o foco da pesquisa.

3.4 Estratégia de Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas, pelas quais foram aplicados questionários estruturados. O objetivo foi identificar a natureza dos laços, a intensidade, categorizadas entre fraco ou forte, de acordo com a classificação presente nas reflexões de Granovetter (1973) e a natureza dos recursos aí presentes.

Alguns cuidados foram tomados na elaboração do questionário, conforme proposto por Perrien, Chéron & Zins (1984), a saber: as alternativas para as questões fechadas foram exaustivas a fim de cobrir todas as possíveis respostas, somente foram abordados questões relacionadas ao tema, foram consideradas as implicações das perguntas quanto aos procedimentos de tabulação e análise de dados, as questões foram formuladas para possibilitar

uma única interpretação, compostas por uma única ideia, assegurando aos respondentes a confidencialidade dos dados enquanto dados individuais.

Segundo Hoppen et al. (1996) a elaboração do instrumento e o seu refinamento constituem as duas fases que devem ser consideradas para a validação do conteúdo. Para validação do conteúdo os enunciados dos questionários foram baseados na revisão da literatura sobre laços e redes de partido políticos. Este tipo de validação implica que os indicadores utilizados representem coerentemente o fenômeno estudado. Na sequência foi utilizado o pré-teste do instrumento de coleta de dados. No pré-teste foram tomados os cuidados salientados por Gil (1991), no qual devem ser considerados os seguintes aspectos: clareza e precisão dos termos, quantidade de perguntas, forma das perguntas, ordem das perguntas e introdução.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de julho e agosto de 2015. Os membros que possuem cargos oficiais e eletivos no partido foram escolhidos como respondentes da pesquisa, por se considerar que esses indivíduos possuem grande representatividade na esfera política e como funcionários dedicam sua força de trabalho para adquirir seu sustento.

3.5 Estratégia de Análise de Dados

Segundo Maxwell (apud Bickman & Rog, 1997), as decisões sobre a análise dos dados devem ser consideradas durante o desenho da pesquisa, embora muitos pesquisadores as considerem somente posteriormente. Na análise dos dados deve-se observar se todas as questões foram respondidas corretamente, se as respostas não indicam dificuldade quanto ao entendimento da questão e quanto à forma de preenchimento do questionário. Para exame dos dados foi realizada análise multidimensional de dados (Hair et al., 1994), na qual o pesquisador analisa simultaneamente mais de duas variáveis, visando à síntese ou à análise aprofundada. Durante esse processo, foram estabelecidas categorias de análise com base na literatura, facilitando, deste modo, a interpretação e codificação dos dados (Eisenhardt, 1989; Bardin, 1994).

Os dados obtidos foram agrupados de acordo com: 1) a natureza dos laços, envolvendo os atores políticos internos e externos ao partido, e demais atores envolvidos (amigos, família, sindicatos, associações, ONG's e grupos de interesse); 2) a intensidade das relações, segundo as proposições de Granovetter, laços fortes e fracos, sendo caracterizados como fortes os contatos cuja frequência ocorrem no horizonte de até 1 semana, e fracos os relacionamentos com frequência superior a esta; e 3) os tipos de recursos que fluem nessas relações: apoio à solidariedade, orientação sobre aliança política, dicas sobre campanha, dinheiro, apoio à pleitos

persoais, mobilização de militantes, orientação sobre economia e políticas públicas, informação sobre o partido, informação sobre o ambiente político, informação sobre correligionários, e outros recursos que os atores poderiam mencionar além dos descritos acima.

A partir dos dados levantados pelas entrevistas e questionários, foram elaboradas matrizes, responsáveis por descrever a relação dos atores, permitindo posteriormente a construção de sociogramas. Ao estudar as relações interpessoais, a sociometria, segundo seus adeptos, (Nooy, Mrvar & Batagelj, 2005), torna possível a visualização das redes sociais e seus padrões de vinculação. Desta forma, a análise e visualização da rede do partido possibilitou a identificação e compreensão de certos padrões de laços sociais entre os seus membros.

Ao responder ao questionário, cada ator informou os diferentes atores com quem interagem, a intensidade das relações e os recursos que circulam na rede, tais como dinheiro, profissionais de campanha, ativistas, coordenação dos líderes do partido. Esses elementos foram analisados de acordo com o seguinte agrupamento: (1) Mapeamento da Rede Política, (2) Mapeamento da Rede Pessoal (Amigos e Conhecidos), (3) Mapeamento da Rede Familiar, (4) Mapeamento da Rede de Sindicatos, (5) Mapeamento da Rede de Associação de Bairro / Grupos Religiosos / ONGs outras Associações de Classe, (6) Mapeamento da *Full Network*. As entrevistas abordaram dois tópicos principais, cujo objetivo foi identificar: a) atores relacionados e intensidade das relações e b) recursos transacionados na rede. Também foi solicitado aos membros o preenchimento de um cartão gerador de nomes. No cartão, os políticos informaram os nomes de atores que consideraram importantes da sua rede de relações, segundo cada agrupamento definido na composição do mapeamento da *Ego Network*.

A força da ligação entre atores foi estabelecida com obediência aos seguintes parâmetros: os relacionamentos que ocorrem semanalmente foram considerados como relações fortes; já os relacionamentos com frequência acima de uma semana foram considerados como relações fracas. Após a obtenção dos dados estruturais de centralidade da rede completa do partido (*fullnetwork*), dois indivíduos foram selecionados para análise de suas “*egonetworks*”, elaboradas com auxílio do cartão gerador de nomes.

As análises foram realizadas com auxílio de *softwares* de análise e desenho de redes: Ucinet 6.0 ou Netdraw 2.1 (Borgatti et al., 2002). Os dados obtidos nas entrevistas e questionários alimentaram o software Ucinet 6.0, através da opção *Datasheet*, formando a matriz de adjacência da rede a ser estudada. Essa matriz, por sua vez, alimentou o software NetDraw 2.1 (vinculado ao Ucinet), gerando como saída os sociogramas representativos da rede estudada. Os *softwares* forneceram um retrato da estrutura da rede e dados estatísticos com

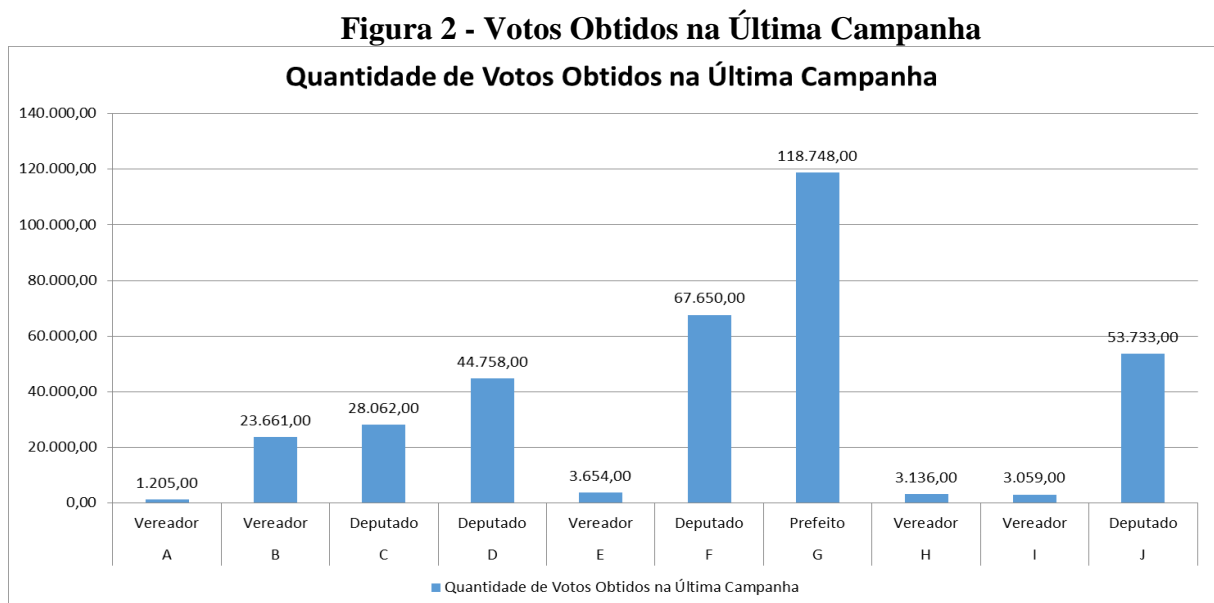
relação às medidas da centralidade dos atores, bem como a identificação de cliques existentes na rede do partido.

4 ANÁLISE DA REDE DO PCDOB

Os construtos abordados no quadro teórico - mapeamento da topologia, natureza e intensidade dos relacionamentos, mapeamento dos recursos transacionados, mapeamento das cliques e facções - e suas respectivas análises são apresentados nesta seção. Para cada construto, foram demonstradas as matrizes de relacionamento originadas da coleta dos dados de pesquisa, sua representação gráfica e os indicadores de redes. Ressalta-se que os cálculos dos indicadores se basearam apenas em laços não-direcionais, considerando a possibilidade da reciprocidade dos relacionamentos em qualquer circunstância.

No estado de Minas Gerais, o PCdoB possui 7 prefeitos e 2 vice-prefeitos eleitos em 2012; 1 deputado federal e 3 deputados estaduais eleitos em 2014; e 59 vereadores eleitos em 2012 (Partido Comunista do Brasil, 2015). Esta pesquisa compreendeu o universo dos políticos eleitos do PCdoB nas cidades de Belo Horizonte, Betim e Contagem, escolhidos pelo critério de acessibilidade, as quais possuem dez políticos eleitos, sendo um prefeito, dois deputados federais, dois deputados estaduais, e cinco vereadores.

A Figura 2, descreve a quantidade de votos que cada um dos políticos obteve nas últimas eleições, sendo que o prefeito e os vereadores, foram eleitos em 2012, e os deputados federais e estaduais foram eleitos em 2014.



Fonte: adaptado de ELEIÇÕES 2012; 2014.

Através dos dados obtidos com as entrevistas, foi possível calcular o tamanho da rede, isto é, a quantidade de nós que a integra, onde foram identificados 78 laços e, a partir desse número, obteve-se os indicadores do tamanho efetivo, da densidade, centralidade e coesão. Desta maneira, pôde-se mensurar a intensidade da rede. A intensidade baseou-se no indicador de densidade e considerou a seguinte classificação: densidade da rede entre 0 e 30%, baixa intensidade; entre 30 e 60%, moderada intensidade; entre 60 e 100%, alta intensidade. Utilizando o software Ucinet e Netdraw foram obtidos os grafos da topologia da rede do PCdoB nas cidades de Betim, Belo Horizonte e Contagem.

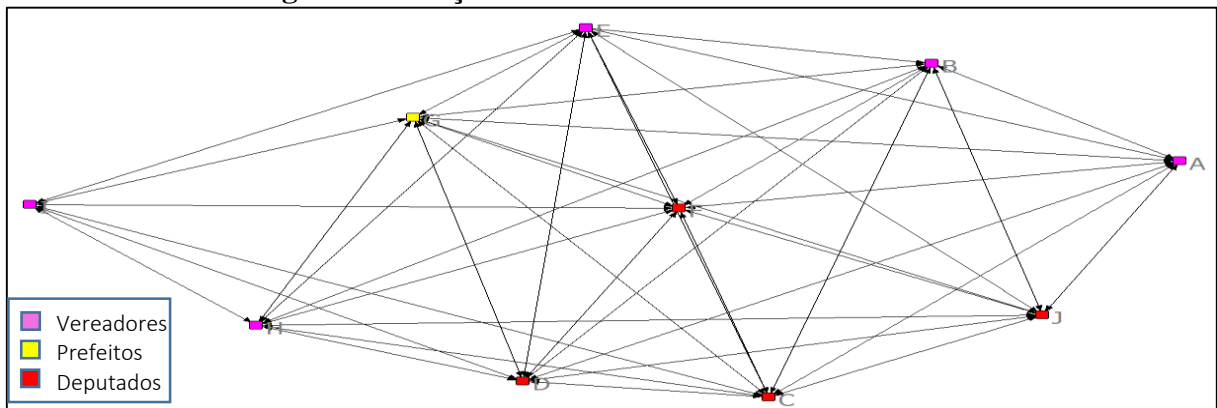
4.1 Full Network do PCdoB

A matriz da rede completa do partido (Matriz 1) foi gerada a partir das respostas do questionário (vide apêndice) no tocante à rede completa do partido aplicado na fase da coleta de dados. O objetivo foi verificar os tipos de relacionamentos entre os atores políticos da região de Betim, Contagem e Belo Horizonte, bem como a intensidade das conexões, por meio da frequência dos contatos pessoais, informações, apoio político e demais recursos. A Matriz 1, juntamente com a sua representação gráfica (FIG. 3), é mostrada a seguir.

Matriz 1 - Relação de Membros e Suas Interconexões

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	1	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	1	1	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de Pesquisa.

Figura 3- Relação de Membros e suas Interconexões

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisar a formação da rede, foi possível observar a presença de 78 laços entre os atores. Considerando que todos os atores possuem pelo menos uma conexão, constata-se a existência de relacionamentos entre eles. A densidade da rede foi calculada em 86,7%, com desvio padrão de 7,8%, indicando que a intensidade das relações é alta.

A centralidade de grau foi calculada levando-se em consideração cada participante da rede e seus respectivos indicadores, ambos demonstrados na Tabela 2. A coluna *Degree* mostra a quantidade de relacionamentos que determinado ator possui em relação aos demais e a coluna *NrmDegree* indica, percentualmente, o grau de centralidade em relação ao número de laços possíveis. A centralidade de grau de saída e a centralidade de grau de entrada são mostradas através das colunas *Outdegree (size out)* e *Indegree (size in)*, respectivamente. Reitera-se que a centralidade de grau de saída é determinada pelo número de relacionamentos que o ator estabelece, e a centralidade de grau de entrada é determinada pelo número de relacionamentos que o ator recebe. No primeiro caso, é possível medir a expansividade dos atores, enquanto que, na centralidade de entrada, medem-se o prestígio e a popularidade (Oliveira, 2010).

Tabela 2 – Centralidade de grau na rede do PCDOB

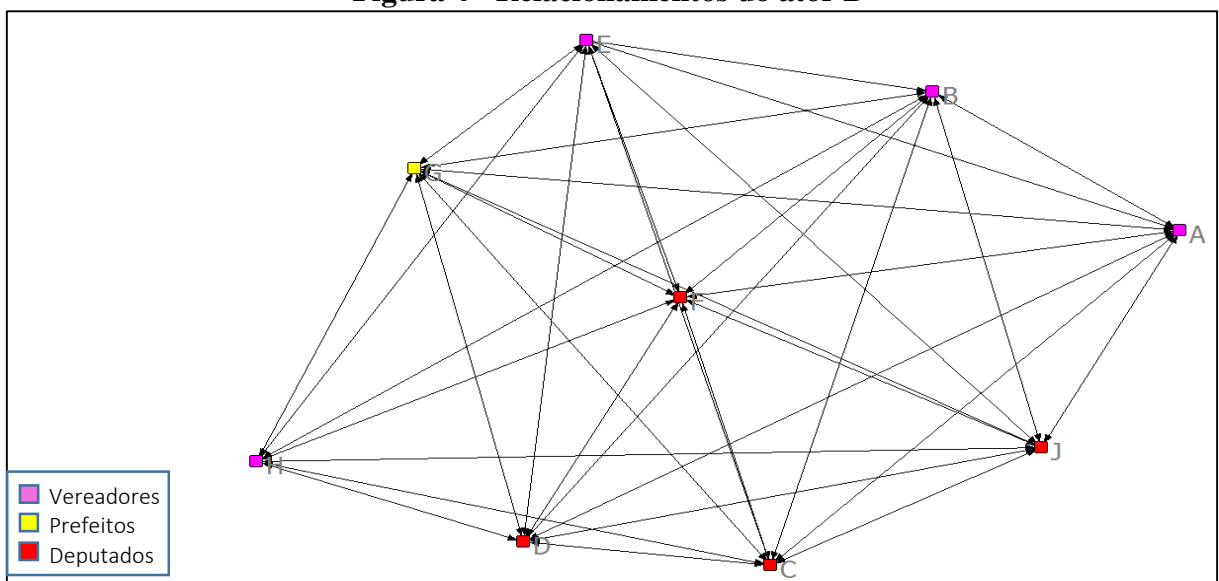
Nº	Atores	Outdegree	Nrm Out Degree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	6	66,70	7	77,80
2	B	6	66,70	8	88,90
3	C	8	88,90	9	100
4	D	9	100	8	88,90
5	E	9	100	6	66,70
6	F	9	100	9	100
7	G	9	100	9	100
8	H	8	88,90	8	88,90
9	I	6	66,70	6	66,70
10	J	8	88,90	8	88,90

Fonte: Dados de pesquisa.

Observa-se que os atores D, E, F e G, possuem relacionamentos com 100% dos demais, seguidos por C, H e J, com 88,90%. Os candidatos mais marginais foram A, B e I, com 66,70% dos contatos. Através dessa análise é possível perceber que todos os atores estão conectados com mais da metade da rede ($NrmDegree > 50\%$).

Para exemplificar a interpretação dos indicadores acima, criou-se uma representação gráfica (FIG. 4) baseada nos relacionamentos do ator B (linha 2) como forma de demonstrar o *Size Out* e *Size In*. Assim, é possível visualizar 6 relacionamentos que o ator estabelece (A, C, F, G, H e J) e oito conexões que recebe (A, C, D, E, F, G, H e J).

Figura 4 - Relacionamentos do ator B



Fonte: Dados de pesquisa.

Portanto, considerando os dados da Tabela 02, é possível atribuir maior expansividade (*Size Out*) aos atores D, E, F e G e maior popularidade e prestígio (*Size In*) aos atores C, F e G.

De maneira similar à centralidade de grau, a centralidade de proximidade é calculada a partir dos relacionamentos de entrada e saída e seus indicadores são apresentados nas colunas *In Closeness* e *Out Closeness* da Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Centralidade de Proximidade na Rede PCdoB

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	100,00	100,00
2	G	100,00	100,00
3	C	100,00	90,00
4	D	90,00	100,00
5	J	90,00	90,00
6	H	90,00	90,00
7	B	90,00	75,00
8	A	81,82	75,00
9	I	75,00	75,00
10	E	75,00	100,00

Fonte: Dados de pesquisa.

Os resultados obtidos demonstram que os atores F e G possuem melhor capacidade de estabelecer conexões com os demais (*In Closeness*) e os atores F, G, D e E em recebê-las (*Out Closeness*). Contudo, ao analisar a tabela como um todo, percebe-se que a maioria possui um indicador superior a 50%, o que sugere uma estrutura positiva de posicionamento da rede.

Ao avaliar a centralidade de intermediação, é possível identificar os principais atores que possuem o papel de estabelecer laços entre atores não conectados diretamente. Conforme mostrado na Tabela 4, os atores possuem um baixo grau de intermediação, sendo que o maior índice aferido foi pouco acima de 3%. Os atores F, G, C e D, se destacam por possuir o maior número de intermediações (*InBetweenness*), enquanto que B, I e A, contam com um *Betweenness* inferior a 1%.

Tabela 4 – Centralidade de Intermediação na Rede PCdoB

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	2.343	3.254
2	G	2.343	3.254
3	C	1.676	2.328
4	D	1.676	2.328
5	H	1.333	1.852
6	J	1.143	1.587
7	E	0.843	1.171
8	B	0.310	0.430
9	I	0.167	0.231
10	A	0.167	0.231

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao ponderar sobre a reciprocidade da rede, isto é, o percentual de entidades em um grafo que são bidirecionais, é possível perceber, na Tabela 5, que a rede possui a maior parte dos

candidatos com elevado grau de reciprocidade, sendo apenas o candidato E, a possuir laços bidirecionais inferior a 70%.

Tabela 5 - Reciprocidade na Rede do PCdoB

Nº	Atores	Symmetric (%)	Non- Symmetric (%)
1	A	85,7%	14,3%
2	B	75,0%	25,0%
3	C	88,9%	11,1%
4	D	88,9%	11,1%
5	E	66,7%	33,3%
6	F	100,0%	0,0%
7	G	100,0%	0,0%
8	H	100,0%	0,0%
9	I	100,0%	0,0%
10	J	100,0%	0,0%

Fonte: Dados de pesquisa

Pelos cálculos dos números de cliques presentes na rede de relacionamento, foi possível analisar a coesão do grupo e identificar a presença de subgrupos. No total, foram encontrados 7 subgrupos com conexões diretas e recíprocas entre seus atores, considerando apenas os cliques compostos por três ou mais integrantes, conforme mostrado na Tabela 6. A quantidade de cliques sugere uma tendência de baixa coesão da rede e as duas primeiras linhas da tabela indicam a formação de um forte subgrupo composto pelos atores C, D, F, G e H, sendo que os atores F e G são comuns a todos os cliques.

Tabela 6 - Presença de Cliques na Rede

Clique	Atores					
1	C	D	F	G	H	I
2	C	D	F	G	H	J
3	A	C	D	F	G	J
4	B	C	F	G	H	J
5	A	B	C	F	G	J
6	D	E	F	G	H	I
7	D	E	F	G	H	J

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisar os subgrupos que compõe a rede, percebe-se na Tabela 7, que todos os cliques apresentaram mais de 50% dos integrantes com lócus de trabalho na mesma cidade.

Tabela 7 - Presença de Cliques na Rede por Localidade

Fonte: Dados de pesquisa.

Clique	Atores e Localidade						mesma Localidade
1	C BH	D Contagem	F BH	G Contagem	H Contagem	I Contagem	67%
2	C BH	D Contagem	F BH	G Contagem	H Contagem	J BH	50%
3	A Betim	C BH	D Contagem	F BH	G Contagem	J BH	50%
4	B BH	C BH	F BH	G Contagem	H Contagem	J BH	67%
5	A Betim	B BH	C BH	F BH	G Contagem	J BH	67%
6	D Contagem	E Contagem	F BH	G Contagem	H Contagem	I Contagem	83%
7	D Contagem	E Contagem	F BH	G Contagem	H Contagem	J BH	67%

Uma segunda forma de analisar a coesão da rede é através do número de *n-cliques*. Essa análise considerou como fator de coesão as conexões diretas entre os atores ($n = 1$) e a distância geodésica de dois cliques como maneira de estabelecer um laço ($n = 2$). Portanto, foram considerados coesos os atores que necessitam de, no máximo, um segundo ator para se relacionar com o restante da rede (2-cliques). Nesse contexto, foi encontrado um conjunto de atores relacionados na Tabela 8. O fato do conjunto de 2-cliques, ser formado por todos os integrantes do partido pesquisado, significa uma considerável coesão do grupo.

Tabela 8 - Presença de n-cliques na Rede

Clique	Atores									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										

Fonte: Dados de pesquisa

Segundo os estudos de Granovetter (1973) os laços fortes tendem a se concentrar em grupos particulares, ou cliques. Neste sentido, analisou-se os cliques compostos por laços fortes entre indivíduos do partido.

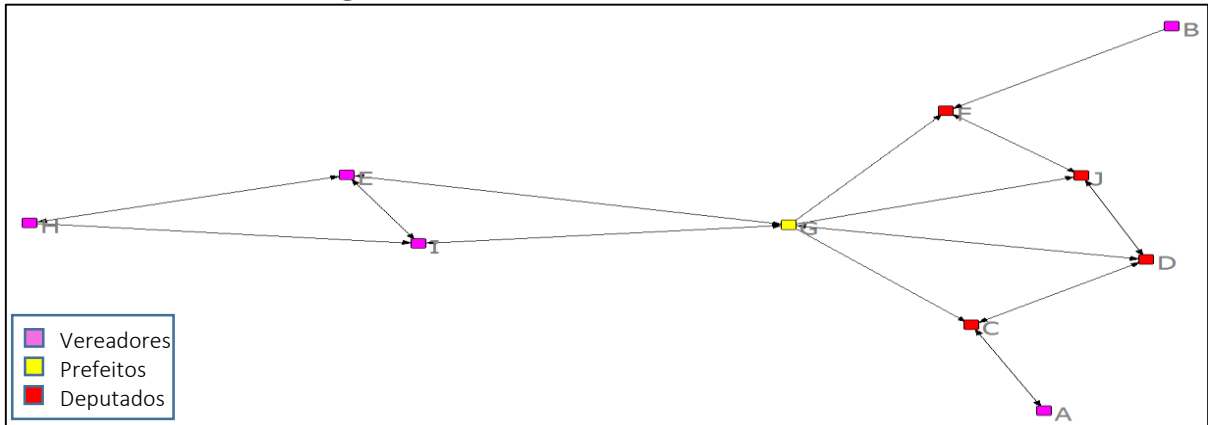
A Matriz 2, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 5), apresenta os relacionamentos categorizados no questionário como laços fortes, sendo considerados como fortes, a frequência das relações que ocorrem em um horizonte de, no máximo, uma semana entre os atores.

Matriz 2- Conexões Fortes Entre Membros

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
B	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
C	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0
D	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1
E	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0
F	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
G	0	0	1	1	1	1	1	0	1	1
H	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0
I	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0
J	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1

Fonte: Dados de pesquisa

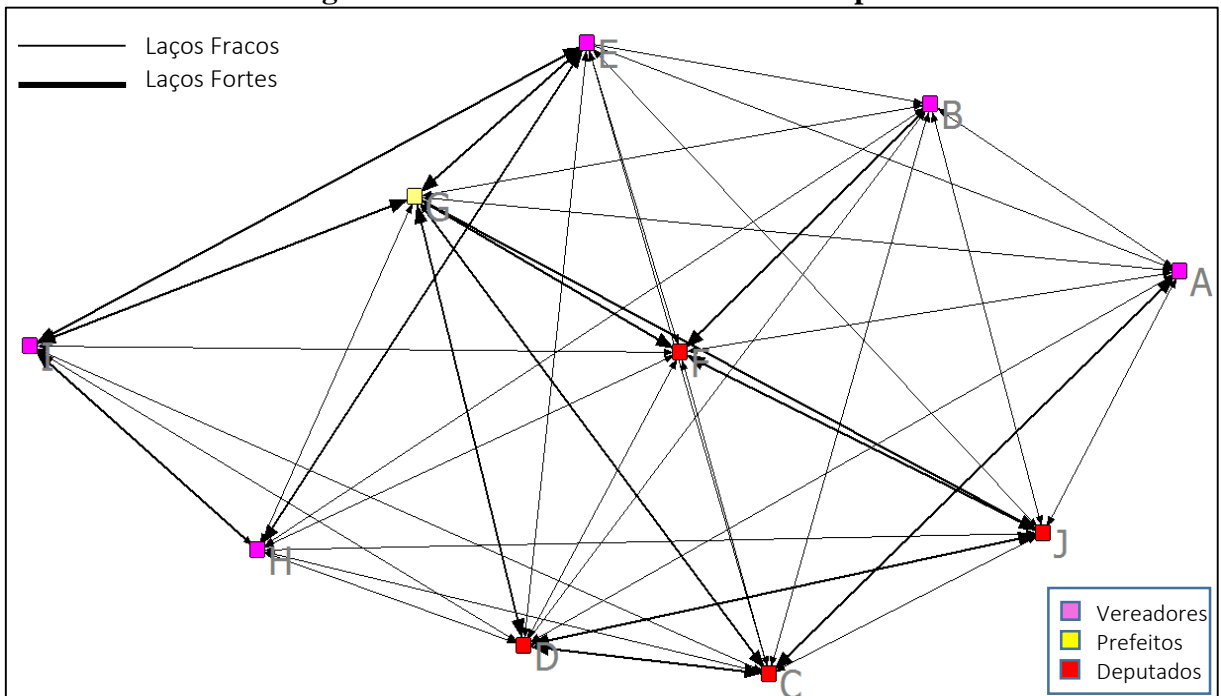
Figura 5 – Conexões Fortes entre Membros



Fonte: Dados de pesquisa.

A figura 6 descreve a topologia da rede do partido considerando todas as conexões, com destaque para as ligações fortes entre os atores.

Figura 6 - Conexões Fortes da Rede Completa



Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisar a rede constituída de conexões fortes, foi observado a presença de 23 laços fortes, sendo sua densidade de 25,6%. A partir dessa topologia foi identificada a presença de um subgrupo, ou clique, conforme Tabela 9.

Tabela 9 – Presença de Cliques com Laços fortes

Clique	Atores		
1	E	G	I

Fonte: Dados de pesquisa

Percebe-se que todos os integrantes da Tabela 9, possuem lócus de trabalho na mesma cidade, isto é, na cidade de Contagem, sendo os atores E e I, vereadores da cidade; e o ator G, prefeito da cidade de Contagem.

Ao levantar a coesão da rede através do número de *n-cliques* foram encontrados quatro conjuntos de atores relacionados na Tabela 10, o que indica baixa coesão entre os grupos que se interagem com alta frequência na rede. Entretanto, também indica tendência à formação de facções, visto que as mesmas são constituídas de indivíduos que se unem para apoiar determinado candidato, ou ainda defender interesses comuns.

Tabela 10 - Presença de n-cliques na Rede Forte

Clique	Atores						
1	C	D	E	F	G	I	J
2	A	C	D	G			
3	B	F	G	J			
4	E	G	H	I			

Fonte: Dados de pesquisa

Ao analisar os subgrupos que compõe a rede como base em *n-cliques* formados por laços fortes, percebe-se na tabela 11, que todos os cliques apresentaram mais de 50% dos integrantes com lócus de trabalho na mesma cidade.

Tabela 11 - Presença de n-cliques na Rede Forte por Localidade

Clique	Atores e Localidade							% Indivíduos de mesma Localidade
1	C BH	D Contagem	E Contagem	F BH	G Contagem	I Contagem	J BH	57%
2	A Betim	C BH	D Contagem	G Contagem				50%
3	B BH	F BH	G Contagem	J BH				75%
4	E Contagem	G Contagem	H Contagem	I Contagem				100%

Fonte: Dados de pesquisa

Ao comparar os dados obtidos entre as cliques presentes na rede do partido, considerando as relações presentes entre os membros do partido, e as cliques presentes na rede de conexões fortes, isto é, cujo os membros se relacionam com frequência inferior a uma semana, percebe-se que os atores F e G foram destaques em ambos agrupamentos. Percebe-se que esses atores apresentaram alto índice de centralidade na rede do partido. Em relação a quantidade de cliques, percebeu-se que a rede formada por laços fortes apresentou quatro subgrupos, e uma quantidade de membros consideravelmente inferior em relação aos resultados obtidos na análise dos relacionamentos gerais do partido.

4.1.1 Mapeamento dos Recursos da Rede

As matrizes de recursos (Matrizes 03 - 12) foram geradas a partir das respostas dos questionários no tocante aos recursos transacionados na rede completa do partido (vide Apêndice) aplicado na fase de coleta de dados. O objetivo foi verificar os tipos de recursos que fluem entre os atores políticos da região de Betim, Contagem e Belo Horizonte, bem como a intensidade do fluxo (frequência das informações). A tabela 12 descreve os recursos mapeados na pesquisa.

Tabela 12 – Recursos Mapeados

Nº	Recurso
1	Apoio a Solidariedade
2	Orientação sobre Aliança Política
3	Dicas Sobre Campanha
4	Financeiro
5	Apoio pleitos pessoais no contexto político
6	Mobilizar Militantes
7	Orientação sobre economia, políticas públicas
8	Informação sobre o partido
9	Informação sobre ambiente Político
10	Informação sobre correligionários
11	Outros – não identificados.

Fonte: Dados de Pesquisa

A seguir são apresentadas as matrizes, juntamente com suas respectivas representações gráficas. As matrizes foram analisadas seguindo os mesmos critérios utilizados na seção 4.1.

4.1.1.1 Apoio à Solidariedade

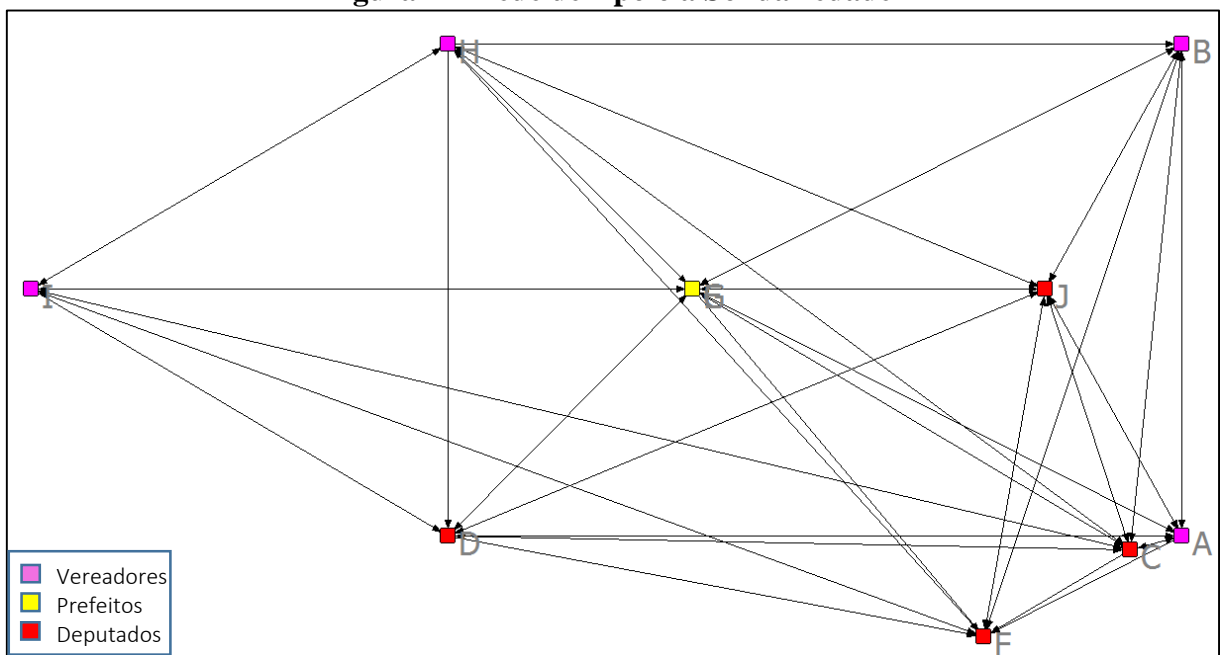
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos solidários entre eles. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 03, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 7), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 3 – Apoio a Solidariedade

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	1	0	1	0	1	1	1	0	0	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa

Figura 7 – Rede de Apoio a Solidariedade



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados anteriormente, observa-se 66 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 73,30%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que são altamente solidários com os demais. Os graus de centralidade de saída e entrada são apresentados na Tabela 13.

Tabela 13 – Centralidade de Grau no Apoio à Solidariedade

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	5	55,6	6	66,7
2	B	5	55,6	6	66,7
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	6	66,7	6	66,7
5	E	9	100	5	55,6
6	F	2	22,2	9	100
7	G	9	100	8	88,9
8	H	8	88,9	5	55,6
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	8	88,9

Fonte: Dados de pesquisa

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 13, é possível observar que os atores C, D, E, G, H e J se relacionam solidariamente com a maioria da rede (*NrmDegree* > 60%) e que F possui relacionamento de solidariedade apenas com dois atores. Os únicos atores que possuem alto *Size in* e alto *Size out* simultaneamente são os atores C, G e J. O ator F também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento (*Indegree* = 9) e possuir baixíssima expansividade (*Outdegree* = 2).

Na Tabela 14 é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores F, G, C e J contam com os maiores *In Closeness* e G, C e J, H e E, com os maiores *Out Closeness*. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 14 – Centralidade de Proximidade no Apoio à Solidariedade

Nº	Atores	inCloseness (%)	outCloseness (%)
1	F	100,00	56,25
2	G	90,00	100,00
3	C	90,00	90,00
4	J	90,00	90,00
5	D	75,00	75,00
6	A	75,00	69,23
7	B	75,00	69,23
8	H	69,23	90,00
9	I	69,23	75,00
10	E	69,23	100,00

Fonte: Dados de pesquisa

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 15, indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 15%.

Tabela 15 – Centralidade de Intermediação no Apoio à Solidariedade

Nº	Atores	outBetweenness (%)	inBetweenness (%)
1	J	7,65	10,63
2	G	4,93	6,85
3	C	3,73	5,19
4	I	2,70	3,75
5	E	1,73	2,41
6	F	1,28	1,78
7	H	0,82	1,13
8	D	0,78	1,09
9	A	0,20	0,28
10	B	0,17	0,23

Fonte: Dados de pesquisa

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 7 cliques e 1 n-cliques (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença de um subgrupo predominante formado pelos atores A, B, C, G e J (Tabela 16) e, ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontram-se um subgrupo principal (Tabela 17), formada por todos os membros do partido pesquisado.

Tabela 16 – Presença de Cliques na Rede Apoio à Solidariedade

Clique	Atores				
1	A	B	C	G	J
2	C	D	G	J	
3	C	G	H	J	
4	C	G	H	I	
5	E	G	H	I	
6	E	G	H	J	
7	D	E	G	J	

Fonte: Dados de pesquisa

Tabela 17 – Presença de n-cliques na Rede Apoio à Solidariedade

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa

4.1.1.2 Aliança Política

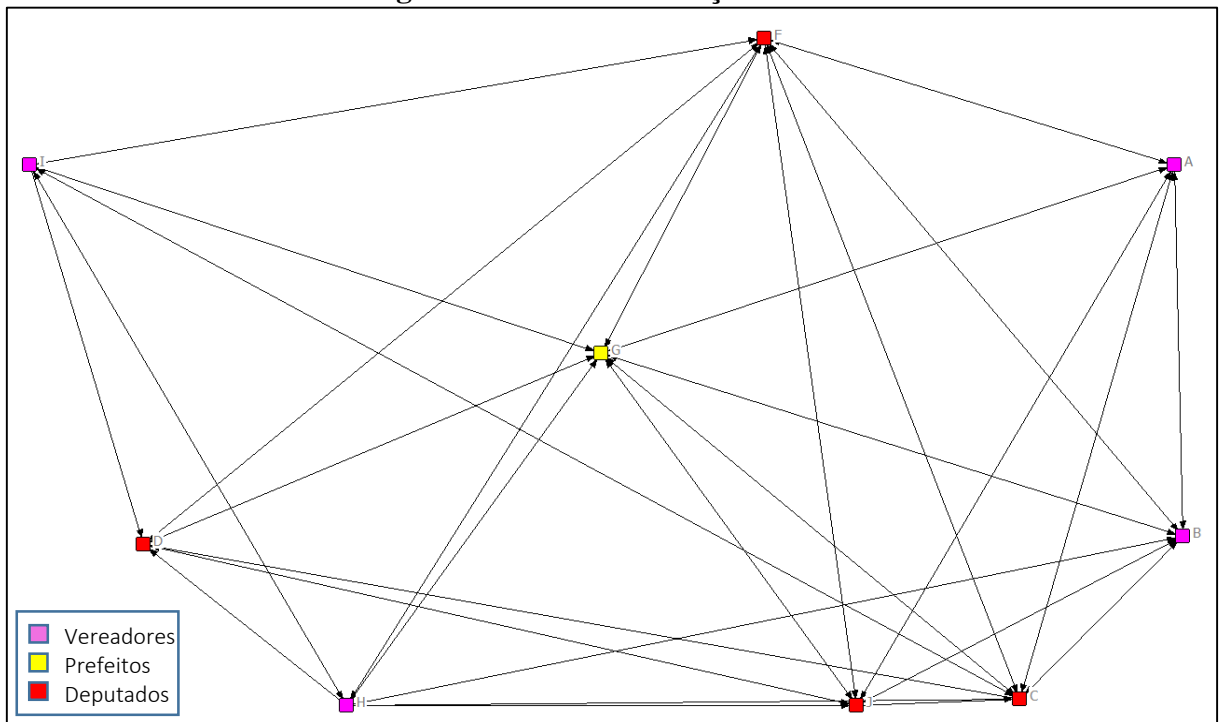
Os atores políticos foram questionados no tocante à presença de relacionamentos que promovessem aliança política entre eles. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 4, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 8), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 4 – Aliança Política

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa

Figura 8 – Rede de Aliança Política



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 70 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 77,80%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para obtenção de aliança política.

As medidas de centralidade de saída e entrada são apresentadas na Tabela 18. Ao analisar a centralidade de grau, é possível observar que grande parte dos atores se relacionam solidariamente com a maioria da rede ($NrmDegree > 60\%$) e D possui relacionamento de aliança política com apenas com três atores. Os únicos atores que possuem alto *Size in* e alto *Size out* simultaneamente são os atores C, F, G e J. O ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento ($Indegree = 7$) e possuir baixíssima expansividade ($Outdegree = 3$).

Tabela 18 – Centralidade de Grau na Rede Aliança Política

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	5	55,6	6	66,7
2	B	5	55,6	7	77,8
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	3	33,3	7	77,8
5	E	9	100	5	55,6
6	F	9	100	9	100
7	G	9	100	9	100
8	H	8	88,9	6	66,7
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	8	88,9

Fonte: Dados de Pesquisa

Na Tabela 19, a seguir, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores F e G contam com os maiores *In Closeness* e F, G e E, com os maiores *Out Closeness*. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 19 – Centralidade de Proximidade na Aliança Política

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	100,00	100,00
2	G	100,00	100,00
3	C	90,00	90,00
4	J	90,00	90,00
5	D	81,82	60,00
6	B	81,82	69,23
7	A	75,00	69,23
8	H	75,00	90,00
9	I	69,23	75,00
10	E	69,23	100,00

Fonte: Dados de Pesquisa

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 20, indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 7%. Destaque para o ator A, que não possui nenhum grau de intermediação para o recurso aliança política.

Tabela 20 - Centralidade de Intermediação na Aliança Política

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	5,68	7,89
2	G	5,68	7,89
3	J	3,70	5,14
4	C	2,65	3,68
5	E	0,98	1,37
6	H	0,77	1,07
7	I	0,20	0,28
8	B	0,17	0,23
9	D	0,17	0,23
10	A	0,00	0,00

Fonte: Dados de Pesquisa

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 6 cliques e 1 n-cliques (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença do ator G em todos os subgrupos no quesito aliança política (Tabela 21) e, ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 22), formado por todos os membros pesquisados. A reduzida quantidade de cliques e n-cliques indica tendência coesiva da rede.

Tabela 21- Presença de cliques na Rede Aliança Política

Clique	Atores				
1	A	B	C	G	J
2	C	F	G	H	J
3	E	F	G	H	J
4	D	F	G	J	
5	E	F	G	H	I
6	E	F	G	H	I

Fonte: Dados de pesquisa

Tabela 22 - Presença de n-cliques na Rede Aliança Política

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa

4.1.1.3 Dicas Sobre Campanha

Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem a troca de informação sobre campanhas. Ao mapear esses relacionamentos, foi

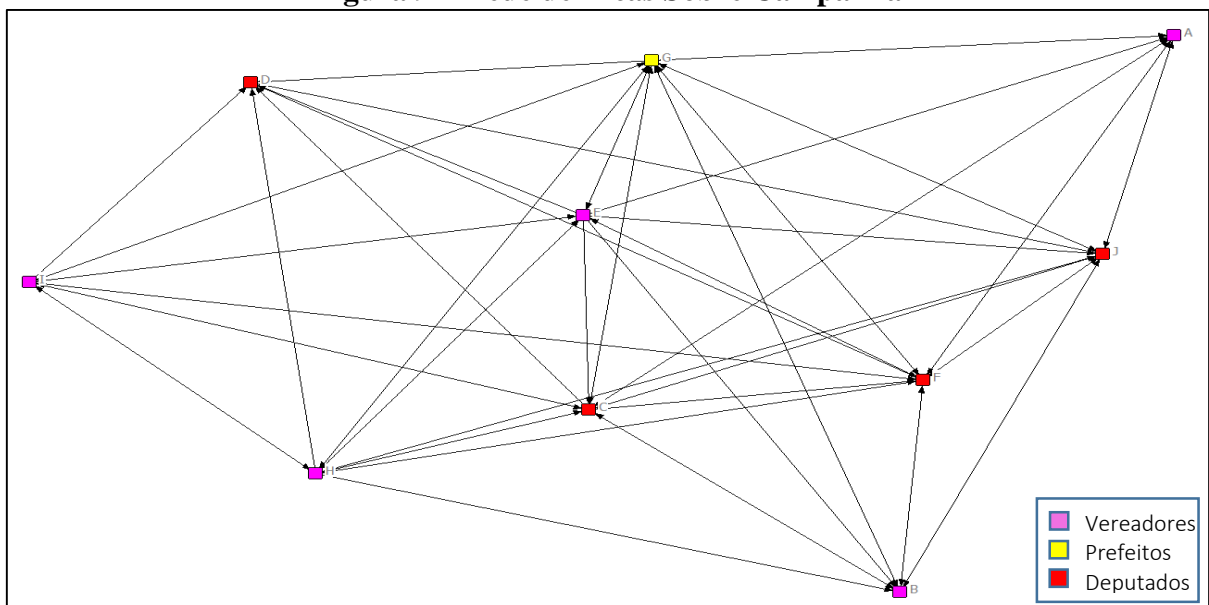
possível obter a Matriz 5, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 9), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 5 – Dicas sobre Campanha

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
B	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa

Figura 9 – Rede de Dicas Sobre Campanha



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 65 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, obteve-se a densidade da rede em 72,20%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensamente com os demais para obtenção de dicas sobre campanha.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 23, é possível observar que os atores C, E, F, G, H, I e J se relacionam solidariamente com a maioria da rede ($NrmDegree > 60\%$) e que D não possui relacionamento que envolva dicas sobre campanha. Os únicos atores

que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C, F, G e J. O ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento (*Indegree* = 7) e possuir nenhuma expansividade (*Outdegree* = 0).

Tabela 23 – Centralidade de Grau em Dicas Sobre Campanha

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	4	44,4	5	55,6
2	B	4	44,4	6	66,7
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	0	0	7	77,8
5	E	9	100	5	55,6
6	F	9	100	8	88,9
7	G	9	100	8	88,9
8	H	8	88,9	6	66,7
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	7	77,8

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 24, a seguir, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que o ator D conta com o maior *In Closeness* e F, G, C, J, H e E, com os maiores *Out Closeness*. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 24 – Centralidade de Proximidade em Dicas Sobre Campanha

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	D	81,82	10,00
2	F	50,00	100,00
3	C	50,00	90,00
4	G	50,00	100,00
5	J	47,37	90,00
6	H	45,00	90,00
7	B	45,00	64,29
8	A	42,86	64,29
9	I	42,86	75,00
10	E	42,86	100,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 25 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 6%. Destaque para o ator A, que não possui nenhum grau de intermediação para o recurso aliança política.

Tabela 25 – Centralidade de Intermediação em Dicas Sobre Campanha

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	4,08	5,67
2	G	4,08	5,67
3	C	3,22	4,47
4	J	2,57	3,57
5	E	1,05	1,46
6	H	0,80	1,11
7	I	0,20	0,28
8	B	0,17	0,23
9	D	0,17	0,23
10	A	0,00	0,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 6 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença do ator G e F em todos os subgrupos no recurso dicas sobre campanha (Tabela 26) e, ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontram-se um subgrupo principal (Tabela 27), formado por todos os membros do partido.

Tabela 26 – Presença de Cliques na Rede Dicas sobre Campanha

Clique	Atores				
1	B	C	F	G	J
2	C	F	G	H	J
3	A	C	F	G	J
4	C	F	G	H	I
5	E	F	G	H	I
6	E	F	G	H	J

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 27 – Presença de n-cliques na Rede Dicas sobre Campanha

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.4 Financeiro

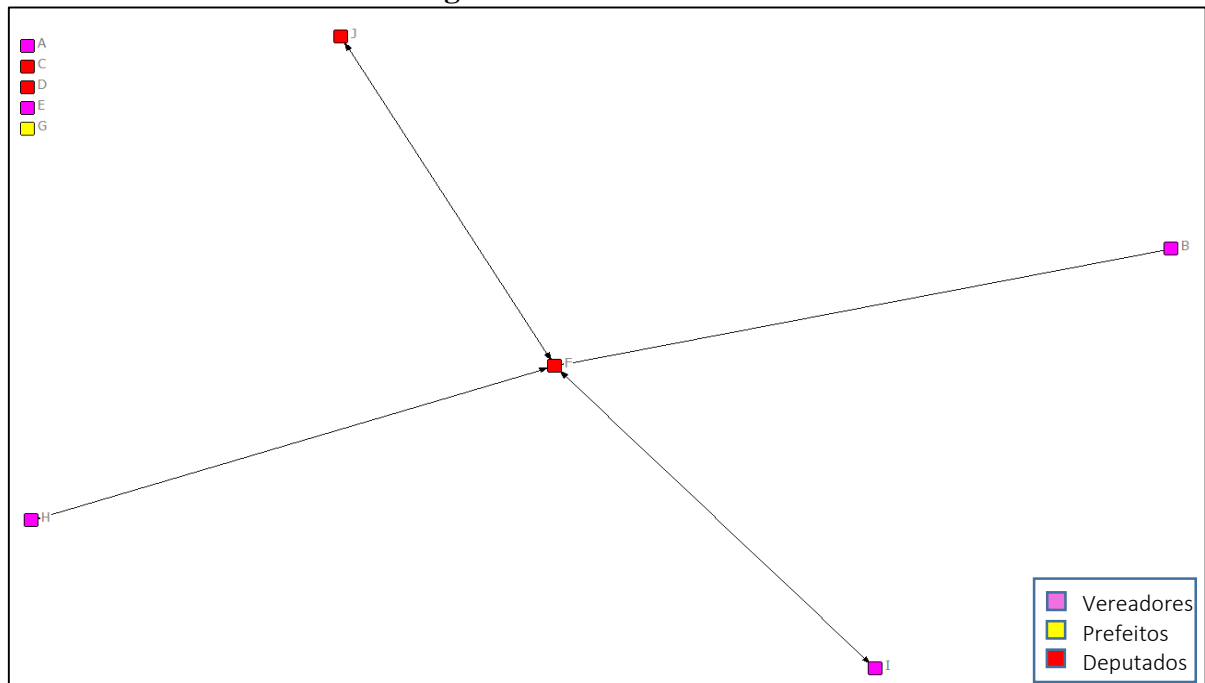
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem o recurso financeiro. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 6, juntamente com a FIG. 10, através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 6 – Financeiro

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
B	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
D	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
E	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
F	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
G	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
I	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
J	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 10 – Rede Financeiro



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 7 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pôde-se determinar a densidade da rede

em 7,8%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que pouco transacionam recursos financeiros com os demais.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 28, é possível observar que grande parte dos atores da rede não possuem relacionamentos que envolvam o recurso financeiro, sendo o ator F, o indivíduo que possui maior centralidade nesse aspecto. Percebeu-se que todos os atores possuem baixo *Size in* e *Size out*.

Tabela 28 – Centralidade de Grau Financeiro

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	0	0	0	0
2	B	1	0,111	0	0
3	C	0	0	0	0
4	D	0	0	0	0
5	E	0	0	0	0
6	F	3	0,333	4	0,444
7	G	0	0	0	0
8	H	1	0,111	1	0,111
9	I	1	0,111	1	0,111
10	J	1	0,111	1	0,111

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 29, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, onde os atores I, H e J possuem maior *In Closeness*, e os atores F, I, H, J e B apresentaram maior *Out Closeness*. Observa-se também baixíssimo grau de *Closeness* (<50%) no contexto geral da rede.

Tabela 29 – Centralidade de Proximidade Financeiro

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	13,67	14,29
2	I	15,79	13,85
3	H	15,79	13,85
4	J	15,79	13,85
5	B	10,00	15,79
6	A	10,00	10,00
7	G	10,00	10,00
8	C	10,00	10,00
9	D	10,00	10,00
10	E	10,00	10,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 30 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau

de intermediação abaixo de 15%. Destaque para o ator F, que é o único agente que possui intermediação para o recurso financeiro.

Tabela 30 – Centralidade de Intermediação Financeiro

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	9,00	12,50
2	B	0,00	0,00
3	C	0,00	0,00
4	D	0,00	0,00
5	E	0,00	0,00
6	A	0,00	0,00
7	G	0,00	0,00
8	H	0,00	0,00
9	I	0,00	0,00
10	J	0,00	0,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

No quesito coesão, não foram encontrados cliques na rede do recurso financeiro, entretanto foi encontrado um subgrupo de n-cliques (em que $n = 2$). Considerando os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 31), formado pelos membros B, F, H, I e J. A ausência de cliques e a presença de apenas um n-clique indica tendência coesiva da rede.

Tabela 31 – Presença de n-cliques na Rede Financeiro

Clique	Atores				
1	B	F	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

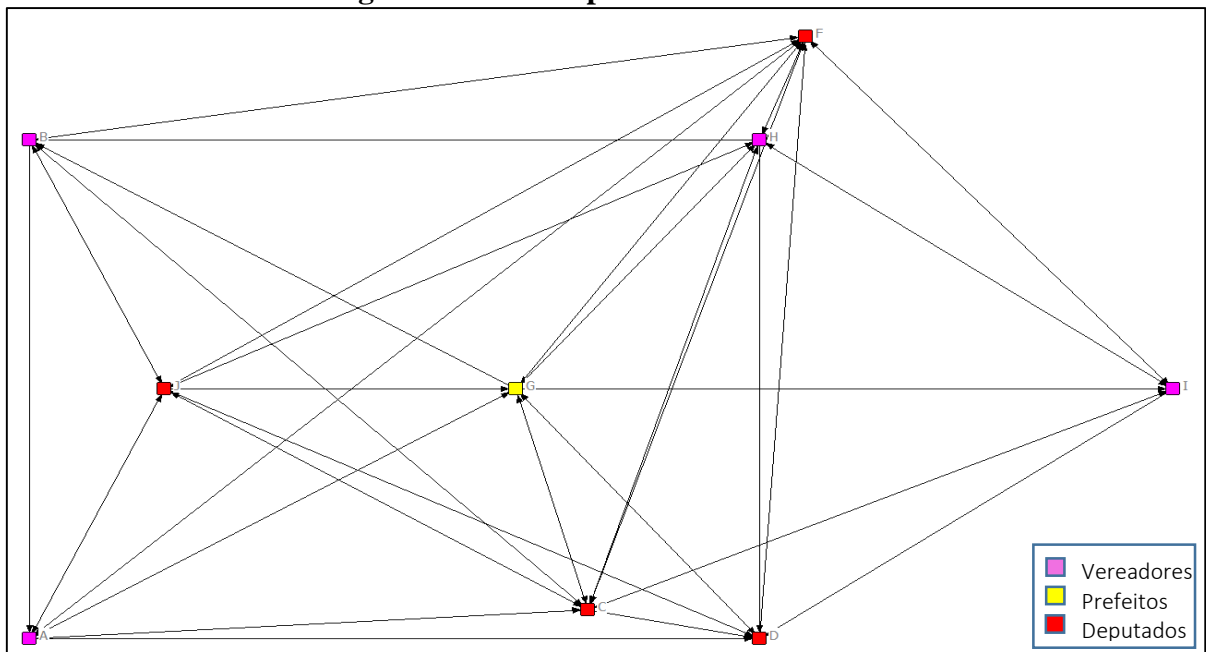
4.1.1.5 Apoio à Pleitos Pessoais no Contexto Político

Os atores políticos foram questionados no tocante à presença de relacionamentos que promovessem apoio à pleitos pessoais no contexto político. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 7, juntamente com a sua representação gráfica (FIG. 11) através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 7 – Apoio à Pleitos Pessoais no Contexto Político

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	1	1	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 11– Rede Apoio à Pleitos Pessoais

Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 68 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 75,60%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para obtenção de apoio à pleitos pessoais no contexto político.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 32 é possível observar que os atores C, E, F, G, H, I e J se relacionam com a maioria da rede ($NrmDegree > 60\%$) e que D possui relacionamento com apenas 3 atores que envolva apoio à pleitos pessoais no contexto político. Os graus de centralidade de saída e entrada são apresentados na Tabela 32. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C, F, G e J. O

ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento (*Indegree* = 7) e possuir baixa expansividade (*Outdegree* = 3).

Tabela 32 – Centralidade de Grau no Apoio à Pleitos Pessoais

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	5	44,5	6	66,7
2	B	4	44,4	6	66,7
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	3	33,3	7	77,8
5	E	9	100	5	55,6
6	F	8	88,9	9	100
7	G	9	100	8	88,9
8	H	8	88,9	6	66,7
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	8	88,9

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 33, a seguir, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores com maior *In Closeness* são F, I, H e J. Com maior *outcloseness* estão F, I, H, J, C e E. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 33 – Centralidade de Proximidade no Apoio à Pleitos Pessoais

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	100,00	90,00
2	I	90,00	100,00
3	H	90,00	90,00
4	J	90,00	90,00
5	B	81,82	60,00
6	A	75,00	69,23
7	G	75,00	64,29
8	C	75,00	90,00
9	D	69,23	75,00
10	E	69,23	100,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 34 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 9%.

Tabela 34 – Centralidade de Intermediação no Apoio à Pleitos Pessoais

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	6,10	8,47
2	G	4,66	6,47
3	J	4,43	6,15
4	C	3,38	4,69
5	E	1,13	1,56
6	H	0,91	1,26
7	A	0,73	1,01
8	I	0,34	0,48
9	B	0,17	0,23
10	D	0,17	0,23

Fonte: Dados de Pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional, 7 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença dos atores G e F na maioria dos subgrupos no recurso apoio à pleitos pessoais no contexto político (Tabela 35). Ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 36), formada por todos os membros do partido pesquisados.

Tabela 35 – Presença de Cliques na Rede Apoio à Pleitos Pessoais

Clique	Atores				
1	C	F	G	H	I
2	C	F	G	H	J
3	A	C	F	G	J
4	B	C	F	J	
5	E	F	G	H	I
6	E	F	G	H	J
7	D	G	J		

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 36 – Presença de n-cliques na Rede Apoio à Pleitos Pessoais

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.6 Mobilização de Militantes

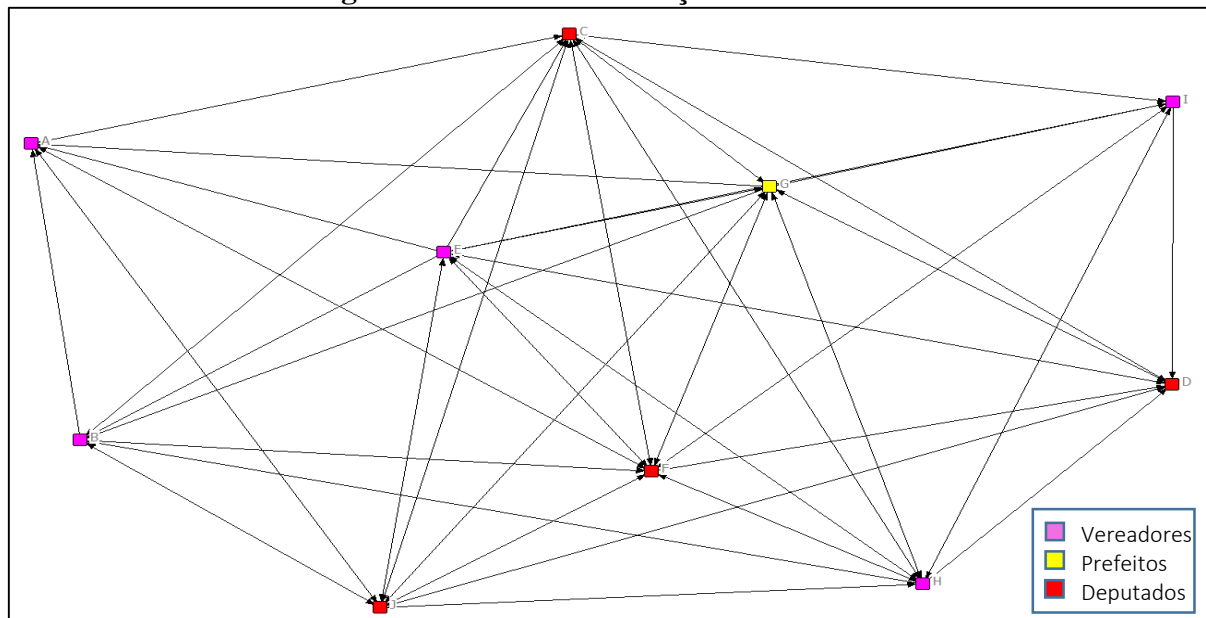
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem a mobilização de militantes. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 8, juntamente com sua representação (FIG. 12), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 8 – Mobilização de Militantes

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 12 – Rede Mobilização de Militantes



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 66 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede

em 73,30%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para mobilização de militantes.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 37, é possível observar que os atores C, E, F, G, H, I e J se relacionam com a maioria da rede (*NrmDegree* > 60%) e que D possui relacionamento com apenas 2 atores que envolva a mobilização de militantes. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C, F, G e J. O ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento (*Indegree* = 7) e possuir baixa expansividade (*Outdegree* = 2).

Tabela 37– Centralidade de Grau na Mobilização de Militantes

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	3	33,33	6	66,7
2	B	4	44,4	6	66,7
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	2	22,22	7	77,8
5	E	9	100	6	66,7
6	F	9	100	8	88,9
7	G	9	100	7	77,8
8	H	8	88,9	6	66,7
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	7	77,8

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 38, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores que contam com o maior *incloseness* são F e C. Com maior *outcloseness* estão F, C, G, J, H e E. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 38 – Centralidade de Proximidade na Mobilização de Militantes

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	90,00	100,00
2	C	90,00	90,00
3	G	81,82	100,00
4	D	81,82	56,25
5	J	81,82	90,00
6	A	75,00	60,00
7	B	75,00	64,29
8	H	75,00	90,00
9	E	75,00	100,00
10	I	69,23	75,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 39 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 8%. Destaque para o ator D que não apresenta nenhum grau de intermediação para o recurso mobilização de militantes.

Tabela 39 – Centralidade de Intermediação na Mobilização de Militantes

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	5,52	7,66
2	G	4,68	6,51
3	J	4,52	6,27
4	C	4,35	6,04
5	E	3,67	5,09
6	H	0,77	1,07
7	A	0,17	0,23
8	I	0,17	0,23
9	B	0,17	0,23
10	D	0,00	0,00

Fonte: Dados de pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 7 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques), pode-se observar a presença do ator G e F na maioria dos subgrupos do recurso apoio à pleitos pessoais no contexto político (Tabela 40). Ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 41), formado por todos os membros do partido.

Tabela 40 – Presença de Cliques na Rede Mobilização de Militantes

Clique	Atores				
1	C	F	G	H	J
2	A	C	F	J	
3	B	C	F	J	
4	C	F	G	H	I
5	E	F	G	H	I
6	E	F	G	H	J
7	D	E	G		

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 41 – Presença de n-cliques na Rede Mobilização de Militantes

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.7 Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

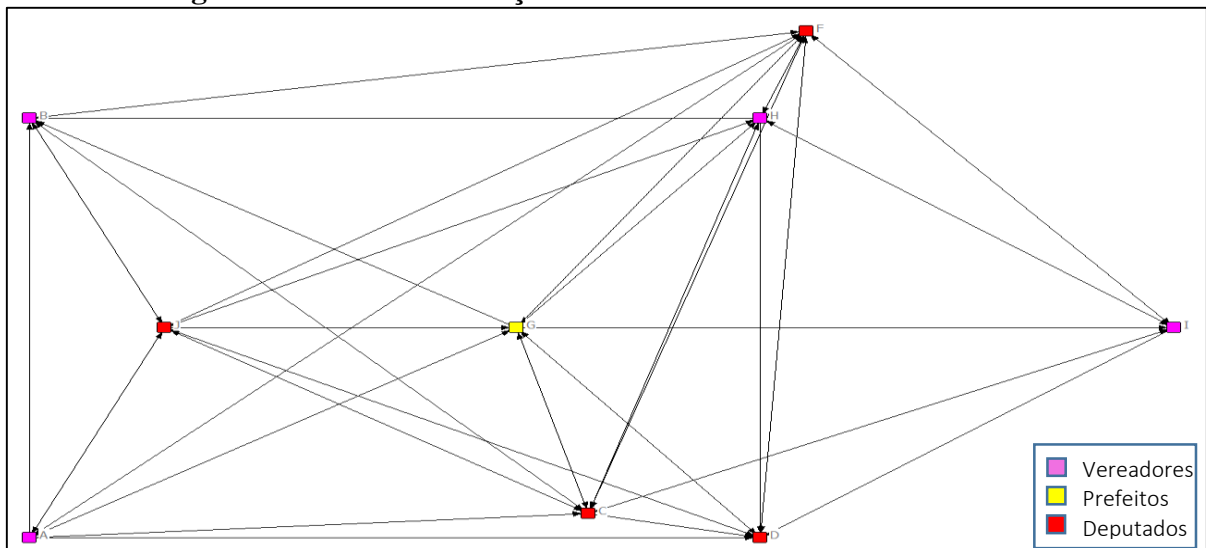
Os atores políticos foram questionados no tocante à presença de relacionamentos que promovessem orientação sobre economia e políticas públicas. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 9, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 13), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 9 – Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	1	0	1	1	0	0	1
B	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 13 – Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados anteriormente, observa-se 69 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 76,70%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que

podem contar intensivamente com os demais para obtenção de orientação sobre economia e políticas públicas.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 42, é possível observar que os atores C, E, F, G, H e J se relacionam solidariamente com a maioria da rede (*NrmDegree* > 60%) e que D possui relacionamento com apenas 2 atores que envolva a orientação sobre economia e políticas públicas. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C, F, G e J. O ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento (*Indegree* = 8) e possuir baixa expansividade (*Outdegree* = 3).

Tabela 42 – Centralidade de Grau na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	6	66,7	5	55,6
2	B	3	33,3	7	77,8
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	3	33,3	8	88,9
5	E	9	100	5	55,6
6	F	9	100	9	100
7	G	9	100	8	88,9
8	H	8	88,9	6	66,7
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	8	88,9

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 43, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores F, G, C, D e J contam com o maior *In Closeness*. Com maior *Out Closeness* estão F, C, G, J, H e E. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 43 – Centralidade de Proximidade na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	100,00	100,00
2	G	90,00	100,00
3	C	90,00	90,00
4	D	90,00	60,00
5	J	90,00	90,00
6	B	81,82	60,00
7	H	75,00	90,00
8	A	69,23	75,00
9	I	69,23	75,00
10	E	69,23	100,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 44 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 8%. Destaque para o ator A que não apresenta nenhum grau de intermediação para o recurso orientação sobre economia e políticas públicas.

Tabela 44 – Centralidade de Intermediação na Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	5,52	7,66
2	G	4,68	6,51
3	E	4,52	6,27
4	C	4,35	6,04
5	J	3,67	5,09
6	H	0,77	1,07
7	B	0,17	0,23
8	D	0,17	0,23
9	I	0,17	0,23
10	A	0,00	0,00

Fonte: Dados de pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 7 cliques e 1 n-cliques (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença do ator G, H e F na maioria dos subgrupos do recurso apoio à pleitos pessoais no contexto político (Tabela 45). Ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontram-se um subgrupo principal (Tabela 46), formada por todos os membros do partido pesquisados.

Tabela 45 – Presença de Cliques na Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Clique	Atores				
1	E	F	G	H	J
2	C	F	G	H	J
3	A	C	F	G	J
4	D	F	G	J	
5	E	F	G	H	I
6	C	F	G	H	I
7	B	C	F	J	

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 46 – Presença de n-cliques na Rede Orientação sobre Economia e Políticas Públicas

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.8 Informação Sobre o Partido

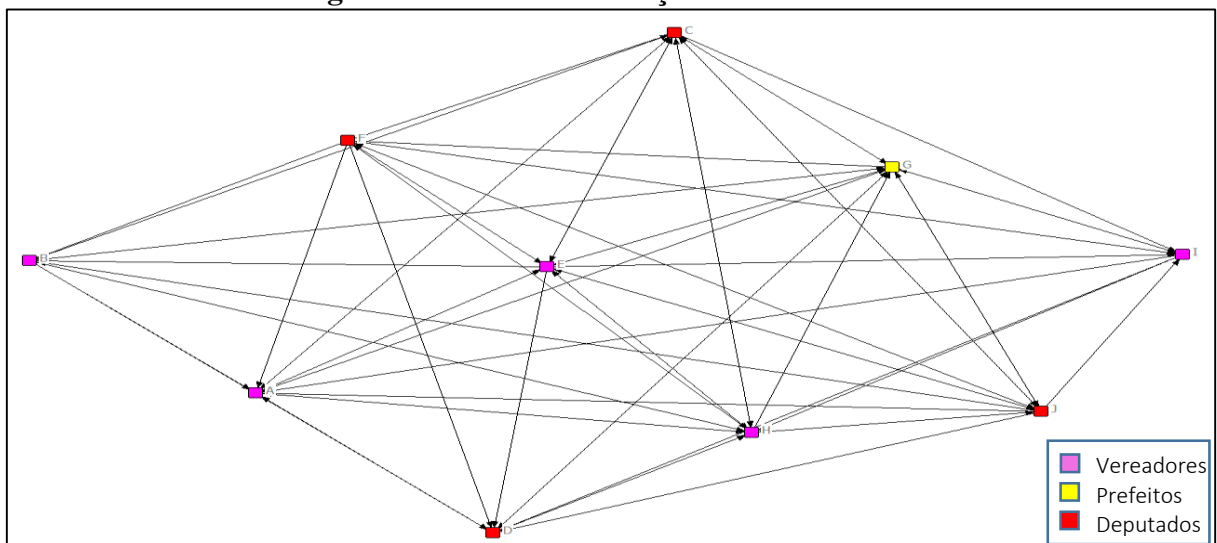
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem informação sobre o partido político. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 10, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 14), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 10 – Informação sobre o Partido

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	1	1	1	0	1	1	0	0
B	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0
C	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1
D	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0
E	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1
H	1	0	1	1	1	1	1	0	0	1
I	1	0	0	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 14 – Rede Informação sobre o Partido



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 65 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pôde-se determinar a densidade da rede em 72,20%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para obtenção de informação sobre o partido.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 47, é possível observar que os atores E, F, G e J, trocam informação sobre o partido com a maioria da rede ($NrmDegree > 60\%$) e que B possui relacionamento com apenas 4 atores que envolva informação sobre o partido. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores G, E, H. O ator D também se sobressai por receber uma expressiva quantidade de relacionamento ($Indegree = 8$) e possuir baixa expansividade ($Outdegree = 3$).

Tabela 47 – Centralidade de Grau na Informação sobre Partido

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegree	Nrm InDegree (%)
1	A	5	55,6	9	100
2	B	4	44,4	5	55,6
3	C	7	77,8	6	66,7
4	D	3	33,3	8	88,9
5	E	8	88,9	7	77,8
6	F	8	88,9	4	44,4
7	G	8	88,9	8	88,9
8	H	7	77,8	8	88,9
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	9	100	5	55,6

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 48, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores A, G, H e D contam com o maior *In Closeness*. Com maior *Out Closeness* estão G, J, E e F. Observa-se também alto grau de *Closeness* ($> 50\%$) no contexto geral da rede.

Tabela 48 – Centralidade de Proximidade na Informação sobre Partido

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	A	100,00	69,23
2	G	90,00	90,00
3	H	90,00	81,82
4	D	90,00	60,00
5	E	81,82	90,00
6	C	75,00	81,82
7	B	69,23	64,29
8	J	69,23	100,00
9	I	69,23	75,00
10	F	64,29	90,00

Fonte: Dados de pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 49 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 14%.

Tabela 49 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Partido

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	G	9,58	13,30
2	H	5,30	7,36
3	E	2,49	3,46
4	A	1,93	2,68
5	C	1,57	2,18
6	F	1,31	1,82
7	J	1,29	1,80
8	I	0,89	1,24
9	B	0,39	0,55
10	D	0,25	0,35

Fonte: Dados de pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 8 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença de atores diferenciados em subgrupos, quando o assunto é informação sobre o partido (Tabela 50) e, ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontram-se um subgrupo principal (Tabela 51), formada por todos os membros pesquisados.

Tabela 50 – Presença de Cliques na Rede Informação sobre Partido

Clique	Atores			
1	A	C	E	G
2	C	E	G	J
3	E	G	I	
4	A	D	G	
5	F	H	J	
6	A	C	E	H
7	C	E	H	J
8	A	D	H	

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 51– Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Partido

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.9 Informação sobre Ambiente Político

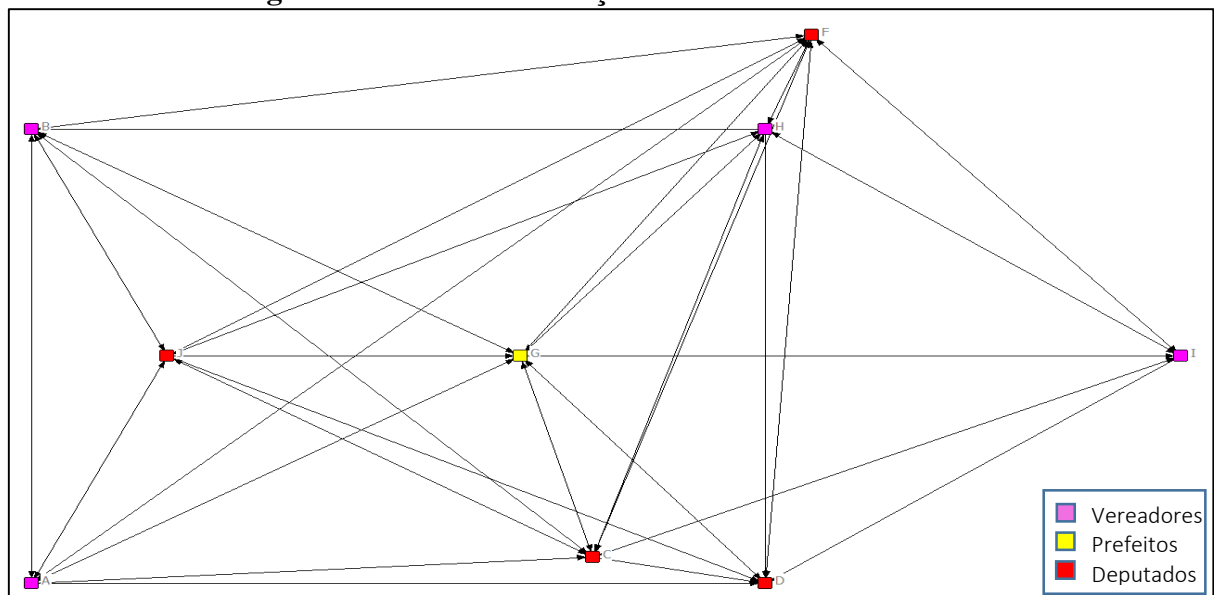
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem informação sobre ambiente político. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 11, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 15), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 11 – Informação sobre Ambiente Político

Alter	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	1	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 15 – Rede Informação sobre Ambiente Político.



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados, observa-se 70 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 77,80%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para obtenção de informação sobre o ambiente político.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 52, é possível observar que os atores C, E, F, G, H e J, trocam informação sobre o partido com a maioria da rede (*NrmDegree* > 60%) e que D possui relacionamento com apenas 2 atores, que envolva informação sobre o ambiente político. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C, F e J. O ator D também se sobressai com baixa quantidade de relacionamento (*Indegree* = 2) e baixa expansividade (*Outdegree* = 2).

Tabela 52 – Centralidade de Grau na Informação sobre Ambiente Político

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	6	66,7	6	66,7
2	B	5	55,6	7	77,8
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	2	22,2	2	88,9
5	E	9	100	9	55,6
6	F	9	100	9	100
7	G	9	100	9	100
8	H	8	88,9	8	66,7
9	I	6	66,7	6	55,6
10	J	8	88,9	8	77,8

Fonte: Dados de Pesquisa.

Na Tabela 53, é mostrada a centralidade de proximidade da rede, em que os atores F, G, C e D contam com o maior *In Closeness*. Com maior *outcloseness* estão F, G, C, J, H e E. Observa-se também alto grau de *Closeness* (> 50%) no contexto geral da rede.

Tabela 53– Centralidade de Proximidade na Informação sobre Ambiente Político

Nº	Atores	InCloseness (%)	OutCloseness (%)
1	F	100,00	100,00
2	G	100,00	100,00
3	C	90,00	90,00
4	D	90,00	56,25
5	J	81,82	90,00
6	B	81,82	69,23
7	A	75,00	75,00
8	H	75,00	90,00
9	I	69,23	75,00
10	E	69,23	100,00

Fonte: Dados de Pesquisa.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 56 indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau

de intermediação abaixo de 10%. Destaque para o ator D que não apresenta intermediação no recurso orientação sobre ambiente político.

Tabela 54 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Ambiente Político

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	F	6,75	9,38
2	G	6,75	9,38
3	C	2,38	3,31
4	J	1,73	2,41
5	E	1,02	1,41
6	H	0,80	1,11
7	I	0,20	0,28
8	A	0,20	0,28
9	B	0,17	0,23
10	D	0,00	0,00

Fonte: Dados de pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 6 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença de atores diferenciados em subgrupos quando o assunto é informação sobre o partido (Tabela 55). Ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 56), formado por todos os membros pesquisados.

Tabela 55– Presença de Cliques na Rede Informação sobre Ambiente Político

Clique	Atores					
1	A	B	C	F	G	J
2	C	F	G	H	J	
3	C	F	G	H	I	
4	D	F	G			
5	E	F	G	H	I	
6	E	F	G	H	J	

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 56 – Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Ambiente Político

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa.

4.1.1.10 Informação sobre Correligionários

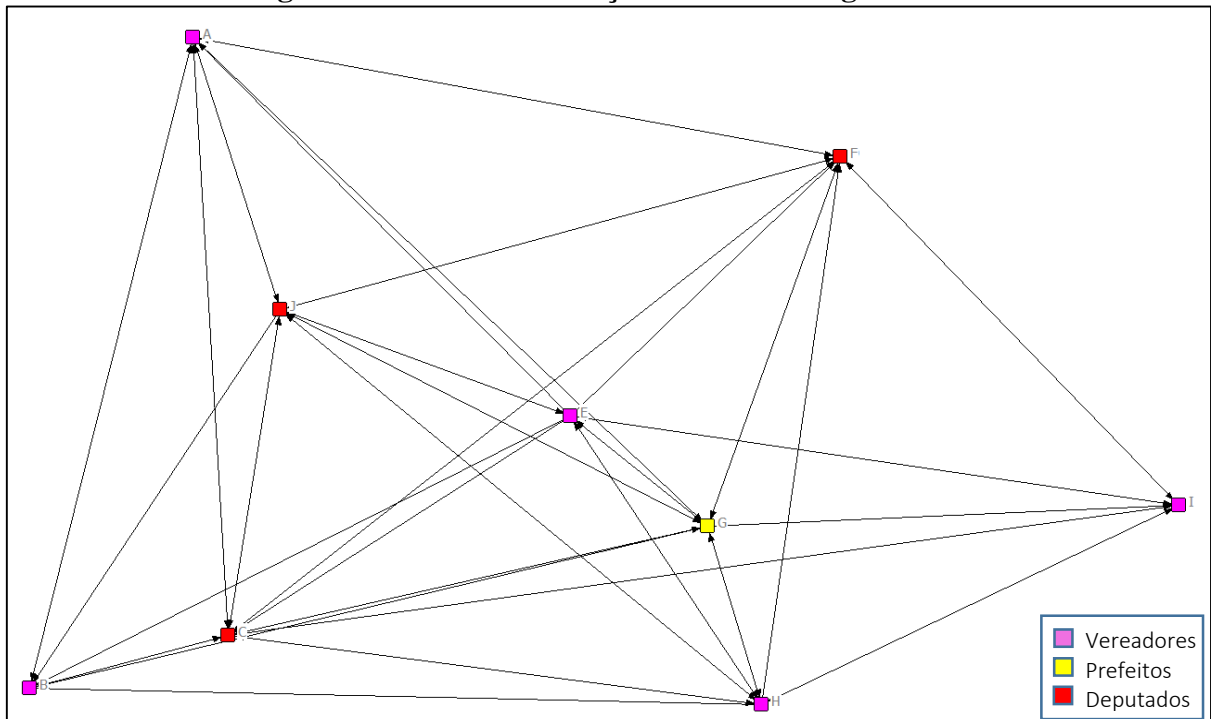
Os atores políticos foram questionados sobre a presença de relacionamentos que promovessem informação sobre correligionários. Ao mapear esses relacionamentos, foi possível obter a Matriz 12, juntamente com sua representação gráfica (FIG. 16), através da qual foram feitas as seguintes análises da rede.

Matriz 12 – Informação sobre Correligionários

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	1	1	1	0	1	1	0	0	1
B	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
C	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1
D	1	0	1	0	0	1	1	0	1	1
E	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
F	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
G	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
H	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
I	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
J	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Figura 16 – Rede Informação sobre Correligionários



Fonte: Dados de pesquisa.

A partir dos dados apresentados anteriormente, observa-se 62 conexões entre os atores. Levando-se em consideração o número máximo de conexões possíveis, pode-se determinar a densidade da rede em 68,90%, indicando uma tendência de que a rede é formada por atores que podem contar intensivamente com os demais para obtenção de informação sobre correligionários.

Ao analisar a centralidade de grau demonstrada na Tabela 57, é possível observar que os atores E, G, C, H e J, trocam informação sobre correligionários com a maioria da rede (*NrmDegree* > 60%) e que o ator F não possui relacionamento que envolva informação sobre correligionários. Os únicos atores que possuem tanto alto *Size in* e *Size out* simultaneamente são os atores C e G. O ator F também se sobressai com baixa quantidade de relacionamento (*Indegree* = 8) e expansividade nula (*Outdegree* = 0).

Tabela 57 – Centralidade de Grau na Informação sobre Correligionários

Nº	Atores	Outdegree	Nrm OutDegree (%)	Indegre	Nrm InDegree (%)
1	A	6	66,7	6	66,7
2	B	2	22,2	6	66,7
3	C	8	88,9	8	88,9
4	D	6	66,7	7	77,8
5	E	9	100	4	44,4
6	F	0	0	8	88,9
7	G	9	100	7	77,8
8	H	8	88,9	5	55,6
9	I	6	66,7	5	55,6
10	J	8	88,9	6	66,7

Fonte: Dados de Pesquisa.

No tocante à centralidade de proximidade da rede, observa-se que não há proximidade quando o assunto é informação sobre correligionários.

Os indicadores de centralidade de intermediação mostrados na Tabela 58, indicam baixo percentual de *Betweenness* em relação ao total. Sendo que todos os atores apresentaram grau de intermediação abaixo de 10%. Destaque para o ator D que não apresenta intermediação no recurso informação sobre correligionários.

Tabela 58 – Centralidade de Intermediação na Informação sobre Correligionários

Nº	Atores	OutBetweenness (%)	InBetweenness (%)
1	C	6,90	9,58
2	G	3,65	5,07
3	A	2,58	3,59
4	J	2,42	3,36
5	D	1,15	1,60
6	H	1,07	1,48
7	E	1,07	1,48
8	I	1,00	1,39
9	B	0,17	0,23
10	F	0,00	0,00

Fonte: Dados de pesquisa.

No quesito coesão, foram extraídos da matriz relacional 6 cliques e 1 n-clique (em que $n = 2$). Considerando somente os relacionamentos diretos e recíprocos (cliques) pode-se observar a presença de atores diferenciados em subgrupos quando o assunto é informação sobre o partido (Tabela 59) e, ao incluir os relacionamentos indiretos, com no máximo dois caminhos geodésicos (2-cliques), encontra-se um subgrupo principal (Tabela 60), formado por todos os membros pesquisados.

Tabela 59 – Presença de Cliques na Rede Informação sobre Correligionários

Clique	Atores					
1	A	B	C	F	G	J
2	C	F	G	H	J	
3	C	F	G	H	I	
4	D	F	G			
5	E	F	G	H	I	
6	E	F	G	H	J	

Fonte: Dados de pesquisa

Tabela 60 – Presença de n-cliques na Rede Informação sobre Correligionários

Clique	Atores									
1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J

Fonte: Dados de pesquisa

Na Tabela 61 encontra-se uma síntese das análises do fluxo de recursos presente nos relacionamentos entre os atores do partido. Os atores foram selecionados por apresentarem maiores índices em cada categoria selecionada.

Tabela 61 - Principais Evidências sobre a Rede de Recursos na Agremiação Política

Recurso Mapeado	Tamanho/ Conexões	Densidade (%)	Atores mais centrais		Proximidade		Intermediação		Coesão		Comentário
			Entrada (Indegree)	Saida (Outdegree)	Entrada Incloseness	Saida OutCloseness	Entrada InBetweenness	Saida OutBetweenness	Cliques	N-cliques	
Apoio a Solidariedade	66	73,3	F	E, G	F, G, C, J	G, C, J, H, E	J	J	7	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Ator G esteve presente em todos os Cliques
Orientação sobre Aliança Política	70	77,8	F, G	E, F, G	F, G, C, J	F, G, C, J, H, E	F, G	F, G	6	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes na maioria dos Cliques
Dicas Sobre Campanha	65	72,2	C, F, G	E, F, G	-	F, C, G, J, H, E	F, G	F, G	6	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Ator F e G presentes em todos os Cliques
Financeiro	7	7,8	F	F	F, I, H, J	F, I, H, J, B	F	F	0	1	O n-clique é formado por 5 atores. Não há presença de cliques.
Apoio à pleitos pessoais no contexto político	68	75,6	C, F, G, J	C, E, F, G, H, J	F, I, H, J	F, I, H, J, C, E	F	F	7	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes na maioria dos Cliques
Mobilizar Militantes	66	73,3	C, F	E, F, G	F, C	F, G, E	F	F	7	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes na maioria dos Cliques
Orientação sobre economia, políticas publicas	69	76,7	F, C, D, J	C, E, F, G, H, J	F, G, C, D, J	F, G, E	F	F	7	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes na maioria dos Cliques
Informação sobre o partido	65	72,2	A, D, G, H	E, F, G, J	A, G, H, D	G, E, J, F	G	G	8	1	O n-clique é formado pelos 10 atores.
Informação sobre ambiente Político	70	77,8	F, G	E, F, G	F, G	F, G, E	F, G	F, G	6	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes em todos os Cliques
Informação sobre correligionários	62	68,9	F, C	E, G	-	-	C	C	6	1	O n-clique é formado pelos 10 atores. Atores F e G presentes na maioria dos Cliques. Não há proximidade entre atores.

Fonte: Dados de pesquisa

Ao analisar as redes de recursos do partido, percebe-se que, com exceção do recurso financeiro, todos os recursos mapeados apresentaram densidade acima de 70%, o que indica que o recurso financeiro, embora importante para desempenho dos atores, flui pouco na agremiação política, sendo transacionado por apenas 7 conexões entre 5 atores. Percebe-se que os atores F e G, apresentaram maior centralidade e proximidade na maioria das redes mapeadas, e os mesmos estão presentes na maioria das cliques identificadas na rede de recursos. O Ator F, também se destacou no indicador intermediação, onde esteve presente na maioria das redes. Todos as redes de recursos apresentam grande número de cliques, com exceção do recurso financeiro, que não apresentou cliques. No tocante a quantidade de n-cliques, que envolve as conexões indiretas, todos os recursos apresentaram baixo número, isto é, apenas um n-clique em cada rede de recurso, o que, em termos gerais, indica alta coesão na rede.

4.2 Ego Network do PCdoB

De acordo com os resultados das medidas de centralidade, foram escolhidos dois atores, sendo o mais central e o que apresentou menor grau de centralidade. O ator F foi escolhido pelo alto grau de centralidade e o ator A pelo baixo. As redes desses atores foram levantadas, em termos de categorias de análise, e buscou-se identificar as interconexões possíveis entre os agrupamentos: a) rede política, b) rede pessoal, c) rede familiar, d) rede de sindicatos, e) rede de associações, grupos de interesse público e ONGs. Posteriormente, mapearam-se os recursos que são transacionados por cada ego em cada um dos agrupamentos.

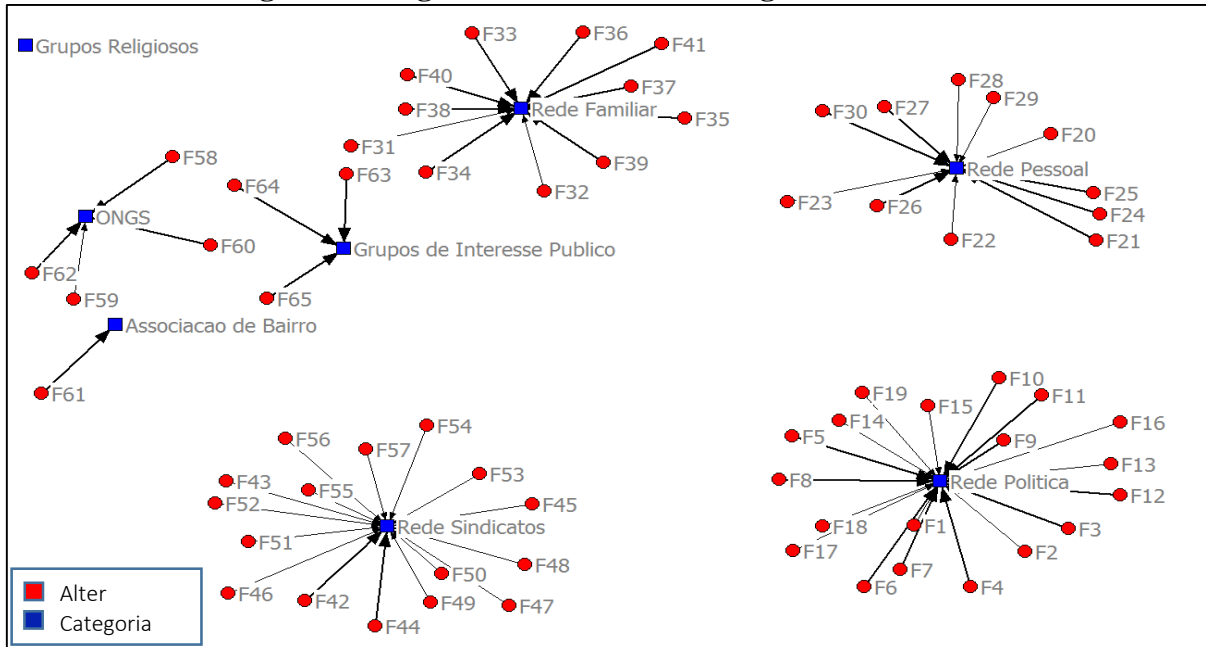
4.2.1 Egonet de F – Jô Moraes

O ator F corresponde à deputada federal de Minas Gerais, Jô Moraes, a qual possui mandato de vigência em fevereiro de 2015 e término previsto para fevereiro de 2019. Exerce atividade política há mais de dez anos. Possui familiares que já exerceram atividade política eletiva. Quando questionada se existe alguém a influenciou para exercer atividade política, a mesma afirmou que ninguém a influenciou especificamente. Atualmente é membra da ONG “União Brasileira para Mulheres”.

Ao analisar a *ego network* de F, foram mapeadas 65 conexões, segundo as seguintes categorias: rede política, rede pessoal, rede familiar, rede de sindicatos e rede de associações,

grupos de interesse público e ONGs. Não foram identificados indivíduos presentes simultaneamente em mais de uma categoria conforme Figura 17.

Figura 17 – Egonet de F conforme categorias de análise



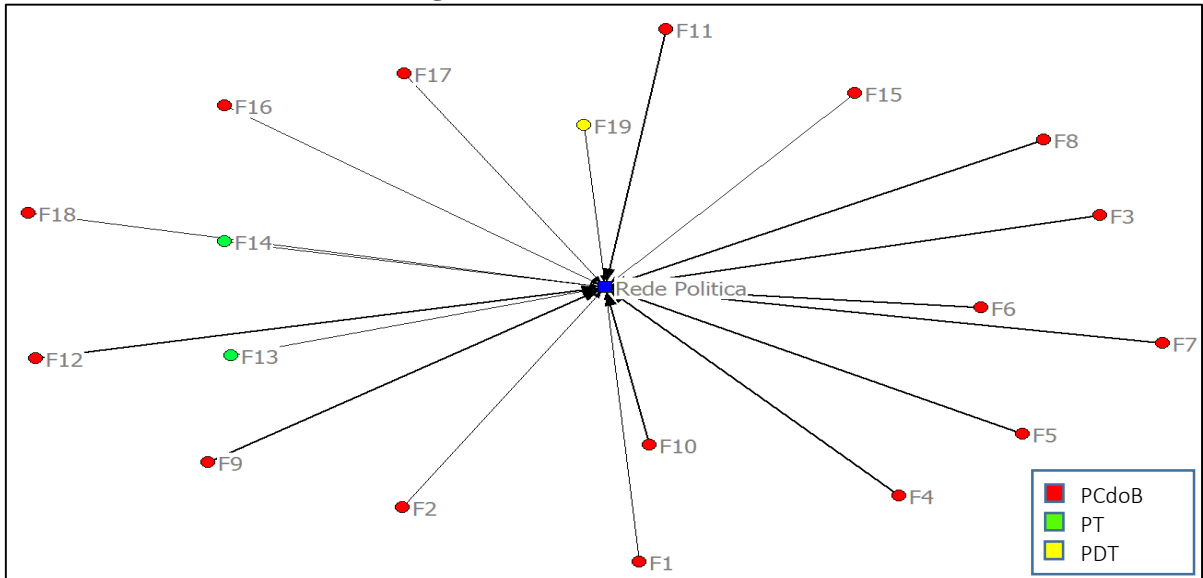
Fonte: Dados de pesquisa.

Percebe-se que ao mapear os relacionamentos entre os grupos categorizados, cada categoria possui atores com quem a deputada se relaciona, que não pertencem a mais de um grupo categorizado.

4.2.1.1 Rede Política de F

Ao mapear a rede política do ator F (FIG.18), foram identificados dezenove relacionamentos, sendo dez compostos por laços fortes, cuja frequência é inferior a uma semana e nove laços fracos. Foram identificados relacionamentos com indivíduos de três partidos políticos, sendo dezesseis com indivíduos do PCdoB, dois com atores vinculados ao PT e uma relação com o PDT. Do total de relações, todos os laços fortes estão vinculados a membros do mesmo partido, isto é, o PCdoB.

Figura 18 – Rede Política de F

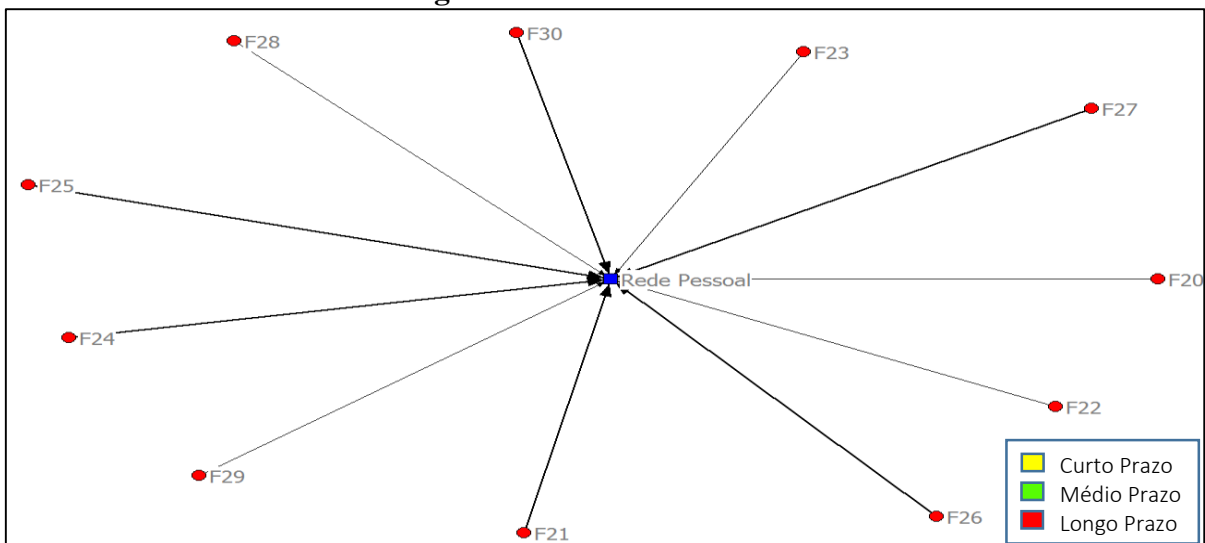


Fonte: Dados de pesquisa.

4.2.1.2 Rede Pessoal de F

O ator foi questionado a respeito de sua rede de pessoas próximas que considera como amigos e conhecidos próximos, com quem interage. Além de indicar nomes de pessoas, foi solicitado que o entrevistado informasse o tempo de relacionamento com cada indivíduo. Sendo considerado curto prazo os relacionamentos formados no horizonte inferior a um ano; de médio prazo, de um a cinco anos; e longo prazo, acima de cinco anos. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede de contatos pessoais, conforme FIG. 19.

Figura 19 - Rede Pessoal de F

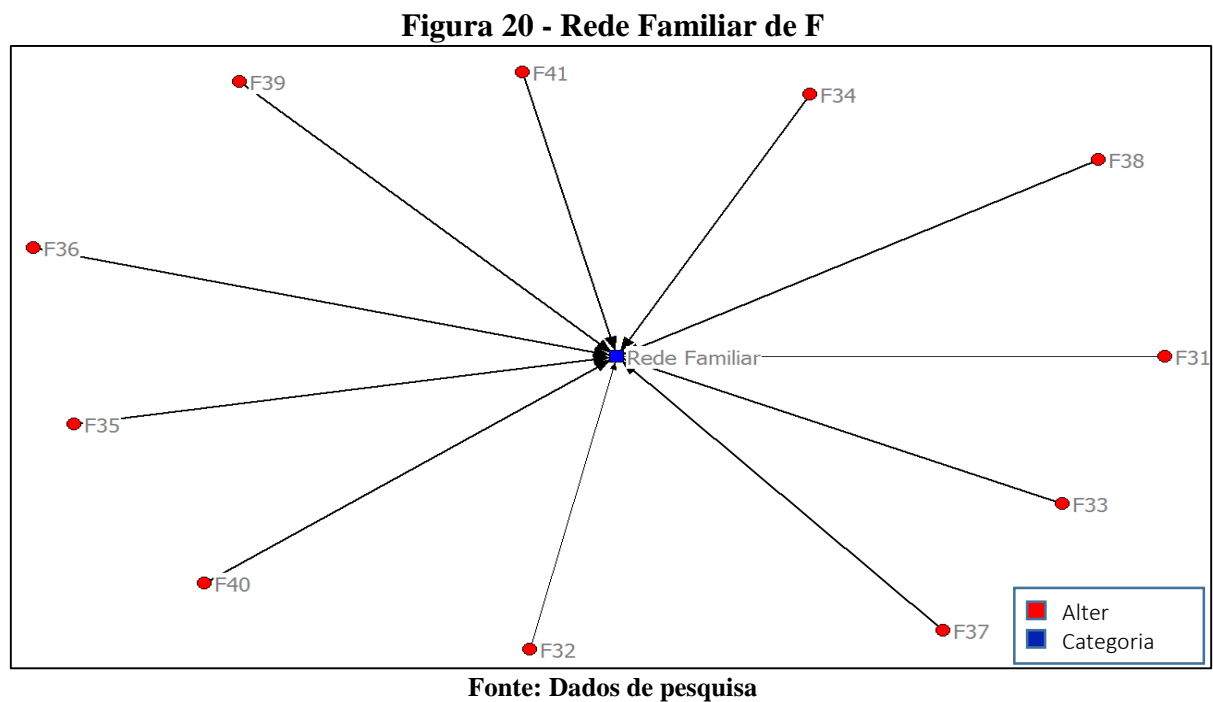


Fonte: Dados de pesquisa

A topologia da rede indicou a presença de onze relacionamentos, sendo todos os relacionamentos de longo prazo. A rede indicou cinco laços fortes e seis laços fracos entre os relacionamentos pessoais. Percebe-se que todos os relacionamentos do ator em sua rede de amigos e conhecidos, são de longo prazo, isto é, acima de cinco anos.

4.2.1.3 Rede Familiar de F

O ator foi questionado a respeito de sua rede pessoais com quem se relaciona dentro do âmbito familiar. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede de contatos familiares, conforme Figura 20.

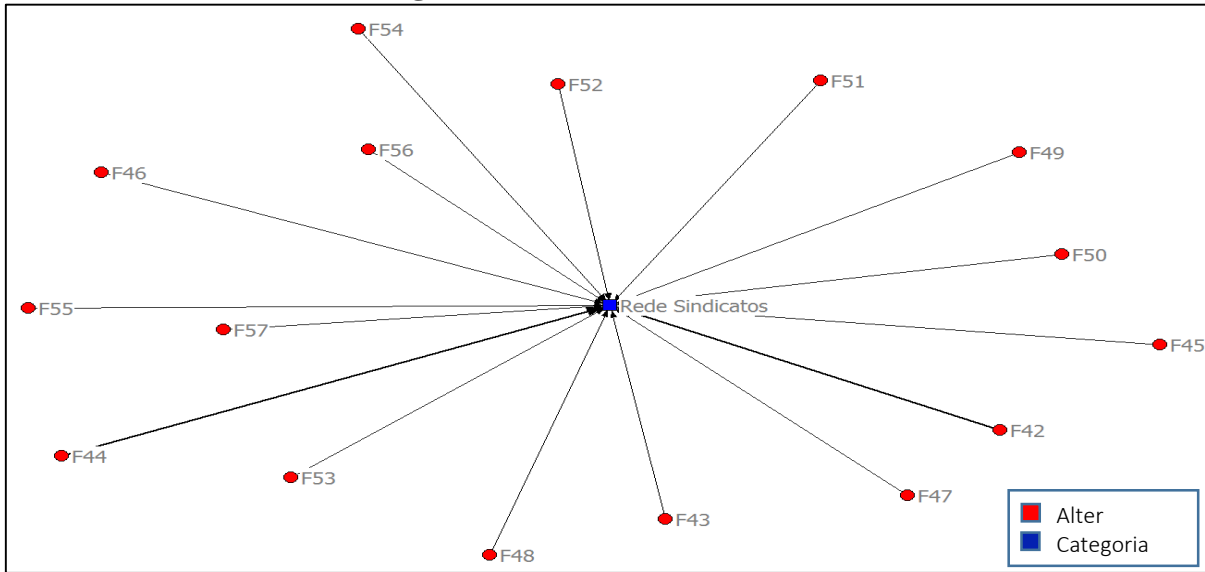


A rede familiar do entrevistado é composta por onze indivíduos, dos quais mantem laços fracos com dois deles, sendo o restante (nove), compostos por relacionamentos que ocorrem com alta frequência.

4.2.1.4 Rede Sindicatos de F

O ator foi questionado a respeito das relações que mantém com sindicatos. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede (FIG. 21), formada por dezesseis entidades, entretanto o político mantém relações fortes com apenas dois deles.

Figura 21 – Rede Sindicatos de F

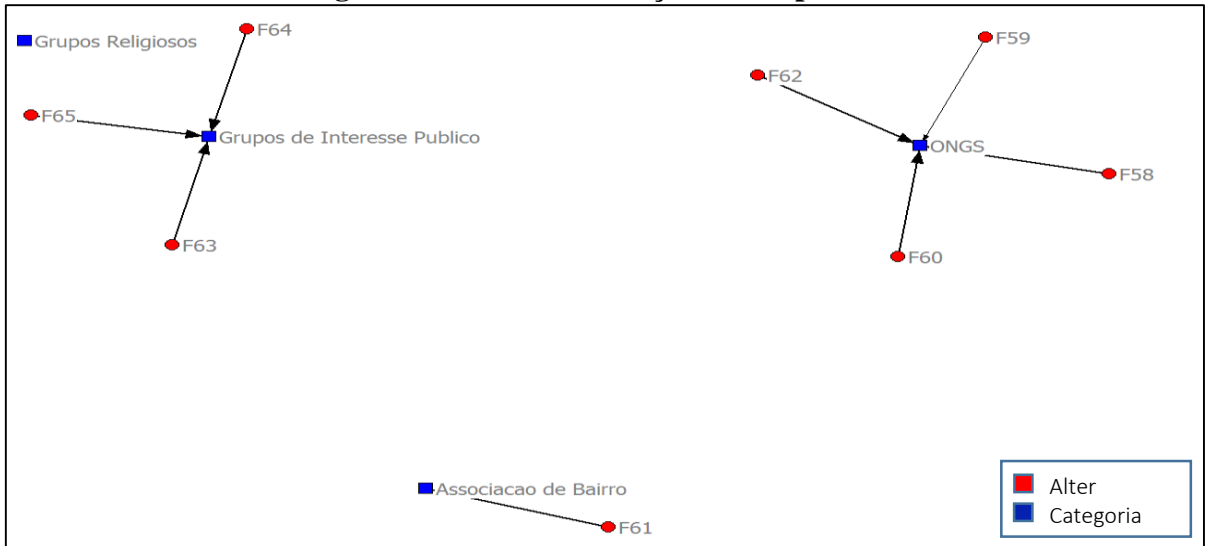


Fonte: Dados de pesquisa

4.2.1.5 Rede Associações e Grupos de F

O entrevistado foi questionado a respeito das relações que mantém com associações de bairro, grupos de interesse público, grupos religiosos e ONG's. A Figura 22, descreve a topologia da rede, a qual apresentou um total de oito entidades mencionadas, sendo três relacionadas a grupos de interesse público, uma associação de bairro, e quatro entidades caracterizadas com ONG's. Do total de relações, não foi encontrado vínculo com grupos religiosos, e apenas um laço forte relacionado a contatos com ONG's, sendo as demais conexões caracterizadas por laços fortes.

Figura 22 – Rede Associações e Grupos de F



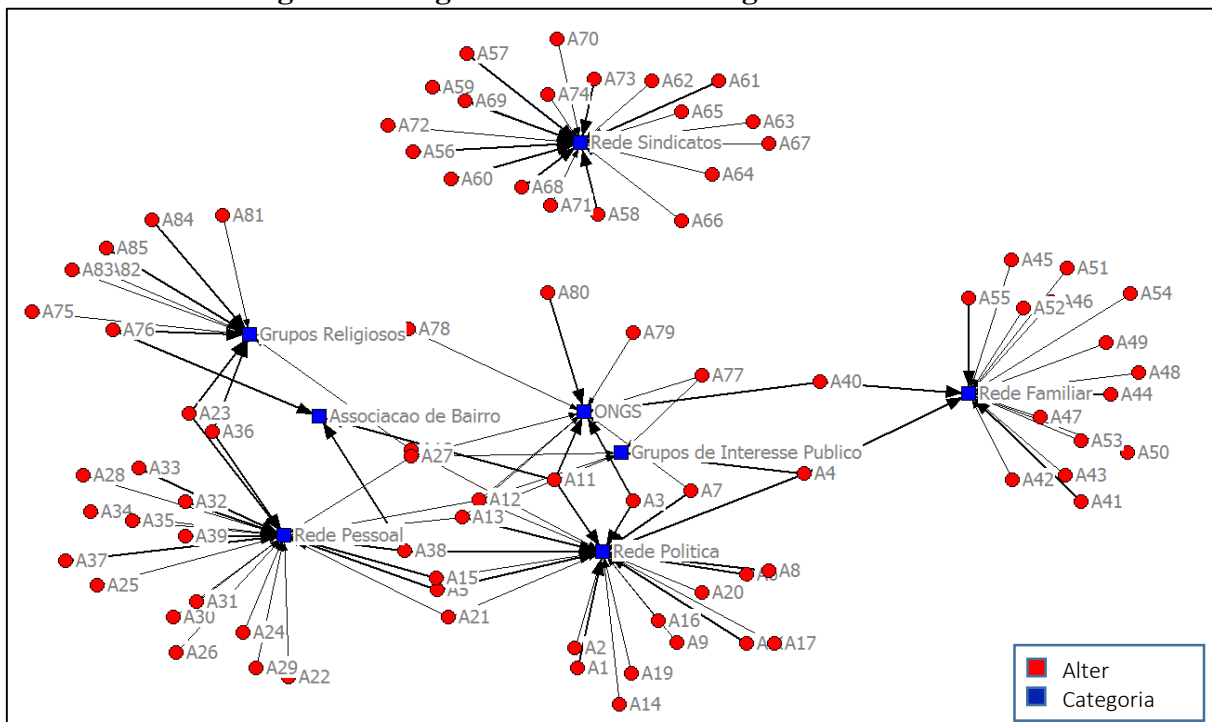
Fonte: Dados de pesquisa

4.2.2 Egonet de A – Tiago Santana

O ator A, é vereador de Betim, Minas Gerais, conhecido por Tiago Santana, possui mandato com vigência em janeiro de 2012 e término previsto para dezembro de 2016. Exerce atividade política há mais de dez anos. Não possui familiares que exerceram atividade política eletiva. Quando questionado se existe alguém que o influenciou para exercer atividade política, o mesmo afirmou que ninguém o influenciou especificamente. Atualmente é membro do Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações de Minas Gerais.

Ao analisar a rede egocêntrica do vereador, foram mapeados os relacionamentos segundo as seguintes categorias: rede política, rede pessoal, rede familiar, rede de sindicatos, rede de associações, grupos de interesse público e ONGs. Constatou-se a existência de indivíduos presentes simultaneamente em mais de uma categoria conforme Figura 23.

Figura 23 – Egonet A conforme categorias de análise



Fonte: Dados de pesquisa

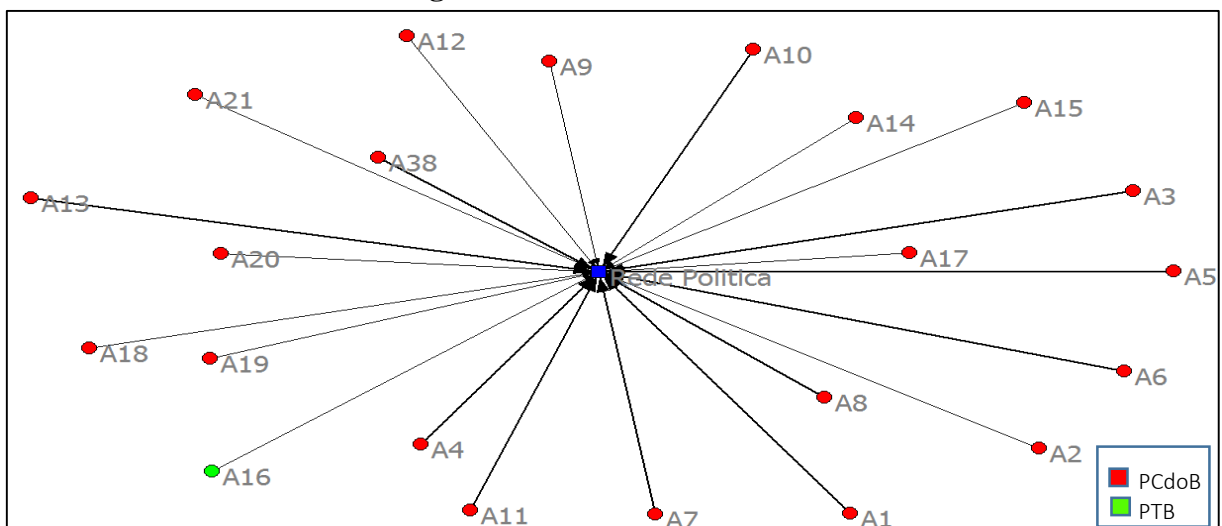
A rede de ego do ator A é constituída por cento e onze conexões. Verificou-se a existência de interação entre os grupos pesquisados, com exceção da rede de sindicatos, cujos atores não possuem conexão direta com as outras categorias pesquisadas. Os resultados deste ator se mostraram muito diferentes do ator F, já que existe certa homogeneidade nos relacionamentos

desenvolvidos, que em termos comparativos, pode conferir menor “vantagem competitiva” individual em relação ao ator F.

4.2.2.1 Rede Política de A

Ao mapear a *Ego network* do ator A (FIG. 24), foram identificados vinte e dois relacionamentos, sendo dez compostos por laços fortes, cuja frequência é inferior a uma semana e doze laços fracos. Foram identificados relacionamentos com indivíduos de dois partidos políticos, sendo vinte e um com indivíduos do PCdoB e um com ator vinculado ao PTB. Do total de relações, todos os laços fortes estão vinculados a membros do mesmo partido, isto é, o PCdoB.

Figura 24 – Rede Política de A

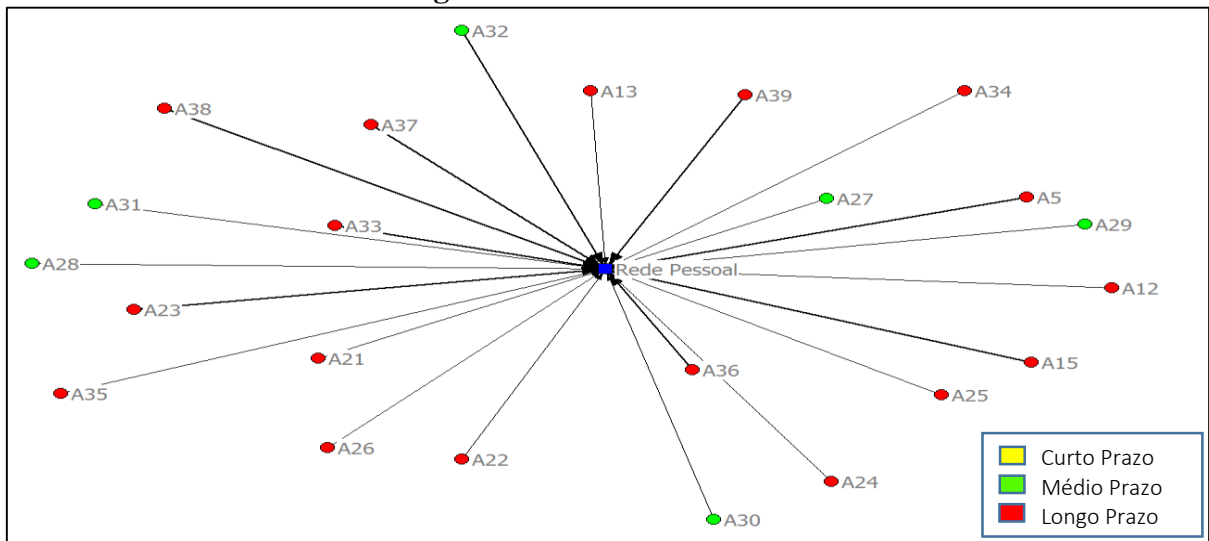


Fonte: Dados de pesquisa

4.2.2.2 Rede Pessoal de A

O ator foi questionado a respeito de sua rede de pessoas próximas que considera como amigos, conhecidos próximos, com quem interage. Além de indicar nomes de pessoas, foi solicitado que o entrevistado informasse o tempo de relacionamento com cada indivíduo. Sendo considerado curto prazo os relacionamentos formados no horizonte inferior a um ano; de médio prazo, de um a cinco anos; e longo prazo, acima de cinco anos. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede de contatos pessoais, conforme FIG. 25.

Figura 25 - Rede Pessoal de A



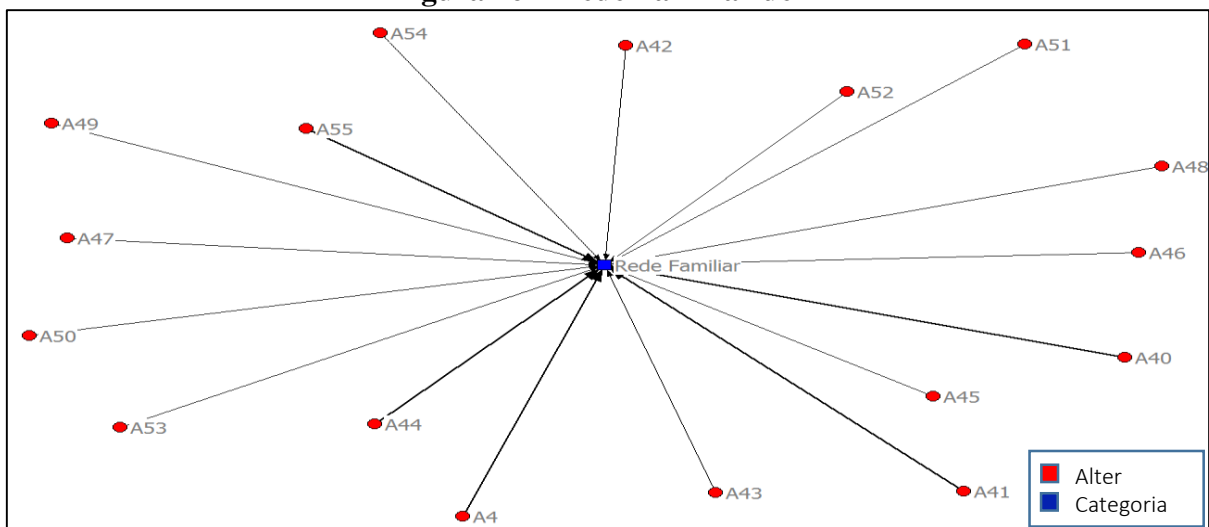
Fonte: Dados de pesquisa

A topologia da rede indicou a presença de vinte e três relacionamentos, sendo que apenas seis deles caracterizam relacionamento de horizonte inferior a cinco anos e superior a um ano. A rede indicou nove laços fortes e quatorze laços fracos entre os relacionamentos pessoais.

4.2.2.3 Rede Familiar de A

O ator foi questionado a respeito de sua rede pessoal em termos dos relacionamentos desenvolvidos dentro do âmbito familiar. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede de contatos familiares, conforme figura 26.

Figura 26 – Rede Familiar de A



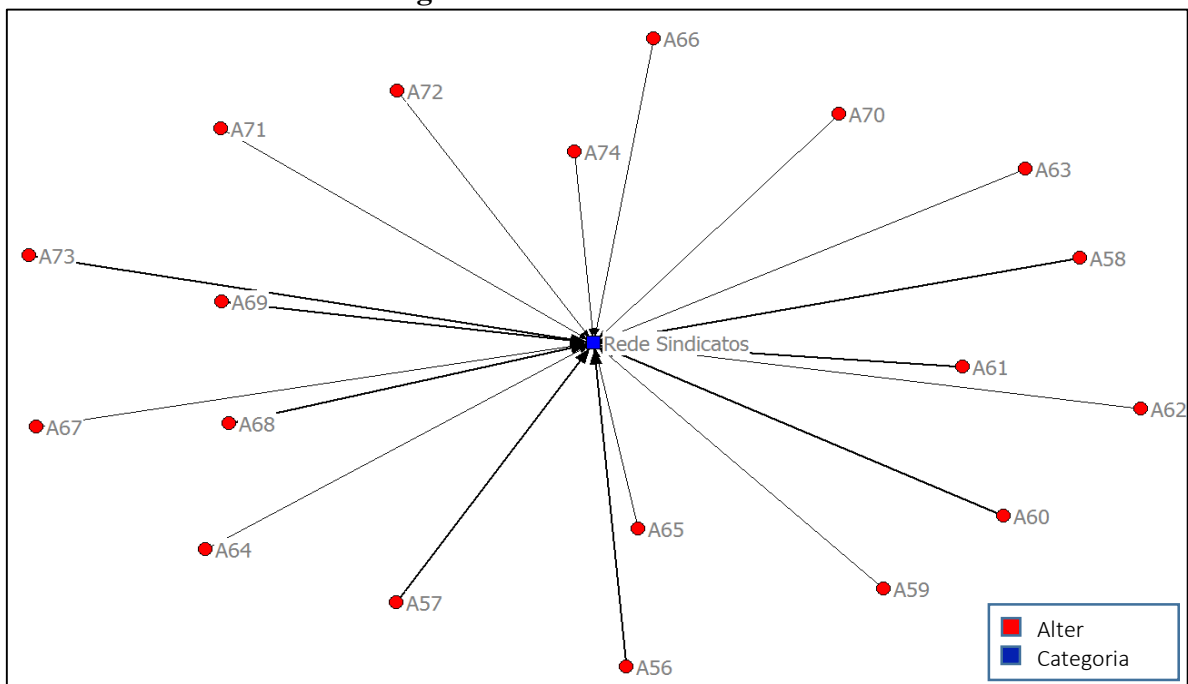
Fonte: Dados de pesquisa.

A rede familiar do entrevistado é composta por dezessete indivíduos, dos quais mantêm laços fortes com cinco deles, sendo o restante (doze), compostos por relacionamentos que ocorrem com pouca frequência.

4.2.2.4 Rede Sindicato de A

O ator foi questionado a respeito das relações que mantém com sindicatos. A partir dos dados foi identificada a seguinte composição da rede (FIG. 27), formada por dezenove atores, sendo que oito das relações são baseadas em laços fortes.

Figura 27 – Rede Sindicato de A



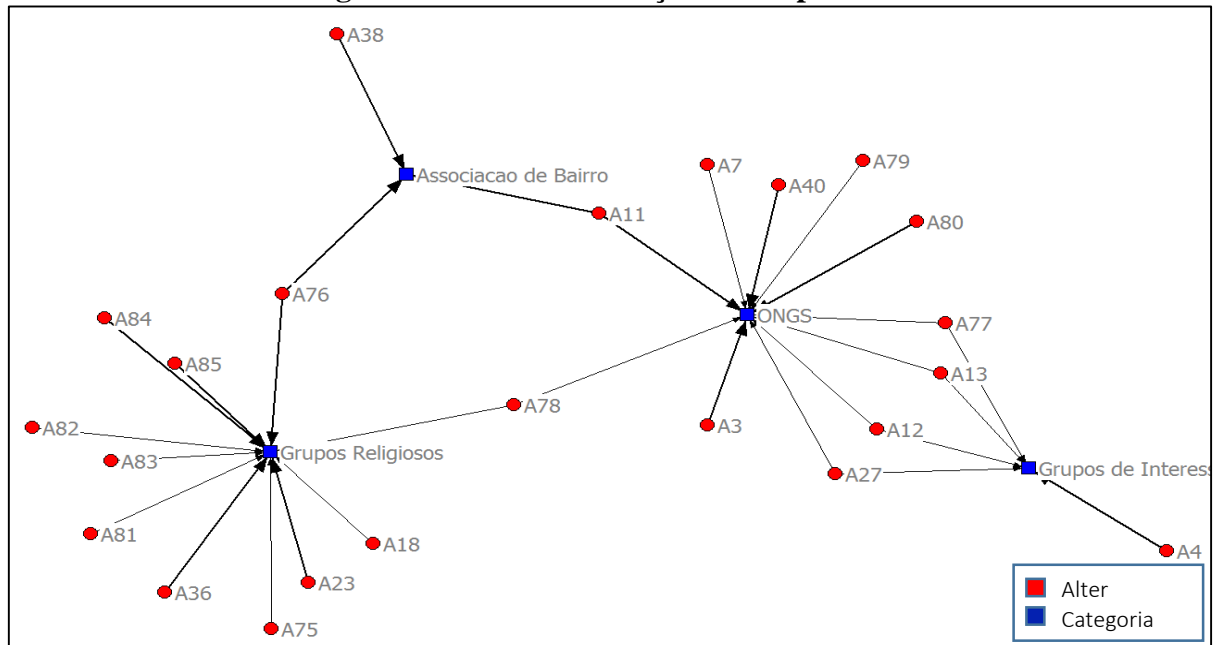
Fonte: Dados de pesquisa.

4.2.2.5 Rede Associações e Grupos de A

O entrevistado foi questionado a respeito das relações que mantém com associações de bairro, grupos de interesse público, grupos religiosos e ONG's. A Figura 28, descreve a topologia da rede, a qual apresentou um total de trinta conexões, estando presente treze relações fortes, cinco envolvendo grupos religiosos, três com associações de bairro, quatro com ONG's e uma com grupos de interesse público. Em relação aos laços fracos, foram encontrados quatro envolvendo grupos de interesse público, seis em grupos religiosos e sete em ONG's. Percebe-

se a existência de atores presentes em mais de uma rede do político, isto é, estão simultaneamente envolvidos em mais de uma organização ou grupo.

Figura 28 – Rede Associações e Grupos de A



Fonte: Dados de pesquisa.

Na Tabela 62 encontra-se uma síntese das análises das *Ego Networks* entre os dois atores selecionados conforme os indicadores de centralidade, sendo o ator F mais central, e o ator A menos central.

No tocante aos relacionamentos desenvolvidos pelos atores F e A com políticos, amigos, familiares, associações, sindicatos, grupos de interesse, ONG's, etc. Percebe-se que o ator F apresenta uma quantidade inferior de relacionamentos (65 conexões), comparados à quantidade de relacionamentos informada pelo ator A (111 conexões). Apesar da quantidade de relacionamentos superior, o ator A se relaciona com apenas um indivíduo de outro partido, enquanto o ator F, apresentou três conexões com atores fora de seu partido. Ambos os atores tendem a manter em sua rede pessoal, indivíduos com quem mantem relacionamento a longo prazo. Ambos os atores mantêm conexões com sindicatos, grupos de interesse público, associações e ONG's, com destaque para os sindicatos, onde ambos os atores apresentaram expressiva quantidade de relacionamentos. No tocante a intensidade dos laços, os atores apresentaram semelhança na proporção de laços fortes e fracos em relacionamentos com outros políticos, amigos e grupos de interesse público. Em termos gerais, ambos os políticos apresentaram predominância de laços fracos nas categorias pesquisadas, com exceção da rede política do ator F, que possui quantidade pouco superior de laços fortes.

Tabela 62 - Síntese das Análises das *Ego Networks*

Ator F	Rede Política							
	PCdoB		PT		PDT		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
	10	6	0	2	0	1	10	9
	Rede Pessoal							
	Curto (inferior à 1 ano)		Médio (1 à 5 anos)		Longo (acima de 5 anos)		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
	0	0	0	0	5	6	5	6
	Rede Familiar		Rede de Sindicatos		Grupos de Interesse Público		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
9	2	2	14	0	3	11	19	
Associações de Bairro		Grupos Religiosos		ONG's		Total de Conexões		
<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	
0	1	0	0	1	3	1	4	
Total Geral						27	38	
Ator A	Rede Política							
	PCdoB		PTB		-		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
	11	10	0	1	-	-	11	11
	Rede Pessoal							
	Curto (inferior à 1 ano)		Médio (1 à 5 anos)		Longo (acima de 5 anos)		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
	0	0	1	5	8	9	9	14
	Rede Familiar		Rede de Sindicatos		Grupos de Interesse Público		Total de Conexões	
	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>
5	12	8	11	1	4	14	27	
Associações de Bairro		Grupos Religiosos		ONG's		Total de Conexões		
<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	<i>Laços Fortes</i>	<i>Laços Fracos</i>	
3	0	5	6	4	7	12	13	
Total Geral						46	65	

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 63 – Fluxo de Recursos da Rede Política de F

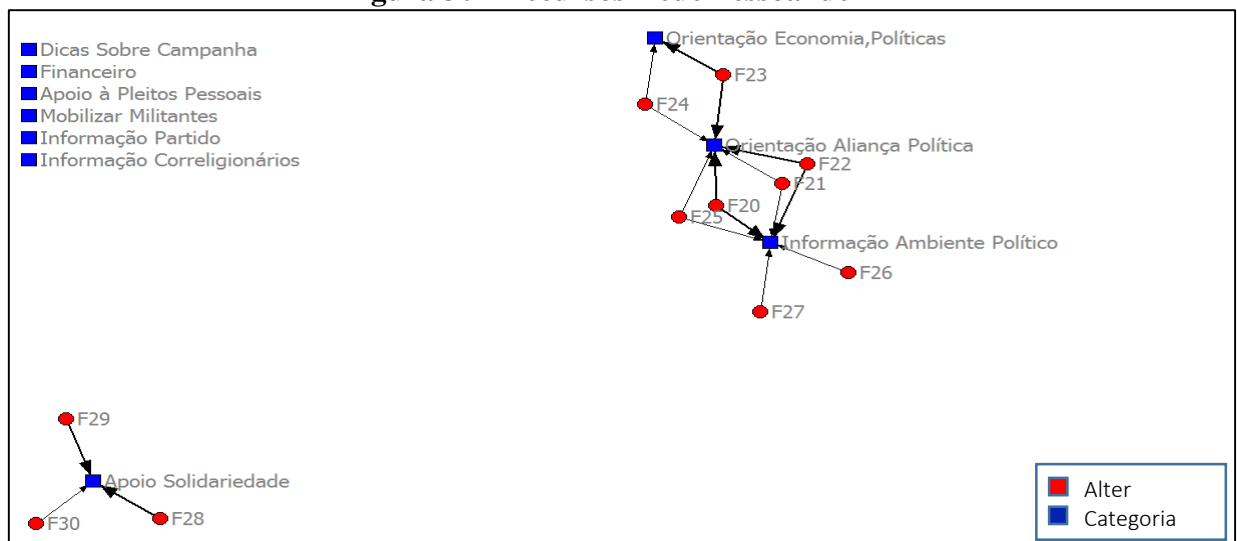
Recursos	Apoio Solidari idade	Orientaçã o Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Finan ceiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente Político	Inf. Correligio nários
% laços fortes	-	57%	-	-	-	67%	-	75%	83%	100%
% laços fracos	-	43%	-	-	-	33%	100%	25%	17%	0%
Total Relacionamentos	0	7	0	0	0	6	4	8	6	3

Fonte: Dados de pesquisa.

Percebe-se que a maior parte das conexões políticas do ator é formada por laços fortes, com destaque para informação sobre correligionários, cujo acesso se dá por laços fortes em sua totalidade.

4.2.3.2 Rede Pessoal de F

A Figura 30 apresenta a topologia da rede pessoal no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O Grafo demonstra que os únicos recursos transacionados são, orientação sobre economia e políticas públicas, aliança política, informação sobre ambiente político e apoio à solidariedade.

Figura 30 - Recursos Rede Pessoal de F

Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 64 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 64 – Fluxo de Recursos Rede Pessoal de F

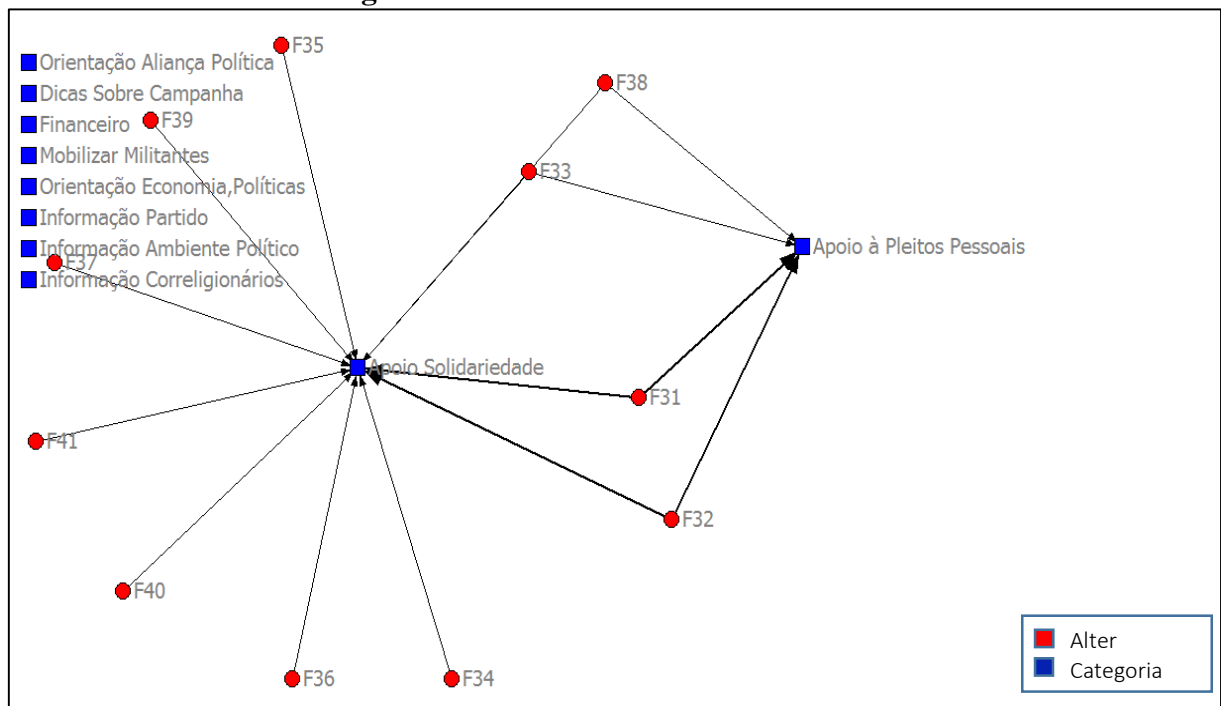
Recursos	Apoio Solidari edade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente Político	Inf. Correligionários
%laços fortes	67%	50%	-	-	-	-	50%	-	33%	-
%laços fracos	33%	50%	-	-	-	-	50%	-	67%	-
Total Relacionamentos	3	6	0	0	0	0	2	0	6	0

Fonte: Dados de pesquisa.

Dos recursos que são transacionados, percebeu-se certa homogeneidade entre a intensidade dos laços para acessá-los. Destaque para o recurso informação, com grande proporção de laços fracos, e o apoio à solidariedade, com maior quantidade de conexões fortes.

4.2.3.3 Rede Familiar de F

A Figura 31 apresenta a topologia da rede pessoal no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O Grafo demonstra que os únicos recursos transacionados são, apoio à solidariedade e apoio à pleitos pessoais no contexto político.

Figura 31 - Recursos Rede Familiar de F

Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 65 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 65 – Fluxo de Recursos Rede Familiar de F

Recursos	Apoio Solidariedade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente e Político	Inf. Correligionários
%laços fortes	18%	-	-	-	50%	-	-	-	-	-
%laços fracos	82%	-	-	-	50%	-	-	-	-	-
Total Relacionamentos	11	0	0	0	4	0	0	0	0	0

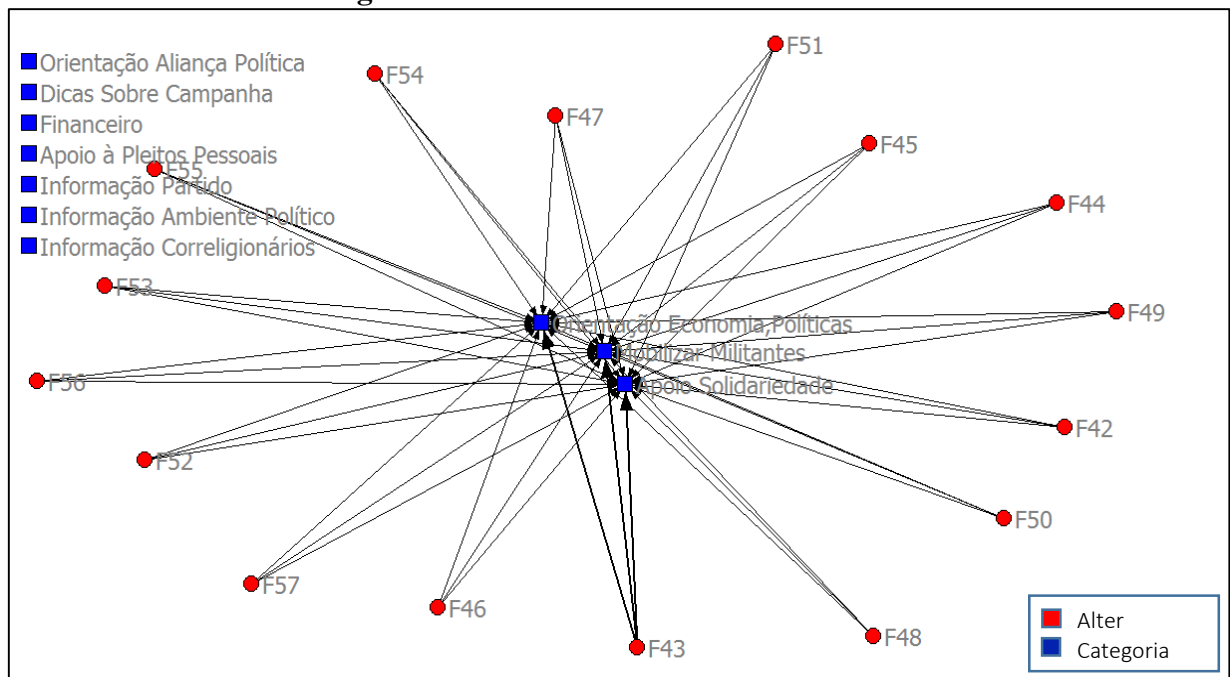
Fonte: Dados de pesquisa.

Em relação as conexões que o ator F possui em seu âmbito familiar, percebe-se que poucos recursos são compartilhados, sendo o apoio à solidariedade um recurso que é transacionado com pouca frequência.

4.2.3.4 Rede Sindicato de F

A Figura 32 apresenta a topologia da rede de sindicatos no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O Grafo demonstra que os únicos recursos transacionados são, orientação sobre economia e políticas públicas, mobilização de militantes e apoio à solidariedade.

Figura 32 - Recursos Rede Sindicato de F



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 66 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 66 – Fluxo de Recursos Rede Sindicatos de F

Recursos	Apoio Solidari edade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente Politico	Inf. Correligionários
%laços fortes	6%	-	-	-	-	6%	6%	-	-	-
%laços fracos	94%	-	-	-	-	94%	94%	-	-	-
Total Relacionamentos	16	0	0	0	0	16	16	0	0	0

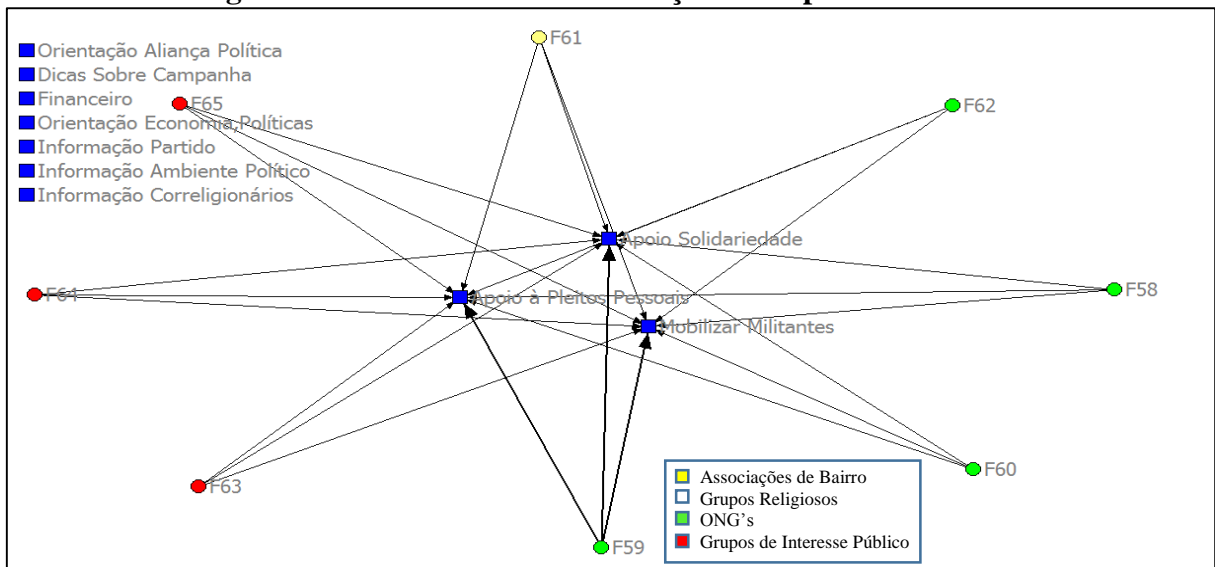
Fonte: Dados de pesquisa.

Em relação aos relacionamentos desenvolvidos com membros de sindicatos, percebe-se que o ator mantém a maioria das conexões fracas quando acessa os recursos: apoio à solidariedade, para mobilização de militantes e obtenção de orientação sobre economia e políticas públicas.

4.2.3.5 Rede de Associação e Grupos de Interesse de F

A Figura 33 apresenta a topologia da rede de associações, grupos de interesse e ONG’s, no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O grafo demonstra que os únicos recursos transacionados são, apoio à pleitos pessoais, mobilização de militantes e apoio à solidariedade.

Figura 33 - Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 67 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 67 – Fluxo de Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse de F

Recursos	Apoio Solidário idade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente e Político	Inf. Correligionários
% laços fortes	13%	-	-	-	13%	13%	-	-	-	-
% laços fracos	88%	-	-	-	88%	88%	-	-	-	-
Total Relacionamentos	8	0	0	0	8	8	0	0	0	0

Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 68 descreve a proporção relacionamentos para cada categoria relacionada.

Tabela 68 – Proporção de Atores Rede Associação e Grupos de Interesse de F

Categorias	Associação de Bairro	Grupos Religiosos	ONGS	Grupos de Interesse Público	Total
Qtd. Atores	1	0	4	3	8
% Atores	13%	0%	50%	38%	100%

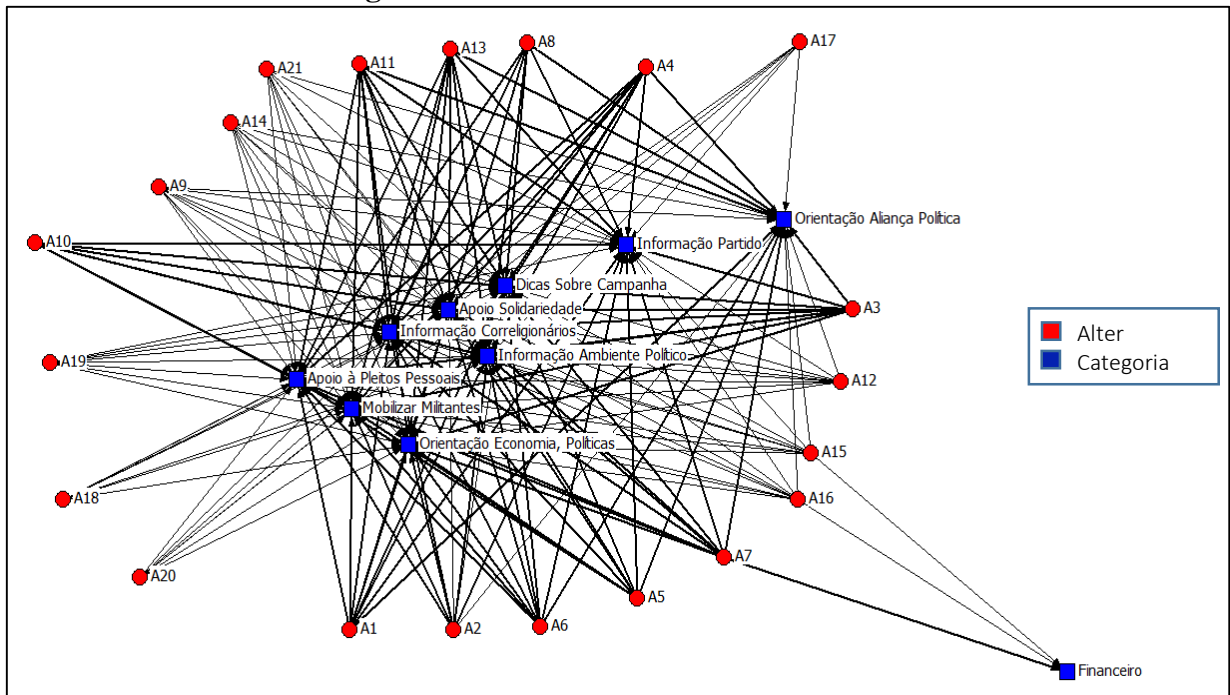
Fonte: Dados de pesquisa.

Percebe-se que a maior parte dos relacionamentos envolvem ONGs e Grupos de Interesse Público, e que a maioria das conexões para acesso à recursos, são caracterizadas por relacionamentos pouco frequentes, que visam apoio à solidariedade, mobilização de militantes e apoio à pleitos pessoais.

4.2.3.6 Rede Política de A

A Figura 34 apresenta a topologia da rede política do ator A no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. Todos os recursos mapeados estão presentes na rede do vereador.

Figura 34 - Recursos Rede Política de A



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 69 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 69 – Fluxo de Recursos na Rede Política de A

Recursos	Apoio Solidariedade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente Político	Inf. Correligionários
%laços fortes	48%	53%	48%	33%	55%	55%	53%	58%	52%	52%
%laços fracos	52%	47%	52%	67%	45%	45%	47%	42%	48%	48%
Total Relacionamentos	21	17	21	3	20	20	19	19	21	21

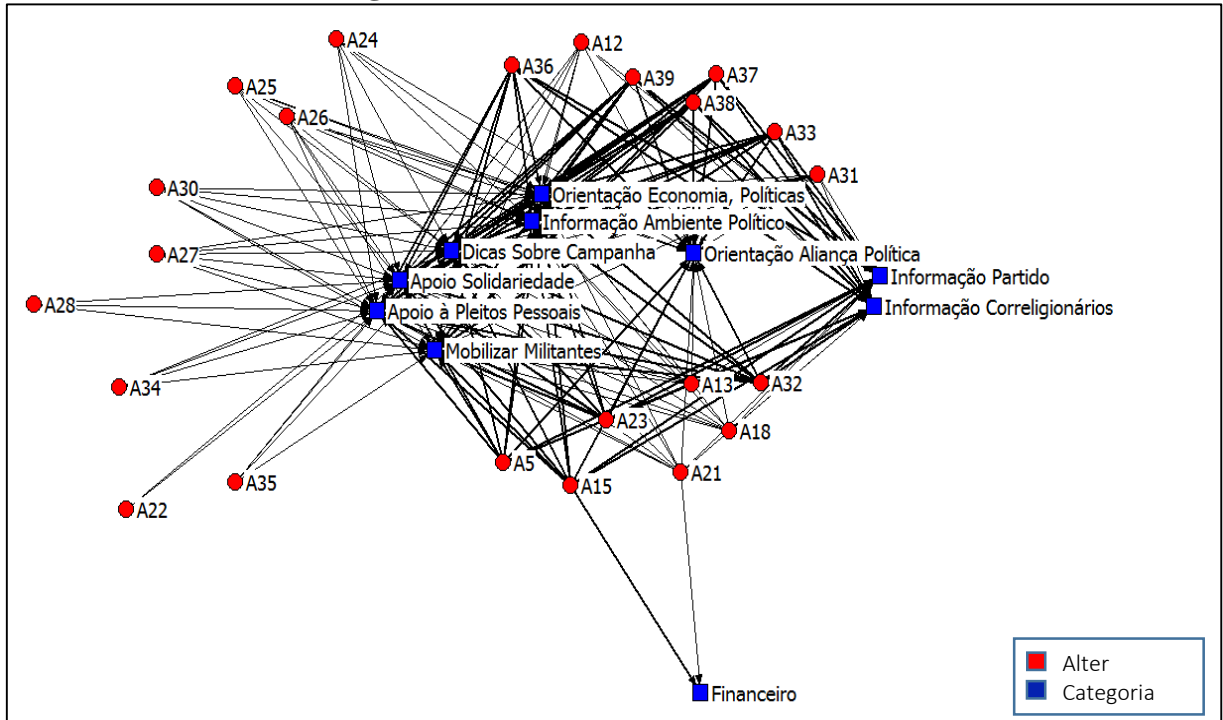
Fonte: Dados de pesquisa.

No que diz respeito ao fluxo de recursos em sua rede política, percebe-se que o ator usufrui de todos os recursos mapeados, sendo que a proporção de laços fracos e fortes se apresenta balanceada.

4.2.3.7 Rede Pessoal de A

A Figura 35 apresenta a topologia da rede pessoal no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O grafo demonstra que todos os recursos mapeados estão presentes na rede pessoal, com destaque para o recurso financeiro, o qual possui apenas dois atores envolvidos.

Figura 35 - Recursos Rede Pessoal de A



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 70 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 70 – Fluxo de Recursos na Rede Pessoal de A

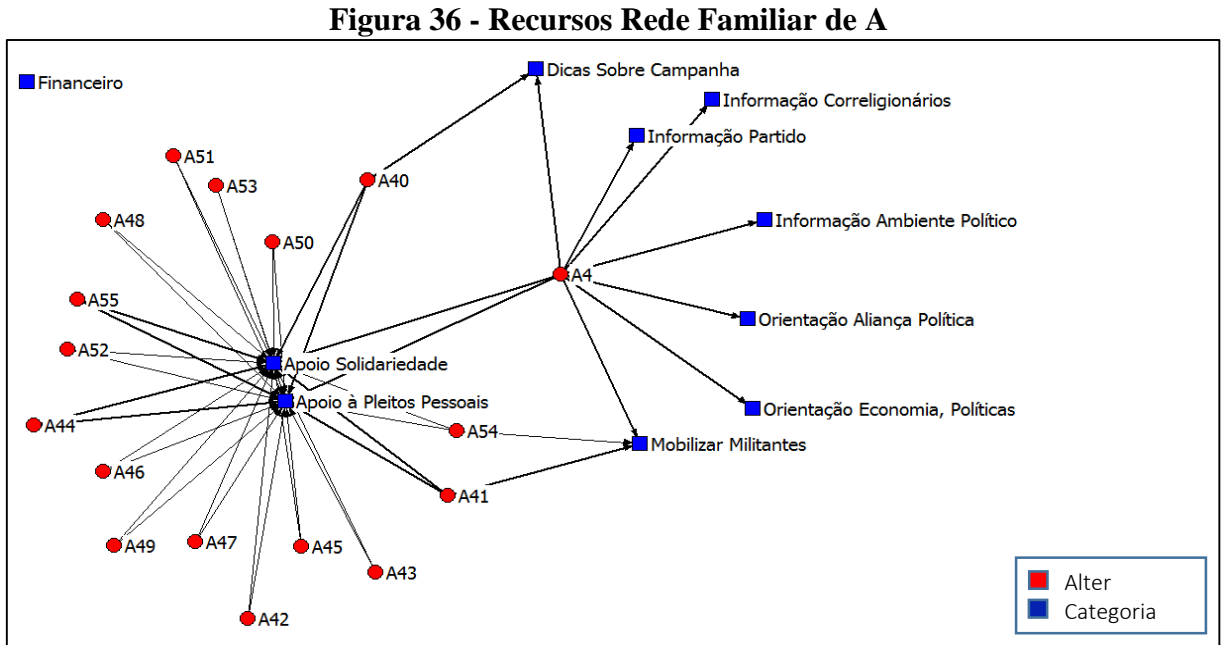
Recursos	Apoio Solidari Edade	Orientaçã o Aliança Política	Dicas Sobre Campanh a	Financeir o	Apoio a Pleitos Pessoai s	Mobiliza r Militante s	Orientaçã o Economia Políticas	Inf. Partid o	Inf. Ambient e Político	Inf. Correligionário s
%laços fortes	39%	53%	43%	50%	39%	45%	47%	64%	47%	64%
%laços fracos	61%	47%	57%	50%	61%	55%	53%	36%	53%	36%
Total Relacionamento s	23	17	21	2	23	20	19	14	19	14

Fonte: Dados de pesquisa.

No que diz respeito ao fluxo de recursos em sua rede pessoal, percebe-se que o ator usufrui de todos os recursos mapeados, com destaque para o recurso financeiro, que assim como na rede política, é o recurso menos explorado.

4.2.3.8 Rede Familiar de A

A Figura 36 apresenta a topologia da rede pessoal no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. Destaque para o recurso financeiro, que não é transacionado entre os atores da rede pessoal do vereador.



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 71 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

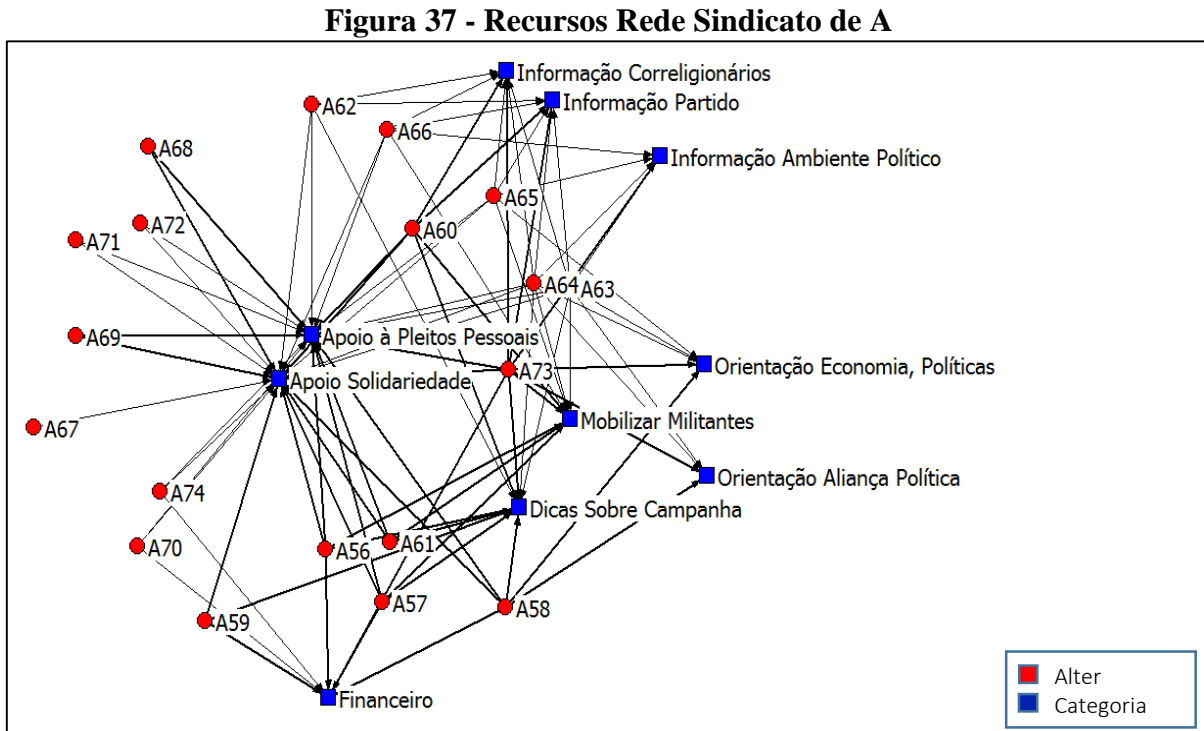
Tabela 71– Fluxo de Recursos Familiar de A

Recursos	Apoio Solidari idade	Orientaçã o Aliança Política	Dicas Sobre Campanh a	Financeir o	Apoio a Pleitos Pessoai s	Mobiliza r Militante s	Orientaçã o Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambient e Político	Inf. Correligioná rios
%laços fortes	29%	100%	100%	-	29%	67%	100%	100%	100%	100%
%laços fracos	71%	0%	0%	-	71%	33%	0%	0%	0%	0%
Total Relacionamento s	17	1	2	0	17	3	1	1	1	1

Fonte: Dados de pesquisa.

4.2.3.9 Rede Sindicato de A

A Figura 37 apresenta a topologia da rede de sindicatos no que tange aos recursos que fluem nas mesmas. O grafo demonstra que todos os recursos pesquisados estão presentes nessa rede.



A Tabela 72 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 72 – Fluxo de Recursos Sindicatos de A

Recursos	Apoio Solidariedade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente Político	Inf. Correligionários
%laços fortes	47%	50%	70%	71%	47%	56%	40%	29%	20%	29%
%laços fracos	53%	50%	30%	29%	53%	44%	60%	71%	80%	71%
Total Relacionamentos	19	4	10	7	17	9	5	7	5	7

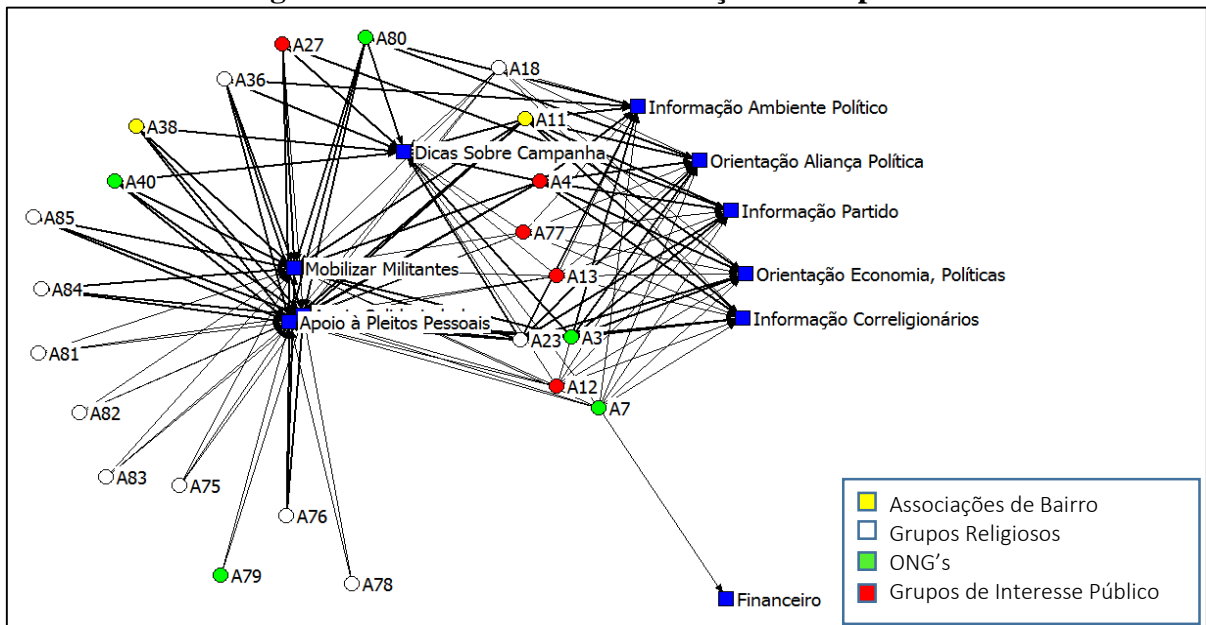
Fonte: Dados de pesquisa.

Entre os contatos que pertencem à sindicatos, percebe-se que o ator acessa todos os recursos mapeados, deve-se ressaltar que este ator é vinculado ao Sindicato dos Funcionários de Telecomunicações de Minas Gerais.

4.2.3.10 Rede Associações e Grupos de A

A Figura 38 apresenta a topologia da rede de associações, grupos religiosos, ONG's e grupos de interesse público, no que tange aos recursos que fluem na mesma. O grafo demonstra que todos os recursos pesquisados estão presentes nessa rede.

Figura 38 - Recursos Rede Associações e Grupos de A



Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 73 descreve a proporção de laços fracos e fortes para cada recurso e a quantidade de relações envolvidas.

Tabela 73 – Fluxo de Recursos Rede Associação e Grupos de Interesse de A

Recursos	Apoio Solidariedade	Orientação Aliança Política	Dicas Sobre Campanha	Financeiro	Apoio a Pleitos Pessoais	Mobilizar Militantes	Orientação Economia Políticas	Inf. Partido	Inf. Ambiente e Político	Inf. Correligionários
%laços fortes	48%	50%	64%	0%	52%	57%	44%	56%	55%	44%
%laços fracos	52%	50%	36%	100%	48%	43%	56%	44%	45%	56%
Total Relacionamentos	23	10	14	1	23	21	9	9	11	9

Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 74 descreve a proporção relacionamentos para cada categoria relacionada.

Tabela 74 - Proporção Atores Rede Associação e Grupos de Interesse de A

Categorias	Associação de Bairro	Grupos Religiosos	ONG's	Grupos de Interesse Público	Total
Qtd. Atores	3	11	11	5	30
% Atores	10%	37%	37%	17%	100%

Fonte: Dados de pesquisa.

Percebe-se que a maior parte dos relacionamentos envolvem ONGs e Grupos Religiosos, e que todos os recursos fluem na rede, alguns através de relações pouco frequentes, outros mais frequentes.

No Quadro 2 encontra-se uma síntese do mapeamento de recursos que fluem nas *Ego Networks* dos dois atores selecionados, conforme as categorias de análise propostas. Ressalta-se que o tamanho da rede do ator A apresentou bem superior à F e que, em termos gerais, o ator A explora mais os recursos pesquisados em comparação com o ator F. Em relação a intensidade dos laços, os mesmos se apresentaram bastante diversificados, intercalando sua predominância entre laços fortes e fracos nas categorias pesquisadas. Percebe-se que o recurso mais transacionado entre os atores é o apoio a solidariedade, com 141 conexões, seguidos pelo apoio à pleitos pessoais, com 112 conexões e a mobilização de militantes com 103 relacionamentos. O recurso financeiro descacou-se por ser o menos explorado entre os atores, com apenas 13 conexões, presentes apenas na rede egocêntrica do ator A. Destaca-se que, conforme demonstrado anteriormente, embora o ator F, ter se apresentado como ator mais central no mapeamento da rede do partido PCdoB no que tange ao recurso Financeiro, ao ser questionado sobre sua rede de ego, o ator não citou nenhum relacionamento que envolvesse o recurso.

Quadro 2 – Síntese dos Relacionamentos de Recursos das Ego Networks

Recurso Mapeado	Intensidade	Rede Política				Rede Pessoal				Rede Familiar				Rede de Sindicatos				Rede d Associações, Grupos Religiosos, de Interesse Público e ONGs				Total de Conexões:		
		Ator F		Ator A		Ator F		Ator A		Ator F		Ator A		Ator F		Ator A		Ator F		Ator A		Ator F	Ator A	Total (F+A)
		%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	%	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.
Apoio a Solidariedade	% L. Fortes	-	-	48%	21	67%	3	39%	23	18%	11	29%	17	6%	16	47%	19	13%	8	48%	23	38	103	141
	% L. Fracos	-	-	52%	21	33%	3	61%	23	82%	11	71%	17	94%	16	53%	19	88%	8	52%	23	38	103	141
Orientação sobre Aliança Política	% L. Fortes	57%	7	53%	17	50%	6	53%	17	-	-	100%	1	-	-	50%	4	-	-	50%	10	13	49	62
	% L. Fracos	43%	7	47%	17	50%	6	47%	17	-	-	-	1	-	-	50%	4	-	-	50%	10	13	49	62
Dicas Sobre Campanha	% L. Fortes	-	-	48%	21	-	-	43%	21	-	-	100%	2	-	-	70%	10	-	-	64%	14	-	68	68
	% L. Fracos	-	-	52%	21	-	-	57%	21	-	-	-	2	-	-	30%	10	-	-	36%	14	-	68	68
Financeiro	% L. Fortes	-	-	33%	3	-	-	50%	2	-	-	-	-	-	-	71%	7	-	-	-	1	-	13	13
	% L. Fracos	-	-	67%	3	-	-	50%	2	-	-	-	-	-	-	29%	7	-	-	100%	1	-	13	13
Apoio à pleitos pessoais no	% L. Fortes	-	-	55%	20	-	-	39%	23	50%	4	29%	17	-	-	47%	17	13%	8	52%	23	12	100	112
	% L. Fracos	-	-	45%	20	-	-	61%	23	50%	4	71%	17	-	-	53%	17	88%	8	48%	23	12	100	112
Mobilizar Militantes	% L. Fortes	67%	6	55%	20	-	-	45%	20	-	-	67%	3	6%	16	56%	9	13%	8	57%	21	30	73	103
	% L. Fracos	33%	6	45%	20	-	-	55%	20	-	-	33%	3	94%	16	44%	9	88%	8	43%	21	30	73	103
Orientação sobre economia, políticas	% L. Fortes	-	4	53%	19	50%	2	47%	19	-	-	100%	1	6%	16	40%	5	-	-	44%	9	22	53	75
	% L. Fracos	100%	4	47%	19	50%	2	53%	19	-	-	-	1	94%	16	60%	5	-	-	56%	9	22	53	75
Informação sobre o partido	% L. Fortes	75%	8	58%	19	-	-	64%	14	-	-	100%	1	-	-	29%	7	-	-	56%	9	8	50	58
	% L. Fracos	25%	8	42%	19	-	-	36%	14	-	-	-	1	-	-	71%	7	-	-	44%	9	8	50	58
Informação sobre ambiente político	% L. Fortes	83%	6	52%	21	33%	6	47%	19	-	-	100%	1	-	-	20%	5	-	-	55%	11	12	57	69
	% L. Fracos	17%	6	48%	21	67%	6	53%	19	-	-	-	1	-	-	80%	5	-	-	45%	11	12	57	69
Informação sobre correligionários	% L. Fortes	100%	3	52%	21	-	-	64%	14	-	-	100%	1	-	-	29%	7	-	-	44%	9	3	52	55
	% L. Fracos	-	3	48%	21	-	-	36%	14	-	-	-	1	-	-	71%	7	-	-	56%	9	3	52	55

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisar as duas redes, percebe-se que as redes do ator F, cujos agrupamentos - político, pessoal, familiar, sindicatos e outros grupos sociais - estão isolados entre si, apresentaram tamanho e fluxo inferior de recursos, se comparados com o ator A. O ator A, cujas redes se encontram mais interconectadas, apresentou utilização e fluxo de recursos bem superior ao ator F, percebe-se que quase todos os recursos são transacionados nas categorias de rede pesquisadas.

5 CONCLUSÃO

Nesta seção estão reunidas as principais observações relacionadas aos objetivos propostos e finalmente são apontadas as limitações do estudo, onde estão descritas as contribuições e sugestões para estudos futuros.

Mediante a apresentação da análise dos dados realizada na seção 4, é possível afirmar que o objetivo geral proposto para este trabalho foi plenamente alcançado, oferecendo uma descrição da estrutura de relacionamento entre os atores da agremiação política, a identificação dos laços e cliques existentes e o mapeamento dos recursos que circulam nas redes. Ao encontrarem evidências que satisfazem os requisitos dos objetivos específicos e do quadro teórico, que apresenta como ponto de partida a concepção do lado invisível dos partidos políticos (Schwartz's, 1990; Dominguez, Doherty, 2005; Bawn et al., 2012; Bawn & Noel, 2007; Masket, 2009; Noel, 2012), isto é, as redes do partido, foram realizadas as análises sobre: a) o mapeamento da conformação das redes, natureza e intensidade dos laços; b) análise das facções/ cliques; e c) mapeamento dos recursos da rede de atores políticos. As análises foram balizadas pela análise de redes sociais (ARS), definida por Masket (2014), como ideais, para análise dos partidos políticos.

Utilizou-se a análise de medidas estruturais de centralidade, densidade e coesão como principais indicadores para mapeamento dos relacionamentos entre atores do partido nas cidades de Betim, Contagem e Belo Horizonte, bem como para seleção dos atores mapeados na análise das *ego networks* abordadas no presente estudo. O Quadro 3, apresenta as principais evidências encontradas no presente estudo, frente as concepções teóricas que balizaram a pesquisa realizada. Em seguida estão agrupadas as principais considerações segundo: a) conformação das redes identificadas no partido; b) análise das cliques ou facções; c) análise das *ego networks*; e d) análise dos recursos das redes.

Quadro 3 – Evidências Empíricas por Concepção Teórica

CATEGORIAS DE ANÁLISES:	CONCEPÇÕES/ ATORES DE INTERESSE	EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS
1 - ASPECTO INFORMAL/ OCULTO/ INVISÍVEL	- Partidos são organizações com componentes formais e informais (Schwartz, 1990).	- Presença de relacionamentos informais (redes) entre atores formais e informais ligados direta, ou indiretamente ao partido.
	- As redes informais de elites políticas influenciam o resultado das eleições (Dominguez, 2005).	- Existência de relação entre desempenho eleitoral e posição dos atores na rede.
2 - CLIQUES E FACÇÕES	- Facções são combinações, cliques, ou agrupamento de eleitores e líderes políticos que se unem particularmente para apoiar um candidato (Key, 1949).	- Presença de várias cliques, ou facções dentro do partido.
	- Facções são grupos que agem por intermédio de um partido político na busca de um interesses comuns (Polsby, 1983).	- Os atores mais centrais estavam presentes na maioria das cliques identificadas.
	- Candidatos podem cooperar com outros para formar partidos fortes de múltiplos núcleos (Doherty, 2003).	- Constatou-se a formação de vários núcleos através da identificação das várias cliques/facções dentro da rede do partido.
	- As redes ajudam na difusão informal de estratégias e também podem revelar facções dentro do partido (Koger, Masket & Noel, 2010).	- Fator geográfico influenciou a formação das cliques/facções.
3 - NATUREZA DOS LAÇOS E DOS RECURSOS	- As redes de partido ao controlar recursos importantes podem desempenhar um papel importante nas nomeações (Bernstein, 2003).	- Existência de vários recursos que fluem nas redes, os atores mais centrais na rede também apresentaram maior centralidade no fluxo de recursos e melhores resultados nas últimas eleições.
	- Aqueles que estão envolvidos nas organizações informais do partido são mais propensos a atrair recursos (Bernstein, 1999; Bernstein & Raymond, 1999).	- Recursos mais transacionados entre as egonetworks foram: 1) apoio à solidariedade, 2) apoio à pleitos pessoais e 3) mobilização de militantes.
	- Laços fracos proporcionam aos indivíduos, acesso a informações e recursos além daqueles disponíveis em seu próprio círculo social (Granovetter, 1973, 1985).	- As ego redes dos atores F e A tiveram predominância de relacionamentos com laços fracos, onde diversos recursos eram compartilhados entre diferentes grupos.
	- Uma rede mais densa pode aumentar a probabilidade de mobilizar outros com interesses e recursos compartilhados para defender e proteger os recursos, ou retornos expressivos existentes (Lin et al., 2001).	- Constatou-se alta densidade na rede do partido, bem como alto compartilhamento de recursos. - Com exceção do recurso financeiro, todas as redes de recursos mapeadas apresentaram alta densidade.
4 - IMPORTÂNCIA DA PLATAFORMA LOCAL	- Redes de partido são locais, e não nacionais (Masket, 2002, 2004).	- Influência da localização geográfica na formação e configuração das cliques.
5 - PRESENÇA DE ATORES EXTERNOS	- Enfatiza a natureza informal da organização, incluindo a papel dos atores externos (Bawn et al., 2012; Bawn & Noel, 2007; Masket, 2009).	- Presença de relacionamentos com atores externos ao partido, tais como políticos de outros partidos, amigos, familiares, sindicatos, ONG's, associações, grupos religiosos e de interesse público.
	- A estrutura das ligações dentro das redes pode revelar como o partido está realmente organizado. Caracterizada por uma rede de atores (internos e externos), formando coalizões (Noel, 2009, 2012).	- A topologia da rede demonstrou como os atores políticos estão ligados entre si e com outros partidos e grupos de interesse
	- Onde as organizações partidárias são fortes, a construção de coalizões floresce (Bernstein & Raymond 1999; Bernstein, 2003, 2005)	- Existência de aliança com membros de outros partidos.
	- Amigos e membros da família dos candidatos, são muitas vezes ligados ao seu partido (Bernstein, 2005).	- Constatou-se que amigos e familiares dos atores estão ligados diretamente ou indiretamente ao partido pesquisado, e vários recursos fluem nessas redes.

Fonte: Elaboração Própria.

5.1 Conformação das Redes

Confirma-se a premissa inicial de Schwartz's (1990), de que os partidos possuem uma organização informal relevante, formada por redes e laços, que extrapolam suas fronteiras e influenciam suas atividades, conforme constatado por Bernstein e Raymond (1999) e Bernstein (2003, 2005), através das quais, fluem diversos tipos de recursos. Constata-se, de forma direta ou indireta, que todos os atores pesquisados estão conectados e compartilham diversos recursos com atores dentro e fora do PCdoB. A alta densidade observada na rede, que somados com uma boa coesão e centralidade, formou-se um ambiente propício para o desenvolvimento e fortalecimento das relações entre os atores.

A pesquisa indicou que, assim como nos estudos de Dominguez (2005), a natureza das redes pessoais e os recursos que aí circulam, estão relacionados com os resultados obtidos nas últimas eleições. Os candidatos mais centrais na rede, foram os que tiveram desempenho superior se comparados aos demais, no tocante à quantidade de votos obtidos nas eleições de 2012 e 2014, uma vez que os atores B, C, D, F, J e G apresentaram altos índices de centralidade e quantidades de votos. O Quadro 4, descreve a relação de votos obtidos na última eleição frente aos índices de centralidade de Grau.

Quadro 4 – Relação Centralidade x Resultado Eleitoral

Ator	Cargo	Quantidade de Votos Obtidos na Última Campanha	(%) Votos Obtidos	(%) Votos Obtidos por Cargo	Nrm OutDegree (%)	Nrm InDegree (%)
A	Vereador	1205	0,35%	3,47%	66,7	77,8
B	Vereador	23661	6,81%	68,16%	66,7	88,9
E	Vereador	3654	1,05%	10,53%	100	66,7
H	Vereador	3136	0,90%	9,03%	88,9	88,9
I	Vereador	3059	0,88%	8,81%	66,7	66,7
C	Deputado Estadual	28062	8,07%	38,54%	88,9	100
D	Deputado Estadual	44758	12,87%	61,46%	100	88,9
F	Deputado Federal	67650	19,46%	55,73%	100	100
J	Deputado Federal	53733	15,46%	44,27%	88,9	88,9
G	Prefeito	118748	34,16%	100,00%	100	100

Fonte: Elaboração Própria.

Os atores G e F apresentaram os maiores índices de centralidade (100%) e maiores percentuais de votos obtidos, quando se leva em conta o total de votos obtidos pelos membros do partido. Esses atores também se mostraram presentes na maior parte das cliques identificadas nesse trabalho, bem como nos índices de reciprocidade. Quando os indivíduos são agrupados de acordo com o cargo político que ocupam, os resultados também demonstram que existe

relação entre o grau de centralidade e o desempenho eleitoral, de forma que o ator B e F se destacam por apresentar alto índice de centralidade e votos obtidos entre os indivíduos com mesmo cargo. Os dados levam a constatação da existência de relação entre o desempenho eleitoral e a posição dos atores na rede.

Na mesma direção de Noel (2009, 2012), percebe-se que o mapeamento da estrutura informal do partido revelou como os atores se relacionavam entre si e com outros partidos e grupos de interesse, os quais apresentaram uma postura colaborativa, que segundo Doherty (2003), é fator preponderante para fortalecimento e formação de partidos de múltiplos núcleos, o que justifica a formação das cliques encontradas no partido em análise.

5.2 Presença de Cliques ou Facções

Ao mapear a coesividade da rede formada por laços fortes e fracos, foi percebido alto número de cliques com conexões diretas, assim como apontado pelo referencial teórico, porém quando foram considerados os relacionamentos indiretos, as análises apontaram para um grupo formado por todos os indivíduos, o que confere alta coesão na rede encontrada como partido propriamente dito, onde se incluem as conexões indiretas, e baixa coesão no que tange aos contatos diretos entre atores. Reforçando Silva (2003), a coesão está relacionada à presença de subgrupos dentro de uma rede. Tais subgrupos caracterizam-se pela suposição da existência de um grau de afinidade entre os seus membros para que os laços possam ser estabelecidos. Uma rede é considerada coesa quando a quantidade de subgrupos for pequena ou inexistente (Silva, 2003).

Neste sentido, os resultados são congruentes ao estudo de Noel (2012), Polsby (1983) e Koger, Masket & Noel (2010), que ao analisarem a rede de partidos políticos, identificaram vários grupos, facções, ou cliques associados. Nesse contexto presume-se a formação de facções, que conforme Polsby (1983), são grupos que agem por intermédio de um partido político na busca de interesses comuns. Tais interesses, foram identificados no compartilhamento de recursos entre os membros das facções presentes, entre os quais se pode citar a mobilização de militantes e aliança política.

Outro ponto importante na análise das facções, foi a conformidade dos dados obtidos com os estudos de Masket (2002, 2004), no tocante à influência da localidade na rede do partido. A análise das cliques da rede completa, cliques e n-cliques da rede de laços fortes, apresentaram o fator geográfico como variável influenciadora na formação das facções, dado que todas as cliques apresentaram mais de 50% dos integrantes com lócus de trabalho na mesma cidade. A

Tabela 75 descreve o percentual de indivíduos da mesma localidade nas cliques identificadas na rede completa (laços fortes e fracos) e na rede de laços fortes do partido.

Tabela 75 - Percentual de Indivíduos de mesma Localidade

Clique	Rede Completa	Rede Laços Fortes
1	67%	57%
2	50%	50%
3	50%	75%
4	67%	100%
5	67%	
6	83%	
7	67%	

Fonte: Elaboração Própria.

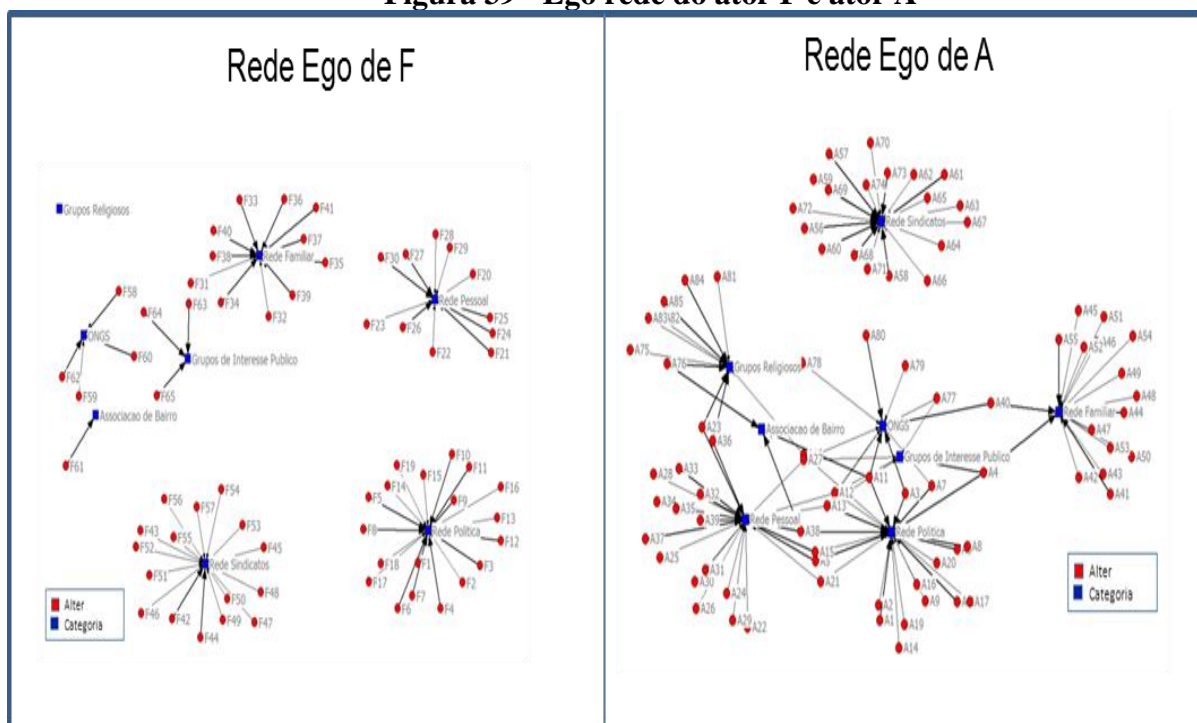
Ao considerar apenas os laços fortes dos membros do partido, a quantidade de cliques (1 clique) presente na rede é consideravelmente inferior ao apresentado pela rede completa (7 cliques com laços fortes e fracos). Considerando que todos os integrantes das cliques de laços fortes são da mesma localidade, o comportamento pode ser explicado pelo fator proximidade geográfica, já que essa variável foi objeto de análise de Decarolis e Deeds (1999, p. 48), os quais argumentam que a “proximidade promove as trocas naturais de ideias através das redes estabelecidas”. Os autores argumentam que quando um usuário em potencial e um contribuinte potencial estão em estreita proximidade, eles provavelmente vão falar uns com os outros, porque eles podem obter mais contextos de consulta, bem como assessoria técnica.

Acrescentando as proposições de Decarolis e Deeds (1999), às concepções de Granovetter (1973), que afirma que os laços fortes tendem a se concentrar em grupos particulares, ou cliques. Ao constatar que na rede de conexões fortes, a existência de facções, ou cliques, foi influenciada pela região geográfica dos atores, percebe-se que os laços entre os indivíduos também podem ser influenciados pela proximidade geográfica. Finalmente salienta-se que os indivíduos F e G, com maior grau de centralidade nas redes estavam presentes na maioria das cliques, o que está em conformidade com a conceituação de Key (1949), que define facções como combinações, cliques, ou agrupamento de eleitores e líderes políticos que se unem particularmente para apoiar um candidato.

5.3 Ego Network

Ao analisar as Redes de Ego (*Ego Network*) dos atores, descritas na Figura 39, observa-se que o ator central não possui indivíduos que sobrepõem os agrupamentos analisados (rede política, familiar, amigos e conhecidos, sindicatos e grupos de interesses). Tal comportamento não foi percebido com o ator de baixo grau de centralidade, onde percebeu-se a interação entre os agrupamentos analisados e foi encontrado a presença de atores presentes simultaneamente em suas redes política, familiar, amigos e grupos de interesse.

Figura 39 - Ego rede do ator F e ator A



Fonte: Elaboração Própria.

Concomitante aos achados de Bawn et al. (2012), Bawn & Noel (2007) e Masket, (2009), que constata a presença de atores externos em estudos de redes de partido, os dados apontaram para presença de vários atores externos ligados aos membros pesquisados, tais como políticos de outros partidos, amigos, familiares, sindicatos, ONG's, associações, grupos religiosos e de interesse público. A tabela 76, descreve a quantidade de conexões e sua proporção para o tipo de relacionamento encontrado nas redes dos atores pesquisados.

Tabela 76 - Relação de Conexões entre Atores

Tipo de Rede	Ator F	%	Ator A	%
Política	19	29%	22	20%
Pessoal	11	17%	23	21%
Familiar	11	17%	17	15%
Sindicatos	16	25%	19	17%
Grupos de Interesse Público	3	5%	5	5%
Associações de Bairro	1	2%	3	3%
Grupos Religiosos	0	0%	11	10%
ONG's	4	6%	11	10%
Total	65	100%	111	100%

Fonte: Elaboração Própria.

Percebe-se que os relacionamentos com políticos, amigos, familiares e sindicatos apresentaram redes de maior tamanho entre as categorias pesquisadas. A presença de amigos e membros da família dos atores ligados ao PCdoB, é congruente com os estudos de Bernstein (2005), ao afirmar que amigos e membros da família dos candidatos, são muitas vezes ligados ao seu partido. Nesta direção, os resultados também reforçaram os argumentos de Noel (2012), ao afirmar que os partidos são caracterizados por uma rede de atores, internos e externos ao partido, caracterizados por colaboração e alianças políticas, formando coalizões, visto que o ator A se relaciona com um ator de outro partido, o PTB, compartilhando apoio à solidariedade e informação sobre correligionários. O ator F, apresentou conexões com três atores de outros partidos, sendo dois do PT e um do PDT, onde os recursos transacionados foram: orientação sobre aliança política, economia e políticas públicas. As considerações sobre os recursos mapeados são apresentadas a seguir.

5.4 Mapeamento dos Recursos

No que tange ao mapeamento de recursos, percebe-se que os atores usufruem de diversos recursos conforme apontado por Bernstein e Raymond (1999) e Bernstein (2003, 2005) e que os diversos recursos que fluem nas redes do partido são concomitantes com Lin et al. (2001), ao afirmarem que uma rede mais densa pode aumentar a mobilização de recursos compartilhados. Foi observado que o compartilhamento de recursos financeiros se revelou baixo em comparação à outros recursos. A Tabela 77, sintetiza as densidades obtidas nas redes de recursos do partido (*full network*).

Tabela 77 – Resumo da Rede de Recursos

Recurso Mapeado	Tamanho/ Conexões	Densidade (%)	Atores mais centrais		Coesão	
			Entrada (Indegree)	Saída (Outdegree)	Cliques	N-cliques
Apoio a Solidariedade	66	73,3	F	E, G	7	1
Orientação sobre Aliança Política	70	77,8	F, G	E, F, G	6	1
Dicas Sobre Campanha	65	72,2	C, F, G	E, F, G	6	1
Financeiro	7	7,8	F	F	0	1
Apoio à pleitos pessoais no contexto político	68	75,6	C, F, G, J	C, E, F, G, H, J	7	1
Mobilizar Militantes	66	73,3	C, F	E, F, G	7	1
Orientação sobre economia, políticas públicas	69	76,7	F, C, D, J	C, E, F, G, H, J	7	1
Informação sobre o partido	65	72,2	A, D, G, H	E, F, G, J	8	1
Informação sobre ambiente Político	70	77,8	F, G	E, F, G	6	1
Informação sobre correligionários	62	68,9	F, C	E, G	6	1

Fonte: Elaboração Própria.

Nota-se que os atores F, G, C, D e J, se destacam nos indicadores de centralidades da rede de recursos e também tiveram os melhores resultados nas últimas eleições (ver Tabela 75), o que reforça as proposições de Bernstein e Raymond (1999) e Bernstein (2003, 2005) no que tange à relação entre o fluxo de recursos e o desempenho eleitoral.

Percebe-se que a maioria das redes de recursos possuem baixa coesão, dadas as quantidades de cliques, ou facções encontradas em cada rede, porém no que tange ao recurso financeiro, observa-se que há alta coesão, já que não foram encontrados cliques na rede. Isso leva a consideração de que a natureza do recurso também é variável influenciadora na formação das cliques.

No tocante à configuração das *ego networks* pelas quais os recursos fluem entre os dois atores, as redes também se mostraram bastante diferenciadas. Enquanto o ator mais central (F) acessa recursos bem específicos e limitados em suas redes políticas, pessoal, familiar, sindicatos, associações e outros grupos de interesse, o ator menos central (A), demonstrou usufruir da maior parte dos recursos em todas as categorias, ou agrupamentos pesquisados. A Tabela 78, descreve a relação de recursos presentes nas *ego networks* dos dois atores.

Tabela 78 – Comparativo de Recursos das Ego Redes dos Atores F e A

Recurso Mapeado	Rede Política		Rede Pessoal		Rede Familiar		Rede de Sindicatos		Rede de Associações, Grupos		Total de Conexões:		
	Ator F	Ator A	Ator F	Ator A	Ator F	Ator A	Ator F	Ator A	Ator F	Ator A	Ator F	Ator A	Total (F+A)
	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.	Qnt.
Apoio a Solidariedade	-	21	3	23	11	17	16	19	8	23	38	103	141
Orientação sobre Aliança Política	7	17	6	17	-	1	-	4	-	10	13	49	62
Dicas Sobre Campanha	-	21	-	21	-	2	-	10	-	14	-	68	68
Financeiro	-	3	-	2	-	-	-	7	-	1	-	13	13
Apoio à pleitos pessoais no	-	20	-	23	4	17	-	17	8	23	12	100	112
Mobilizar Militantes	6	20	-	20	-	3	16	9	8	21	30	73	103
Orientação sobre economia, políticas	4	19	2	19	-	1	16	5	-	9	22	53	75
Informação sobre o partido	8	19	-	14	-	1	-	7	-	9	8	50	58
Informação sobre ambiente Político	6	21	6	19	-	1	-	5	-	11	12	57	69
Informação sobre correligionários	3	21	-	14	-	1	-	7	-	9	3	52	55

Fonte: Elaboração Própria.

Nota-se que os recursos mais transacionados foram apoio à solidariedade, à pleitos pessoais e mobilização de militantes. Assim como no mapeamento de recursos da rede completa do partido, a análise da rede egocêntrica demonstrou que o recurso financeiro foi o recurso menos transacionado, ao passo que os demais recursos apresentaram uma quantidade balanceada de acesso na rede completa do partido.

5.5 Limitações e Sugestões de Pesquisas Futuras

Apesar dos esforços na realização da pesquisa de campo e nas análises dos dados coletados, embasados sempre em referencial teórico consistente e em metodologia científica, algumas limitações devem ser observadas. Primeiramente, considera-se a unidade de análise como restrita ao PCdoB nas cidades mencionadas, não permitindo a generalização das conclusões obtidas para todo o partido ou demais partidos políticos. Quanto à amostra da pesquisa, foram selecionados apenas os atores eleitos nas regiões informadas, o número baixo de indivíduos pesquisados, indica que o comportamento dos pesquisados não representa, necessariamente, a unanimidade da população do partido PCdoB, tão pouco aos demais partidos

brasileiros. Atenta-se para o fato de que todos os dados obtidos com auxílio das *egonetworks* partem da percepção do indivíduo focal, isto é o “ego”, e que, portanto, se restringem à percepção do mesmo. Outra limitação corresponde às análises da rede do partido, as quais foram realizadas apenas com os atores eleitos, sendo obtidas redes que retratam relacionamentos após o resultado eleitoral, não sendo realizados comparativos entre a posição dos atores antes e após as eleições, o que, por sua vez, representa possibilidade de pesquisas comparativas neste âmbito.

Alguns pontos não foram possíveis de serem verificados empiricamente neste trabalho, entretanto representam oportunidades de pesquisas no âmbito dos partidos brasileiros. Uma delas diz respeito ao estudo comparativo entre a estrutura formal e informal dos partidos. Outra poderia verificar a intencionalidade da origem das redes políticas, apontadas por Noel (2012), ou a existência de cooptação entre membros dos partidos. Novas pesquisas sobre demais fatores que influenciam a configuração das facções, tais como o fator geográfico, e os recursos que fluem nas cliques, são campos férteis de análise. Ainda, uma análise comparativa sobre as redes de múltiplos partidos, poderiam demonstrar a dinâmica dos relacionamentos, revelando como os partidos estão realmente organizados. Ou mesmo, estudos que enfatizem o individualismo dos políticos, a patronagem, o clientismo, que de acordo com Mainwaring (1999), constituem os traços mais salientes do sistema partidário e eleitoral brasileiro.

Finalmente, considerando-se que partidos políticos ocupam, no mundo de hoje, um lugar destacado entre as importantes organizações presentes na sociedade. Espera que os resultados e as reflexões, aqui inseridas, possam, de fato, estimular novos estudos sobre partidos políticos e suas interfaces com o mundo organizacional.

Referências

- Adler, P. S. & Kwon, S. (1999). Social Capital: the Good, the Bad and the Ugly. *Academy of Management Meeting*. Chicago, IL.
- Alejandro, V. A. O. & Norman, A. G. (2005). Manual Introdutório à Análise de Redes Sociais. Recuperado a partir de <http://www.aprende.com.pt>. Acesso em 10, dez. 2014.
- Aldrich, J. H. (1995). *Why Parties? The Origin and Transformation of Political Parties in America*. The University of Chicago Press. Chicago.
- Amaral, Osvaldo E. D. (2011). Ainda conectado: o PT e seus vínculos com a sociedade. *Opinião Pública*, Campinas, 17(1), 1-44.
- Amaral, Osvaldo E. D. (2013). O Que Sabemos Sobre a Organização dos Partidos Políticos: uma Avaliação dos 100 anos de Literatura. *Revista Debates, Porto Alegre*, 7(2), 11-32.
- Amaral, M. S. & Pinho, J. A. G. (2015). Ideologias Partidárias em 140 Caracteres: Adoção e Uso do Twitter pelo Congresso Brasileiro. In: *Anais, 39 Encontro da ENANPAD (pp. 1-16)*. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Baracho, J. A. O. (1979). Teoria geral dos partidos políticos. *Revista Jurídica Lemi*. Brasília, 16(44).
- Barbie, E. (1999). *Métodos de pesquisa de survey*. UFMG.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Barnes, S. E. (1997). Electoral Behaviour and Comparative Politics. In: Lichbach, M.I.; Zuckerman, A.S. (eds.): *Comparative Politics: Rationality, Culture and Structure*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Bawn, K. & Noel H. (2007). Long Coalitions Under Electoral Uncertainty: The Electoral Origins of Political Parties. In: *Midwest Political Science Association*. Chicago, IL.

- Bawn, K., Cohen M., Karol, D., Masket S., Noel, H. & Zaller J. (2012). "A Theory of Political Parties." *Perspectives on Politics*, 10(3), 571–597.
- Bernstein, J. & Raymond J. L. R. (1999). Independent Expenditures and Partisanship in House Elections. In: *Annual Meeting of the American Political Science Association*. Atlanta, Georgia.
- Bernstein, J. (1999). *The Expanded Party in American Politics*. (Ph.D. diss.). University of California, Berkeley.
- Bernstein, J. (2004). The Rise and Fall of Howard Dean and Other Notes on the 2004 Democratic Presidential Nomination. *The Forum 2: 1*, Article 1. Retrieved from <http://www.bepress.com/forum/vol2/iss1/art1>.
- Bernstein, J. & Casey B. K. D. (2003). Candidates and Candidacies in the Expanded Party. *PS: Political Science and Politics*, 36, 165-169.
- Bernstein, J. (2005). Party Network Research, Factions, and the Next Agenda. In *The 2005 State of the Parties Conference*, (pp. 5–7). Akron, OH.
- Bickman, L. & Rog, D. J. (1997). *Handbook of applied social research methods*. (p. 580). Thousand Oaks: Sage.
- Bimes, T. & Casey B. K. D. (2004). Playing Favorites? An examination of partyloyal donors to presidential nomination campaigns 1996-2004. In *the Annual Meeting of the American Political Science Association*. Chicago, IL.
- Bobbio, N.; Matteucci, N.; Pasquino, G. (1986). *Dicionário de política*. (3a. ed). Brasília: UnB.
- Borgatti, S., E., M. & Freeman, L. (2002). *Ucinet for windows: software for social network analysis*. Harvard: Analytic Technologies.

- Burt, R. S. (1984). *Network Items and the General Social Survey*. (v. 6), (pp. 293-339). Social Networks.
- Burt, R., S. (1992). *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Burt, R., S. (2001). Structural holes versus network closure as social capital. In: Lin, N.; Cook, K.; Burt, S.R. (Ed.). *Social capital: theory and research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Breiger, R., L. & Philippa, P., P. (1978). The Joint Role Structure of Two Communities' Elites. *Sociological Methods and Research*. 7(2), 213-226.
- Bryce, J. (1921). *Modern Democracies*. New York, The Macmillan Company.
- Carstens, D., D., S. (2005). *Estrutura de Relacionamentos Interorganizacionais e estratégias das empresas da rede Hiperfarma*. (Dissertação de Mestrado). Curso de Mestrado em Administração, Departamento de Setor de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Cohen, M., David K., Noel, H. & Zaller, J. R. (2001). Beating Reform: The Resurgence of Parties in Presidential Nominations, 1980-2000. In *Annual Meeting of the American Political Science Association*. San Francisco, California.
- Cohen, M., David K., Noel, H. & Zaller, J. R. (2008). *The Party Decides: Presidential Nominations Before and After Reform*. Chicago: University of Chicago Press.
- Coleman, J.S. (1988). Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, 94, 95-120. Supplement.
- Cross, R., Parker, A. & Borgatti, S., P. (2014). A bird's-eye view: using social network analysis to improve knowledge creation and sharing. *Knowledge Directions*, 2(1), 48-61, 2000. Retrieved from <http://www.analytictech.com/borgatti/publications.htm>. Acesso em 10 out. 2014.

- Deschouwer, K. (1986). *Political Parties as Organizations: A Contingency Approach*. In *11th World Congress Of Sociology*. New Delhi.
- Dominguez, C., B., K. (2005). *Before the Primary: Party Participation in Congressional Nominating Processes*. (Phd Thesis). University of California, Berkeley.
- Dominguez, C., B., K. (2005b). *Groups and the Party Coalitions: A Network Analysis of Overlapping Donor Lists*. In *The Annual Meeting of the American Political Science Association*. Washington, DC.
- Doherty, J. W. (2003). *The Strength of Campaign Ties: Political Networks as Political Parties*. In *The Annual Meeting of the Northeastern Political Science Association*. Philadelphia, Pennsylvania.
- Doherty, J., W. (2005). *Organized by Competition: Candidate-Consultant Networks in California Legislative Campaigns*. In *The Annual Meeting of the American Political Science Association*. Washington, DC.
- Duverger, M. (1958). *Les Partis Politiques*. (3a ed.). Librairie Armand Colin, Paris.
- Duverger, M. (1980). *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro: Zahar/UnB.
- Eleições 2012, 2014. (2015). Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. Recuperado a partir de <http://www.tre-mg.jus.br>, acesso em: 02 fev. 2015.
- Engelmann, F. (2010). *The Legitimacy of Power as an Object of Political Science*. *Brazilian Political Science Review*, 4(1).
- Engle, S. (1999). *Structural Holes and Simmelian Ties: Exploring Social Capital, Task Interdependence and Individual Effectiveness*. (Phd Thesis). University of North Texas.
- Eisenhardt, K. M. (1989). *Building theories from case study research*. *Stanford University. Academy of Management Review*, 14, 532-550.

- Fazito, D. & Soares, W. (2010). *Capital social, análise de redes e os mecanismos intermediários do sistemamigratório Brasil/EUA*. Revista Geografias Artigos Científicos.
- Ferreira, D. P. (2002). *PFL x PMDB: marchas e contramarchas (1982-2000)*. Goiânia: Alternativa.
- Fowler, J., H., Michael T., H., David W., N., Padgett, J. F. & Betsy S. (2011). Causality in Political Networks. *American Politics Research*, 39(2), 437–480.
- Fleischer, D., V. (1979). As Bases Socioeconômicas do Recrutamento Partidário, 1945-1965. In *Simpósio “Os Partidos Políticos Do Brasil”*; *Idem, A Transição Para O Bipartidarismo No Legislativo*. Rio de Janeiro, Brasil.
- Freitas, H., Cunha Jr., M., and Moscarola, J. (1997). Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. *Revista de Administração da USP, São Paulo*, 32(3), 97-109.
- Garton, L., Haythornthwaite, C.; Wellman, B. (1997). Studying online social networks. *Journal of Computer-Mediated Communication*. Bloomington, 3(1).
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (3a ed.). (p. 159). São Paulo: Atlas.
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.
- Granovetter, Mark. (1982). The strength of weak ties: a network theory revisited. In: Marsden, Peter V. & Lin, Nan (Eds.). *Social structure and network analysis*. (pp. 105-130). Beverly Hills: Sage.
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91, 481-510.
- Granovetter, M. (2005). The economic sociology of firms and entrepreneurs. Swedberg, R. (ed.). *New developments in economic sociology*, Cheltenham: Elgar, 160–197.

- Gomes, D., et al. (2003). Centrality and power in social networks: a game theoretic approach. *Mathematical Social Sciences*, 46, 27-54.
- Gunther, R., Montero, J., R. & Linz, J., J. (2003). The Literature on Political Parties: a Critical Reassessment. *Institut de Ciències Polítiques i Socials (ICPS)*, Barcelona, Espanha.
- Hair, et al. (1994). *Multivariate Data Analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Hanneman, R. A. (2001). *Introduction to social network methods*. Retrieved from <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/SOC157/NETTEXT.PDF>. Acesso em 26 out. 2014.
- Hansen, D., Shneiderman, B., & Smith, M. (2010). *Analyzing Social Media Networks with NodeXL: Insights from a Connected World*. (M. Kaufmann, Ed.).
- Heaney, M. & Rojas, F. (2007). Partisans, Nonpartisans, and the Antiwar Movement in the United States. *American Politics Research*, 34(4), 431-464.
- Hoppen, N. et al. (1996). Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. *Read Porto Alegre*, (7a ed.), 2(2).
- Janda, K. (1990). Toward a Performance Theory of Change in Political Parties. In: *12th World Of The International Sociological Association, Modeling Party Change*. Spain: Madrid, 9-13.
- Kaufman, H. (1964). Organization Theory and Political Theory. *Amer Pol Sci Ver*, 58(1), 5-14.
- Keck, M. E. (1991). *PT – a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática.
- Kerbaui, M., T., M & Assumpção, R., P., S. (2011). Redes sociais e capital político: uma proposta teórico metodológica para análise das organizações políticos partidárias brasileiras. *Política & Sociedade*, 10 (18).

- Key, V., O. (1949). *Southern Politics in State and Nation*. New York: Alfred A. Knopf.
- Kinzo, M., D'A. (1988). *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB, 1966-1979*. São Paulo: Vértice.
- Kirchheimer, Otto. (1966). The Transformation of the Western European Party Systems. In: Lapalombara, J. & Weiner, M. (ed.). *Political Parties and Political Development*. (pp. 177-200). Princeton: PUP.
- Koger, G., Masket, S. & Noel, H. (2009). Partisan Webs: Information Exchange and Party Networks. *British Journal of Political Science*.
- Koger, G., Masket, S. & Noel, H. (2010). Cooperative Party Factions in American Politics. *American Politics Research*. 38(1), 33.
- Kolodny, R. & David A. D. (2003). Political Party Adaptation in US Congressional Campaigns: Why Political Parties Use Coordinated Expenditures to Hire Political Consultants. *Party Politics*, 729-746.
- Knoke, D. & Kuklinski, J. (1982). *Network Analysis*. Beverly Hills: Sage Publications, 96.
- Lazzarini, S. G. (2008). *Empresas em Rede*. São Paulo: Cengage Learning.
- Lee, J. (2002). Linking ego-networks using cross-ties. In: *Annual Meeting Of The American Sociological Association*. Retrieved from http://www.casos.ece.cmu.edu/casos_working_paper/Juiceasa2002b.pdf. Acesso em 7 nov. 2014.
- Lima JR., O., B. (1999). Partidos, eleições e Poder Legislativo. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na Ciência Social brasileira: Política*. (pp.13-57). São Paulo: Sumaré.
- Lin, N. (2001). Building a theory of social capital. In: Lin, N., Cook, K. & Burt, R. (Ed.). *Social capital: theory and research*. (pp. 3-30). New York: Aldine de Gruyter.

- Luna, J. P. (2015). *A Theory of Political Organization*. Retrieved from <http://www.icpublicpolicy.org/conference/file/reponse/1433891918.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.
- Mainwaring, Scott. (1993). *Democracia Presidencialista Multipartidária: o Caso do Brasil*. Lua Nova, n. 28/29, São Paulo, Cedec.
- Mainwaring, Scott P. & Scully, Timothy R. (1994). *A Institucionalização dos Sistemas Partidários na América Latina*. Dados, vol. 37, n. 1, Rio de Janeiro.
- Mainwaring, Scott & Liñan, Anibal Pérez. (1998). *Disciplina partidária: o caso da Constituinte*. Lua Nova, 44, São Paulo, Cedec.
- Mainwaring, S. (2001). *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- Marques, E. C. & Bichir, R. M. (2003). Estado e empreiteiras II: permeabilidade e políticas urbanas em São Paulo (1978-98). *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 46(1).
- Marsden, P., V. & Campbell, K., E. (1984). Measuring tie strength. *Social Forces*, New York, 63, 482-501.
- Marsden, P., V. & Campbell, K., E. (2005). Recent Developments in Network Measurement In: Carrington, P., Scott, J. & Wasserman, S.: *Models and Methods in Social Network Analysis*. New York: Cambridge Press.
- Marteleto, R. M. (2001). Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, 30(1), 71-81.
- Masket, S. (2002). The Emergence of Unofficial Party Organizations in California. *Spectrum: The Journal of State Politics*. 75 (Fall), 29-33.
- Masket, S. (2004). *A Party By Other Means: The Rise of Informal Party Organizations in California*. (Ph.D. diss.). University of California, Los Angeles.

- Masket, S. (2009). *No Middle Ground: How Informal Party Organizations Control Nominations and Polarize Legislatures*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Masket, S. (2014). Party Networks. Retrieved from <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-780199756223/obo-9780199756223-0091.xml#obo-9780199756223-0091-div1-0003>. Acesso em: 11 dez. 2014.
- Melo, C. R. (2015). The 2014 Elections and the Brazilian Party System. *Brazilian Political Science Review*, 9(1).
- Meneguello, R. (1989). *PT: A formação de um partido, 1979-1982*. São Paulo: Paz e Terra.
- Michels, R., Paul, E., Paul, C. (1915). *Political Parties: A Sociological Study of the Oligarchical Tendencies of Modern Democracy*. New York: Hearst's International Library Co.
- Michels, R. (1982). *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília: UNB.
- Monroe, J., P. (2001). *The Political Party Matrix: The Persistence of Organization*. Albany: State University of New York Press.
- Nicolau, J. (2010). Partidos e Sistemas Partidários: 1985-2009. In: Lessa, R. (org.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Ciência Política*. (pp. 217-240). São Paulo: Barcarolla.
- Noel, H. (2012) "Toward a Network Theory of Political Parties: A Social Network Analysis of Internal Party Cleavages in Presidential Nominations." *American Political Parties: Past, Present, And Future" Conference*. Charlottesville, Va.
- Noel, H. (2006). *The Coalition Merchants: How Ideologues Shape Parties in American Politics dissertation*. University of California, Los Angeles.

- Nooy, W., Mrvar, A. & Batagelj, V. (2005). *Exploratory Social Network Analysis with Pajek*. New York: Cambridge.
- Nunes, F. (2012). What is the Best Strategy to Obtain Legislative Support?: Survey Evidence from Brazilian State Assemblies. *Brasilian Political Science Review* [online], 6 (2), 88-113.
- Oliveira, L., C., V; Correa, O., M. (2008). *Normas para redação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. (2a ed)*. Belo Horizonte: Universidade Fumec.
- Ostrogorski, M., I. (1964). *Democracy and the Organization of Political Parties*. London, Macmillan.
- Partido Comunista do Brasil. (2015). Parlamentares e Governantes do PCdoB. Recuperado a partir de <http://www.pcdob.org.br>, acesso em: 02 fev. 2015.
- Perrien, J., Chéron, E., J. & Zins, M. (1984). *Recherche en marketing: méthodes et décisions*. Montreal: Gaetan Morin Editeur.
- Pinsonneault, A. & Kraemer, K., L. (1893). Survey research in management information systems: an assessement. *Journal of Management Information System*.
- Polsby, N., W. (1983). *Consequences of Party Reform*. New York: Oxford University Press.
- Polsby, N., W. (2005). *How Congress Evolves*. New York: Oxford University Press.
- Putnam, R. D. (1996). Comunidade e Democracia: A experiência da Itália Moderna. *Capital Social e Desempenho Institucional*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- Ribeiro, P. (2010). *Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT entre 1980 e 2005*. São Carlos: EdUFScar.
- Ringe, N. & Jennifer, N., V. (2012). Bridging the Information Gap: Legislative Member Organiza- tions as Social Networks in the United States and the European Union," (with

- Christopher J. Carman). *University of Michigan Press, forthcoming*. University of Michigan Press.
- Roma, C. (2002). A institucionalização do PSDB entre 1988 e 1999. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 17(49), 71-92.
- Roma, C. (2006). Organizaciones de partido en Brasil: El PT y el PSDB bajo perspectiva comparada. *América Latina Hoy*. Salamanca, 44, 153-184.
- Samuels, D. & Shugart, M. (2010). *Presidents, Parties, and Prime Ministers: How the Separation of Powers Affects Party Organization and Behavior*. Cambridge: CUP.
- Sampieri, R., H., et al. (1991). *Metodología de la investigación*. México: McGraw-Hill.
- Schattschneider, E., E. (1942). *Party Government*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- Schlesinger, J., A. (1984). On the Theory of Party Organization. *Journal of Politics*, 46, 369-400.
- Schlesinger, J., A. (1985). The New American Political Party. *American Political Science Review*. 79(4), 1152–1169.
- Schwartz, M., A. (1990). *The Party Network: The Robust Organization of Illinois Republicans*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Silva, M., C., M., S. (2003). Redes Sociais Intraorganizacionais informais e gestão: um estudo nas áreas de manutenção e operação da planta HYCO-8, Camaçari, BA. 2003. (Dissertação de Mestrado). (p. 223). Curso de Mestrado em Administração, Núcleo de Pós-Graduação da Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Simmel, G. (1950a). *The Sociology of Georg Simmel*. Ed. K. Wolff, New York and Glencoe, Free Press.

- Simmel, G. (1950b). Quantitative aspects of the group. In: WOLFF, K. H. *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe: Free Press, 87-180.
- Simmel, G. (1983). Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes Filho, E. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. (pp. 165-181). São Paulo: Ática.
- Skinner, R. (2004). Interest Groups and Party Networks: Views from Inside the Beltway. In *the Annual Meeting of the Southern Political Science Association*. New Orleans, Louisiana.
- Skinner, R. 2005. Do 527's Add Up to A Party? Thinking About the “Shadows” of Politics. In *the Annual Meeting of the Midwest Political Science Association*. Chicago, Illinois.
- Stephenson, K., Zelen, M. (1989). Rethinking centrality: methods and examples. *Social Networks*. 11(1), 1-37.
- Stokes, S., C. (1999). Political Parties and Democracy. *Annual Review of Political Science*. 2, 243-267.
- Vale, G., M., V. (2006). *Laços como ativos territoriais: análise das aglomerações produtivas na perspectiva do capital social*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.
- Verdu, P., L. (1971). Princípios de Ciência Política. vol. 3o. Editorial Tecnos, Madrid, 15-19.
- Ware, A. (2005). *Heading North: The Democratic Party, the Northern States, and the Pursuit of a National Majority*. Manuscript.
- Wasserman, S. & Faust, K. (1994). *Social Network Analysis: Methods and Applications*. New York: Cambridge Press.
- Wasserman, S. & Faust, K. (1999). *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.

Weber, M. (1970). Politics as a vocation. In *From Max Weber: Essays in sociology*, ed. H. H. Gerth and C. Wright Mills, London: Routledge and Kegan Paul. (pp. 77–128).

Weber, Max. (1979). *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. (2a ed). México: Fondo de Cultura Económica.

Zancan, C. (2008). As contribuições teóricas da Análise de Redes Sociais aos Estudos Organizacionais. In: *Anais, Encontro da ENANPAD*. Rio de Janeiro: Enanpad.

6 APÊNDICE - Questionário de Pesquisa

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COLETA DE DADOS NA PESQUISA DE CAMPO

PARTIDOS POLÍTICOS NA ABORDAGEM DE REDES SOCIAIS

Problema de pesquisa: Como ocorrem as interações entre os atores de uma pequena agremiação política e desses com outros partidos políticos e grupos de interesse?

DESCRIÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Curso:

Estado Civil:

Filhos:

Vinculo com o PCdoB:

Cargo Político atual:

Início da Vigência

Termino da Vigência

1. Quanto tempo exerce cargo eletivo?

Menos de 1 ano

Entre 1 ate 5 anos

Entre 5 ate 10 anos

Acima de 10 anos.

2. Seu cargo é:

Titular Suplente

3. Quanto tempo exerce atividades politica?

Menos de 1 ano

Entre 1 ate 5 anos

Entre 5 ate 10 anos

Acima de 10 anos.

4. Seu cargo é:

Titular Suplente

5. Realizou atividade profissional anterior à política:

Não.

Sim. Qual?

6. Realiza outra atividade profissional além do cargo atual?

Não.

Sim. Qual?

7. Alguém da sua família exerce ou já exerceu cargo político eletivo (vereador, prefeito, deputado, etc)?

sim Não.

Se positivo. Por quanto tempo?

Menos de 1 ano

Entre 1 ate 5 anos

Entre 5 ate 10 anos

Acima de 10 anos.

8. Alguém da sua família exerce ou já exerceu atividade pública não eleitoral (ex. participou de associações de bairro, cargos comissionados, etc)?

sim Não.

Se positivo. Por quanto tempo?

Menos de 1 ano

Entre 1 ate 5 anos

Entre 5 ate 10 anos

Acima de 10 anos.

17. O que o motivou optar pela carreira política?

a. Você foi influenciado por alguém especificamente?

Se positivo,

a) Quem:

b) Como:

18. Você pertence algum grupo fora do PCdoB (ex. grupos religiosos, sindicatos, ONG`s)?

() Sim. () Não.

Se positivo. Qual?

20. Cite os benefícios de fazer parte do grupo:

PARTE I – Mapeamento da Rede Política

Pense sobre pessoas com quem você interage ou interagiu em sua carreira política, podem ser atores políticos vinculados ao PcdOB ou não (membros de outros partidos, ex colegas de partido - inclusive aposentados, comissionados, etc). O foco desta primeira parte do questionário é naquelas pessoas que são contatos relacionados ao trabalho.

Nomes:	Partido Político Vinculado	Função/ Cargo	Esfera Poder 1. Câmara municipal 2. Prefeitura 3. assembleia legislativa 4. Congresso..	1.Executivo 2.Legislativo 3.Judiciário	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente (quase nunca)	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação sobre Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas públicas,etc/ 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
7.						
8.						
9.						

CONTINUAÇÃO PARTE I – Mapeamento da Rede Política

Nomes:	Partido Político Vinculado	Função/ Cargo	Esfera Poder 1. Câmara municipal 2. Prefeitura 3. assembleia legislativa 4. Congresso.	1.Executivo 2.Legislativo 3.Judiciário	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, politicas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
10.						
11.						
12.						
13.						
14.						
15.						
16.						
17.						
18.						
19.						
20.						

PARTE II – Mapeamento da Rede Pessoal (Amigos e Conhecidos)

Pense sobre pessoas com quem você interage ou interagiu em seu círculo pessoal, amigos, conhecidos, próximos, etc. O foco desta segunda parte do questionário é naquelas pessoas que são contatos pessoais.

Nomes:	Tempo de relacionamento: 1. Menos de 1 ano 2. Entre 1 a 5 anos 3. Entre 5 a 10 anos 4. Superior a 10 anos	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas públicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			

CONTINUAÇÃO PARTE II – Mapeamento da Rede Pessoal (Amigos e Conhecidos)

Nomes:	Tempo de relacionamento: 1. Menos de 1 ano 2. Entre 1 a 5 anos 3. Entre 5 a 10 anos 4. Superior a 10 anos	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
12.			
13.			
14.			
15.			
16.			
17.			
18.			
19.			
20.			
21.			
22.			
23.			
24.			

PARTE III – Mapeamento da Rede Familiar

Pense na sua família. Descreva pessoas com que se relaciona, sua frequência, e quais recursos geralmente obtém com cada um deles.

Nomes:	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
11.		

CONTINUAÇÃO PARTE III – Mapeamento da Rede Familiar

Nomes:	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
12.		
13.		
14.		
15.		
16.		
17.		
18.		
19.		
20.		
21.		
22.		
23.		
24		

PARTE IV – Mapeamento da Rede de Sindicatos

Pense em pessoas que pertencem a sindicatos com que se relaciona. Descreva os indivíduos com que se relaciona, sua frequência, e quais recursos geralmente obtém com cada um deles.

Nomes:	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas públicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
11.		

CONTINUAÇÃO PARTE IV – Mapeamento da Rede de Sindicatos

Nomes:	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, politicas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
12.		
13.		
14.		
15.		
16.		
17.		
18.		
19.		
20.		
21.		
22.		
23.		
24		

PARTE V – Mapeamento da Rede de Associação de Bairro / Grupos Religiosos / ONGs outras Associações de classe

Pense em pessoas que pertencem a associações e grupos com que se relaciona. Descreva os indivíduos com que se relaciona, sua frequência, e quais recursos geralmente obtém com cada um deles.

Nomes:	Entidade Pertencente: 1 = Associação de Bairro 2 = Grupos Religiosos 3 = ONGs 4 = Associações de Classe 5 = Grupos de Interesse público 6 = Outro - (Citar Qual)	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas públicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			

CONTINUAÇÃO PARTE V – Mapeamento da Rede de Associação de Bairro / Grupos Religiosos / ONGs outras Associações de classe

Nomes:	Entidade Pertencente: 1 = Associação de Bairro 2 = Grupos Religiosos 3 = ONGs 4 = Associações de Classe 5 = Grupos de Interesse público 6 = Outro - (Citar Qual)	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas publicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
12.			
13.			
14.			
15.			
16.			
17.			
18.			
19.			
20.			
21.			
22.			
23.			
24.			

PARTE V – Mapeamento da Full Network

Agora, em relação aos membros de seu partido descritos abaixo, descreva a frequência com que interage com os mesmos e os recursos envolvidos nesse relacionamento.

Nomes:	Função/ Cargo	Número da escala abaixo que melhor descreve com que frequência você interage com cada uma das pessoas. 1 = Diariamente 2 = Semanalmente 3 = Quinzenalmente 4 = Eventualmente 5 = Raramente 6 = Nunca	Recurso Relacionado (citar mais de um se houver) 1=Apoio a Solidariedade 2=Orientação Aliança Política 3=Dicas Sobre Campanha 4 = Financeiro 5 = Apoio pleitos pessoais no contexto político 6= Mobilizar Militantes 7= Orientação sobre economia, políticas públicas 8 = Informação sobre o partido 9= Informação sobre ambiente Político 10= Informação sobre correligionários
1. Ator A	Vereador - Betim		
2. Ator B	Vereador - BH		
3. Ator C	Deputado Estadual		
4. Ator D	Deputado Estadual		
5. Ator E	Vereador - Contagem		
6. Ator F	Deputada Federal		
7. Ator G	Prefeito - Contagem		
8. Ator H	Vereador - Contagem		
9. Ator I	Vereador - Contagem		
10. Ator J	Deputado Federal		

